SOB
O
SOL

Laertes Vinicius Brignoni Jocoski

SOB O SOL

1ª Edição

Clube de Autores
Mangueirinha
2019

Publicado no ano de 2019
Impresso no Brasil

Arte de capa por Vitória Paes
@ilustrevitoria

Edição geral, montagem de capa e diagramação por
Laertes Vinicius Brignoni Jocoski
E-mail par contatar o autor: laertesvbj@hotmail.com

	Brignoni Jocoski, Laertes Vinicius
J63	Sob o Sol / Laertes Vinicius Brignoni Jocoski. – Mangueirinha, 2019.
	162 f.
	Bibliografia
	ISBN
	1. Ficção. 2. Ficção Nacional.
	CDD B869.3
	CDU 82-311

Capítulo 1

Depois de três meses trabalhando na costa do Rio de Janeiro, a única coisa capaz de recuperar as energias de Júlio era voltar para casa, pois o ar frio da Serra Gaúcha agia como um remédio poderoso para ele, aliviando a tensão na região da nuca e desacelerando os batimentos cardíacos. Mesmo dirigindo um Toyota Corolla com ar-condicionado, ele fazia questão de deixar os vidros abertos enquanto subia pela RS-020 em direção à casa de seu irmão Carlos, em São Francisco de Paula. Júlio também tinha uma casa na cidade, há duas quadras da casa de seu irmão, mas depois do divórcio ele praticamente não entrara nela.

Além do ar agradável, outra coisa o fazia retornar àquela região: seu filho Gustavo. Agora com 6 anos, o piá estava mais inteligente do que nunca e adorava ouvir as histórias que seu pai contava sobre as grandes plataformas de perfuração e extração de petróleo. Júlio gostaria de ter a guarda definitiva dele, é claro, mas tinha consciência de que sua profissão certamente o impediria. Contudo, sabia que sua ex-mulher amava o filho tanto quanto ele e, por ter estabilidade e um emprego com horário normal, era a melhor opção para o bem de Gustavo. Por mais que a relação de Júlio com ela fosse fria e cheia de mágoas, não havia entre os dois sentimento de vingança, tampouco tentativa de utilizar a criança como meio de manipulação, como é muito

comum entre as pessoas que não sabem resolver seus próprios problemas de maneira minimamente civilizada.

Apesar da distância, Júlio mantinha contato regular com seu filho por meio das fotos e vídeos que seu irmão enviava, geralmente nas ocasiões em que Gustavo passava o dia todo brincando com seu primo, apenas onze meses mais velho.

Carlos tinha uma vida bem menos movimentada do que a de seu irmão, e sua família era o que se pode chamar de "família perfeita". Ele era agrônomo em uma cooperativa da cidade, mas ocasionalmente prestava serviços particulares à alguns conhecidos e amigos. A esposa trabalhava no departamento jurídico da prefeitura local, tinha uma horta no quintal dos fundos, fazia bolos sob encomenda e sua energia parecia inesgotável. Desde que seus pais faleceram, Júlio e Carlos fortaleceram profundamente o vínculo entre si, e aquela casa verde de madeira era um lar compartilhado por ambos, a fortaleza onde estariam protegidos do mundo.

– Olha lá quem chegou! – Disse Susana, chamando atenção dos priminhos que brincavam com alguns carrinhos na grama em frente à casa.

– Pai! – Gritou Gustavo e, com seu primo no encalço, correu em direção ao pai e lhe abraçou. – Pai, sabia que eu e o Pedro estamos furando um poço para encontrar petróleo, mas não é petróleo normal é petróleo que vai em nave espacial?

– Sério, filhão? – Disse, com o filho ainda no colo, caminhando em direção à cunhada. – Susana, eu acho que estes dois têm futuro, viu.

– Com certeza. – Respondeu ela, convidando-o para entrar. – Cansado da viagem? Teu irmão foi buscar umas coisas para o café, mas já deve estar chegando.

– Bom, estou um pouco cansado, mas estar aqui repõe minhas energias. – E deu um tapinha nas costas do filho, que já voltava para a brincadeira.

– Ficarás quanto tempo desta vez? – Susana perguntou, enquanto estendia uma toalha de mesa.

– Vinte dias, a princípio. Mas existe a possibilidade de que adiem o encontro com os engenheiros coreanos, e eu então ganho uma semana a mais.

– Gostaria que houvesse uma reserva de petróleo sob a Serra tão grande quanto a que há sob o mar do Rio. – E, olhando porta afora, continuou: – Acho que teu filho gostaria também.

Nesse momento, cruzava o portão Carlos, carregando algumas sacolas. Já tinha a saudação preparada no momento que viu o carro do irmão mais velho:

– Mas bah! E esse teu Grêmio que só me dá alegria! – E, após um soco no ombro do Júlio, sentou-se à mesa.

– Meu time pelo menos joga a final, não dá vexame contra time de segunda linha.

– Não tem nada melhor para falar não, Carlos? – Repreendeu Susana.

– Além do irmão, ainda tive que arrumar uma mulher gremista, eu mereço. – E deu um beijo na esposa.

Os dias que se seguiram foram muito agradáveis. Júlio passou grande parte do tempo com seu filho, ajudando-o com as tarefas da escola e brincando de tudo que ele propunha. À tardinha, costumava caminhar com seu irmão e,

por duas vezes, jogaram futebol com os velhos amigos da cidade. Sempre que Júlio visitava São Francisco de Paula ele engordava, pois a comida caseira era muito melhor do que a dos restaurantes ou mesmo do refeitório que havia em seu local de trabalho, além disso, eram comuns os churrascos e também idas às pizzarias e lanchonetes da cidade.

Os únicos momentos desagradáveis eram aqueles em que sua ex-mulher levava ou buscava o filho do casal. Ela era educada, combinando os horários com antecedência com Susana, e não saía de dentro do carro. Mesmo assim, Júlio criava um repentino interesse pelo quintal dos fundos sempre que ela chegava.

No sábado seguinte à sua chegada, após seu filho voltar para casa da mãe, Júlio e seu irmão se sentaram na frente da casa e, chimarreando, aproveitaram a última tarde do horário de verão.

– Tua casa está quase engolida pelo mato. – Disse Carlos.

– Pois é, tenho que mandar cortar a grama essa semana.

– Olha, seja realista, tu nunca vai voltar a morar lá. – Continuou o irmão, enchendo a cuia. – Tu sempre fica aqui em casa quando pega folga. E não, não estou reclamando disso, tu sabe que é sempre muito bem-vindo aqui. Mas pense pelo lado prático, o melhor negócio é dar uma geral na tua casa e vender.

Júlio sabia que o irmão estava correto, mas protelava qualquer coisa que envolvesse a casa.

– Eu penso em deixar ela para o Gustavo.

– Mas então por que tu não aluga ela? Então quando ele tiver idade tu passa para o nome dele. Tu pode até abrir uma poupança pro guri e depositar o valor do aluguel todo mês.

– É uma ideia.

– Eu sei que é uma barreira para ti. – Disse Carlos pondo a mão no ombro do irmão. – Mas não fique te prendendo ao passado, agora que tudo acabou não tem sentido em se apegar àquela casa.

– Eu sei que você tem razão. – Respondeu, observando um casal que passava caminhando em frente à casa. – Mas é difícil pensar em vendê-la.

– Mas reforme ela e alugue, se você deixar assim abandonada ela vai desmanchar com o tempo.

– Você está certo. – Capitulou Júlio. - Não posso deixar isso para lá o resto da vida. Essa semana vou resolver isso.

– Aí sim gaudério! – Riu o irmão e, alteando a voz, continuou: - Amor, você me deve uma caixa de cerveja.

– Vocês apostaram? – Riu também Júlio. – Vai ter que dividir comigo essa caixa.

– Só se tu pagar a carne.

– Sabe de uma coisa, eu pago. – E, levantando, disse ao irmão: – Faz o fogo aí, vou comprar uma carninha pra gente assar.

– Esse é o meu irmão! – E, também levantando, continuou: – Essas horas só tá aberto o Dia %, mas a carne lá é boa.

– Deixe comigo. – E, dentro de alguns instantes, estava na rua.

Júlio virou a esquina e algo lhe chamou a atenção. Havia uma Land Rover estacionada em frente à sua velha casa, e duas pessoas aparentemente bem vestidas a estavam observando com interesse. Ele pensou por um momento que poderiam ser possíveis compradores para o imóvel e, mesmo com uma parte de si sendo contrária à ideia, decidiu reduzir a velocidade e parar próximo aos dois. Um deles era um homem de meia idade, visivelmente cansado, com um rosto redondo e grandes olheiras. A outra pessoa era uma mulher muito bonita, cabelos pretos e baixa estatura, usando óculos com aros transparentes e carregando uma pequena maleta de couro.

– Buenas. – Disse, abaixando o vidro do carona. – Precisam de alguma coisa?

– Boa tarde, senhor Sampaio! – Respondeu a mulher, sorrindo ao reconhecer o rosto do engenheiro. – É realmente uma coincidência fortuita encontrá-lo aqui. Meu colega já estava dizendo que havíamos perdido a viagem.

Júlio ficou em silêncio por três segundos, sentindo um misto de confusão, espanto e, curiosamente, medo. Passou pela sua mente a ideia de acelerar e deixar aqueles desconhecidos para trás, contudo, ele apenas disse:

– Você sabe quem eu sou, mas eu não sei quem são vocês.

– Nos perdoe se nossa apresentação causou algum desconforto. – Disse a mulher, abaixando-se próxima à janela do veículo. – Me chamo Eduarda e aquele é meu colega Cerdan. Nós somos representantes de uma companhia de perfuração e fizemos uma grande viagem apenas para conversar com o senhor.

– Entendo. – Disse Júlio, agora mais calmo, embora ainda estranhando aquela situação. – Vocês poderiam ter me ligado ou mandado um e-mail, creio que seria mais fácil do que descobrir o endereço da minha velha casa e viajar até ela sem a certeza de me encontrar.

– Muito perspicaz, senhor Sampaio. – Disse a mulher. – Mas a nossa proposta envolve um projeto bastante sigiloso, e nossos superiores insistem que a apresentemos pessoalmente.

Júlio já havia recebido propostas de trabalho anteriormente, entretanto, nenhum fora tão suspeita. Embora a mulher sorrisse confiante e aquele homem parecesse muito mais com um motorista do que com um guarda-costas armado e pronto para atacar, algo lhe dizia que o método deles era discutível e inquietante.

– Proponho que nos acompanhe até um restaurante de sua preferência para que possamos discutir os termos da nossa proposta. – Convidou Eduarda.

– Infelizmente eu tenho um compromisso inadiável hoje à noite. – Disse Júlio. De fato, considerava o churrasco na casa de seu irmão mais convidativo do que um jantar com aqueles dois. – Podemos conversar amanhã à noite, o que acham? – Assim, ele ainda ganharia tempo para refletir sobre a situação.

– Claro, como o senhor desejar. – Respondeu Eduarda, escondendo o desapontamento. – Onde podemos nos encontrar?

– Tem um restaurante muito bom à beira da rodovia, sentido Três Coroas, chama-se Castelli Resto. Sugiro nove horas, pode ser?

– Para nós está perfeito. Agradecemos a atenção e pedimos novamente desculpas se causamos má impressão. Asseguro que nossas intenções são legítimas e que nossa oferta será irrecusável.

– Tudo bem. Aliás, como é o nome da empresa para qual trabalham?

– Perdoe-me novamente, senhor Sampaio, mas me reservo no direito de causar uma segunda impressão melhor do que a primeira e, portanto, apresentarei tudo amanhã.

– Certo. – Respondeu Júlio, novamente desconfiando do comportamento de ambos. – Até amanhã então.

– Até amanhã! – Despediu-se Eduarda com um aceno. O homem também acenou levemente, embora não parecesse estar prestando atenção na conversa.

Júlio os deixou e seguiu em direção ao mercado, sem parar de pensar no curioso encontro, e em qual seria a misteriosa proposta.

Capítulo 1

Exausto, Miqel voltava para casa após um dia particularmente cansativo, na companhia de seu colega, vizinho e amigo, Ardur. Logo no começo do seu turno, duas brocas tinham se partido e prendido em uma camada de rocha a quatrocentos metros de profundidade. A única forma de retirá-las e substituí-las era descendo direto pelo buraco de pouco mais de um metro de diâmetro e quebrando manualmente a rocha, suspenso apenas por cabos.

Poucos conseguiam ou aceitavam trabalhar nessas condições, mas, para aqueles que topassem o desafio, havia uma gratificação em dinheiro para cada metro descido. Miqel era um dos únicos da equipe que não sentia desconforto físico e psicológico nessas condições, tendo descido em certa ocasião oitocentos e trinta e cinco metros sem auxílio de traje pressurizado. Além disso, era conhecido por não ter medo de ficar suspenso em grandes profundidades, bem como pela habilidade em trabalhar em locais apertados e com ar rançoso.

– Vai fazer o que com a gratificação de hoje? – Perguntou Ardur, sem cerimônias.

– Vou guardar. – Respondeu Miqel, com uma rápida olhada para o amigo.

– Viva um pouco, *qexo*! Nós temos uma profissão arriscada e você pode estar morto amanhã, de que adianta acumular dinheiro?

– Se você quer morar para sempre num condomínio apertado e fedido, com racionamento d'água uma vez por semana, o problema é seu. Você sabe que me vejo no futuro morando num bairro verde.

– Você sonha demais. Aqui nós temos tudo que precisamos, é só aprender a aproveitar. Se algum dia você conseguir comprar uma casa só sua, com um belo jardim e uma árvore, vai estar tão velho que não vai poder aproveitar.

– Olha, Ardur, se eu morrer antes de comprar uma casa, você pode ficar com meu dinheiro. Assim está bom para você?

– Vamos fazer um testamento. – Riu o amigo. – Juro que não solto os cabos enquanto você está pendurado a 300m do fundo do poço.

Depois de mudar de assunto algumas vezes, os colegas de trabalho chegaram ao condomínio Bloca Lurd, onde viviam há quase seis anos, desde que passaram a trabalhar para a Perfuranc, a companhia responsável pela perfuração de poços artesianos em toda região alta do estado, conhecida pela temperatura média superior aos 30°C. Boa parte daquele bairro amarelo era composto por grandes condomínios, e boa parte dos moradores desses condomínios eram funcionários das companhias de mineração e perfuração, vivendo em condições precárias.

O Bloca Lurd era composto por dois grandes blocos de apartamentos, com quase cento e cinquenta moradores cada, além de uma área comum entre eles, que servia como

espécie de mercadão do bairro, atraindo pessoas dos condomínios vizinhos. Entretanto, o que fazia mais sucesso entre os moradores não eram as barraquinhas de *bures* e os vendedores de chapéus, mas sim o bordel existente nos apartamentos finais do corredor térreo do bloco A. Muitos trabalhadores no lugar de Miqel gastariam todo o valor da gratificação no mesmo dia, se embriagando nos braços de alguma mulher de higiene duvidosa.

As companhias forneciam moradia gratuita para seus funcionários, com a condição que fosse nos apartamentos coletivos. Miqel e Ardur optaram por pagar um pequeno aluguel e ficar nos apartamentos individuais, mas por razões diferentes. Ardur alegava que só dormiria no mesmo quarto com outra pessoa quando esta fosse uma bela mulher, embora sua noção de bela mulher fosse consideravelmente ampla. Miqel, no entanto, gostava de ter privacidade e manter a casa organizada conforme sua própria vontade. Não era à toa que se dava bem nas perfurações profundas, pois gostava do silêncio e da temperatura amena abaixo da superfície.

Os apartamentos deles ficavam no segundo andar do bloco B, a menos de vinte metros um do outro. Eram apertados, cerca de dezoito metros quadrados, compostos por três cômodos, sendo um quarto, um banheiro e uma sala. No banheiro havia apenas um vaso sanitário e uma pia diminuta, já que os chuveiros ficavam no centro de cada corredor, em um banheiro coletivo, separados por divisórias opacas. O quarto tinha espaço para uma cama de solteiro e um pequeno guarda-roupa, e nele estava localizada

a única janela do apartamento, a qual Miqel mantinha constantemente fechada, pois estava diretamente voltada para o sol. O terceiro cômodo era utilizado de maneira bastante diversa entre os moradores do Bloca Lurd. Alguns o utilizavam como sala de estar ou lazer, outros improvisavam uma cozinha, poucos o transformaram em algum tipo de oficina ou local de comércio, e apenas um fizera dele um grande quarto com fins carnais: Ardur.

Miqel, contudo, organizara o cômodo para servir de depósito, e ali ele guardava todos os itens que acreditava que seriam movidos para sua futura casa. Ele vinha adquirindo diversos objetos nos últimos três anos, como cadeiras e uma pequena mesa redonda de madeira, compradas de um colega de trabalho que fora demitido, e uma larga e pesada estante, que ele encontrara desmontada e abandonada nas proximidades do Bloca Lurd. Além dos móveis, Miqel acumulava utensílios domésticos, itens decorativos e uma ou outra inutilidade, como por exemplo o *violano* que ele não sabia tocar.

Apesar de serem muito diferentes, Miqel e Ardur compartilhavam algumas coisas em comum, como o gosto musical e o senso de humor. Ardur se provara um amigo de verdade quando assumiu a culpa por um erro que Miqel cometera quando ainda estava no período de experiência, e a punição para ele certamente seria a demissão. Os dois também formavam uma equipe eficiente no trabalho, e o entrosamento entre eles era útil nas situações em que um pequeno erro na comunicação poderia comprometer uma perfuração ou até danificar um equipamento caro.

A Perfuranc era a maior companhia de perfuração e mineração do estado, e a única e prestar serviços exclusivos ao governo. Ao longo da última década, tinha praticamente dobrado seu poderio, engolindo duas de suas principais concorrentes, uma das quais Miqel era funcionário. Atualmente, Miqel e Ardur trabalhavam na divisão de poços artesianos, a maior e mais antiga da companhia.

A perfuração de poços artesianos era vital para garantir o fornecimento de água para a população e para a agricultura, mas, conforme o tempo passava, era necessário cavar cada vez mais fundo para encontrar aquíferos relevantes. A população crescente demandava cada vez mais água, e os racionamentos se tornavam um problema social alarmante, exigindo uma atitude imediata. A equipe de Miqel perfurava em busca de um aquífero que seria capaz de suprir as necessidades de toda a região, e essa operação estava sendo financiada pelo governo como parte do plano para restaurar a normalidade no fornecimento de água à população. Miqel acreditava que se o trabalho deles rendesse frutos, aquela região poderia se transformar positivamente, passando de um amontoado de rochas e colinas áridas para um lugar com verdes plantações e abundância de recursos.

No dia seguinte, Miqel e Ardur se uniram aos trabalhadores da Perfuranc que marchavam em direção ao campo de perfuração, localizado a aproximadamente vinte minutos do Bloca Lurd, na encosta de uma pequena escarpa. Os trabalhadores, diferentemente de quando voltavam ao final do dia, mantinham-se em uma caminhada si-

lenciosa, com apenas uma ou outra conversa e nenhuma risada. Cada dia de trabalho exigia muita energia e força física para a maioria deles, e alguns, dependendo do que fosse necessário para o andamento das perfurações, arriscariam a própria vida nos túneis. Ocasionalmente ocorria algum acidente fatal ou que causava ferimentos irreversíveis, e o nome do trabalhador era escrito em murais que ficavam em todos os gabinetes gerenciais da companhia, sob o título "Não nos esqueceremos", como forma de homenagem. Assim, a volta para casa sempre era mais alegre e cheia de conversas pois, por mais um dia, o nome deles não estava escrito naqueles murais.

– Hoje amanheci com uma dor nas costas, *qexo*. – Disse Ardur, enquanto assinavam o livro ponto.

– Dormiu de mal jeito?

– Não, acho que exagerei naquela matriz giratória ontem, deveria ter pedido ajuda.

– Tente pegar leve hoje, precisamos romper aquela camada de rocha ou teremos que começar tudo de novo.

Miqel colocou o capacete e calçou as luvas, entrando no túnel que levava até a base de perfuração, escavada no interior da escarpa, a quase trinta metros de profundidade. O local era muito barulhento e consideravelmente sujo, pois grandes quantidades de terra e sedimentos eram retiradas das duas perfurações paralelas. A despeito dessas características, a maioria dos trabalhadores achavam o ambiente agradável, principalmente pela temperatura mais baixa do que a da superfície.

– Ei Lauro, dá uma olhada aqui no suporte do trilho de carga. – Chamou Miqel, que estava monitorando as cestas de metal que subiam do túnel secundário.

– O que houve? – Respondeu o colega, aproximando-se do trilho.

– Não sei como isso foi acontecer, mas assim que ela voltou, o cabo prendeu na rótula do miolo. Tentei tirar, mas está muito pesado, e se a gente tiver que tirar toda essa terra vai ser uma bagunça.

– Acho que se a gente inclinar a cesta e afrouxar o miolo, podemos tirar o cabo sem problemas.

– Vai precisar disso? – Perguntou Ardur, trazendo a alavanca de 60 polegadas.

– Boa, *qexo*. – Agradeceu Lauro, pegando a alavanca e posicionando abaixo da cesta de metal. – Preciso que você faça força aí agora, vou prender a lateral para evitar que o lado de lá vire demais.

– Certo. – Disse Ardur se inclinando.

– Eu te ajudo, *qexo*. – Disse Miqel, pegando em lado da barra da alavanca. – Esse negócio pesa mais de meia tonelada.

– Minhas costas agradecem.

Os dois pressionaram a alavanca com o peso do corpo, fazendo a cesta inclinar e derrubar um pouco de terra. Lauro estava tentando encaixar a chaveta no miolo e disse:

– Calma pessoal, só mais um pouco. Não inclinem demais senão ela vira.

– Vai rápido aí! – Ofegou Ardur.

– Só mais um pouco, agora eu preciso soltar o cabo da rótula. – Respondeu Lauro, mantendo a tranquilidade de sempre. – Pronto, mas soltem a alavanca devagar, senão ela volta na cara de vocês.

Houve um breve rangido e um estalo quando a alavanca foi retirada.

– Valeu, pessoal. – Disse Lauro, limpando o suor da testa com o antebraço.

– Vou lubrificar essa rótula. – Disse Miqel.

– Eu pego o óleo pra você. – Falou Ardur, virando-se.

– Você só quer enrolar e descansar um pouco, *qexo*. – Riu Miqel. – Se não voltar em cinco minutos eu te denuncio pro gerente.

Ardur sequer olhou para trás, e seguiu em direção ao depósito, levantando a mão e mostrando o dedo do meio para Miqel e Lauro, que se entreolharam sorrindo. Ambos voltaram ao trabalho, e Miqel manobrou a cesta pelo trilho em direção à saída, entregando-a aos colegas que eram responsáveis por descarregar a terra fora da base de perfuração.

O colega só voltou à base depois de quase meia hora, e não trazia nas mãos o óleo lubrificante, mas sim uma expressão nervosa no rosto. Apenas Miqel notou, indo ao encontro do amigo e perguntando:

– O que houve lá em cima?

– O gerente pediu pra te chamar.

– Ele disse o que era?

– Não, ele apenas me chamou quando eu estava saindo do depósito. Na hora eu achei que ele fosse me repreender por demorar demais no depósito, mas quando entrei no gabinete eu vi que tinha alguém lá, com uma roupa cara e óculos escuros. Dá pra acreditar, *qexo*? Óculos escuros.

– Quem era?

– Supervisor da companhia, um sujeitinho entojado. O gerente me fez deixar o óleo na mesa para cumprimentá-lo, e acabei deixando ele lá porque na hora fiquei nervoso e esqueci de pegar de volta.

– E o que ele disse?

– Ele não disse nada, mas o gerente pediu que eu viesse aqui buscar você sem chamar a atenção do pessoal.

– Eu não fiz nada. – Justificou-se Miqel.

Ardur deu os ombros e disse:

– Não costuma ser coisa boa quando essa gente vem até aqui, mas não temos escolha senão ir.

– Tem razão. – Suspirou Miqel. – Vamos lá.

Capítulo 2

– Júlio, tem certeza que não quer que eu vá junto a esse jantar, só por garantia? – Perguntou Carlos, enquanto o irmão pegava as chaves do carro de cima da mesa.

Na noite anterior, Júlio contara ao irmão e à cunhada sobre o encontro com a estranha dupla e sua misteriosa proposta. Ambos foram céticos, não depositando confiança em pessoas com aqueles métodos de negociação. Júlio, contudo, os tranquilizava dizendo que não pareciam realmente perigosos e que, como estariam em local público, qualquer problema ele os avisaria imediatamente pelo celular.

– Ainda acho que eles fazem parte de alguma empresa nova no mercado, com pessoal inexperiente. – Opinou Susana. – Com o carro que você mencionou, tenho certeza que não são bandidos. Não me surpreenderia se eles fossem os próprios donos ou sócios da empresa.

– Faz sentido. – Concordou Júlio. – Eu tenho quase certeza que a proposta deles não será tão intrigante quanto o encontro de ontem. Empresas maiores já tentaram me recrutar, mas nunca fizeram ofertas realmente vantajosas e eu duvido que a deles faça.

– Também não precisa se gabar. – Riu Carlos. – Ainda assim, eu fiquei com a pulga atrás da orelha. Tu disse que o homem não abriu a boca. Se ele fosse sócio, teria forçado pelo menos um sorriso e um boa tarde.

– Tinha cara de motorista. – Disse Júlio. – Talvez a intenção fosse demonstrar que fazem parte de uma empresa com bastante dinheiro.

– Talvez eles sejam como um daqueles clubes chineses de futebol e suas propostas milionárias. – Sugeriu o irmão.

– Terei que aprender chinês, então. – Brincou Júlio. – Gente, vou nessa. – E saiu.

Embora não fosse uma entrevista tradicional de emprego, a pontualidade era uma coisa pela qual ele prezava muito, e Júlio fez questão de chegar alguns minutos adiantado, a fim passar a impressão de responsabilidade e interesse pela oferta. No momento, a curiosidade suplantara as suspeitas e, enquanto dirigia, não pode deixar de pensar que talvez a proposta fosse mesmo como a de algum clube de futebol chinês.

Ao avistar o restaurante, viu também a Land Rover, e estacionou em uma vaga ao lado dela. Assim que entrou, deu uma olhada geral no ambiente e logo encontrou Eduarda e Cerdan em uma mesa no canto esquerdo. Caminhou em direção a eles e, assim que eles o viram, levantaram-se para cumprimentá-lo.

– Boa noite, senhor Sampaio. – Disse Eduarda. Seu colega fez apenas um leve sinal com a cabeça.

– Podem me chamar de Júlio. – Disse, sentando.

– Certo. – Disse Eduarda. – Perdoe meu colega Cerdan, ele não fala português.

– Devemos conversar em inglês? – Perguntou Júlio educadamente, pois era fluente nesta língua.

– Não é necessário, depois eu faço um resumo da nossa conversa para ele. – Respondeu Eduarda. – E, cá entre nós, conversar em português é muito melhor.

– Concordo.

– Júlio. – Disse Eduarda notando a aproximação do garçom. - O que acha que de pedirmos algo antes de falarmos de negócios?

– Ótima ideia. Posso recomendar os melhores pratos, se você quiser. – Sugeriu Júlio.

Eduarda aceitou a oferta, e Júlio fez o pedido com a certeza de que não iria decepcioná-los, pois a comida do Castelli Resto era melhor até do que de muitos restaurantes chiques do Rio de Janeiro. Cerdan estava absorto, aparentemente sem se importar com o que acontecia na mesa, ora deslizando os dedos na tela do celular, ora observando as pessoas nas outras mesas. Júlio ocasionalmente olhava para ele, pensando o quanto deveria ser tedioso estar em um ambiente onde ninguém fala sua língua.

Enquanto esperavam os pedidos, Júlio e Eduarda conversaram apenas sobre assuntos triviais, como o clima, as belezas da Serra Gaúcha e a diferença entre os restaurantes nas diversas regiões do Brasil. Eduarda contou que era mineira de Uberaba, e que seu amigo Cerdan era belga, mas vivia há dezessete anos na Flórida.

– Mas vocês não vieram dos Estados Unidos até aqui apenas para conversar comigo, vieram? – Perguntou Júlio.

– Dos Estados Unidos não, da Argentina. – Respondeu Eduarda. – Ah, nossa comida chegou.

Pela primeira vez na noite, enquanto o garçom dispunha os pratos na mesa, Cerdan demonstrou interesse por

algo. Júlio aguardou até que Eduarda tivesse provado sua comida, a qual ela elogiou sinceramente, e só então perguntou:

– Vocês trabalham na Argentina?

– Sim, mais precisamente no deserto do Atacama. – Respondeu Eduarda.

– Não ouvi nada sobre terem encontrado petróleo naquela região, agora entendo o motivo de tanto sigilo por parte de vocês.

– Não é petróleo que buscamos naquele deserto. – Disse Eduarda, abaixando o volume da voz. – Nosso projeto é de cunho científico e experimental.

Júlio ficou confuso, tinha quase certeza que eles representavam alguma empresa petrolífera, ou, na pior das hipóteses, alguma empresa de exploração que visava lucro. Projetos exclusivamente científicos dificilmente teriam verba suficiente para recrutar profissionais de renome de grandes companhias já estabelecidas.

– Estamos há dois anos trabalhando em um projeto conjunto, financiado pelas Nações Unidas e por vários conglomerados empresariais ao redor do globo. – Continuou Eduarda. – Há dezenas de cientistas envolvidos, geólogos, físicos, químicos e até mesmo botânicos e biólogos, sendo que muitos deles são os maiores expoentes em suas respectivas áreas.

– Bom, agora entendo menos ainda qual seria minha utilidade para sua pesquisa. – Disso Júlio francamente.

– O cerne de nossa exploração se baseia na perfuração profunda e, sendo assim, necessitamos de grandes profissionais dessa área, engenheiros experientes assim como o senhor.

– Continuo curioso. – Falou Júlio. – O que os levou a mim nesse momento, levando em consideração que já estão há dois anos trabalhando nesse projeto.

– Júlio, o nome Jaime José de Barros lhe é familiar?

– Certamente. – Respondeu Júlio, levantando as sobrancelhas. - Nós trabalhamos juntos durante meu doutorado, mas eu só o conheci pessoalmente durante uma conferência na Alemanha, há uns quatro ou cinco anos. É um engenheiro brilhante, pioneiro tanto na teoria quanto na prática.

– Caso o senhor aceite nossa proposta, integrará a equipe de pesquisa liderada pelo doutor Barros. – Disse Eduarda. – Estamos em um ponto importante do nosso projeto e o seu nome foi indicado pessoalmente por ele. A admiração dele pelo senhor é recíproca.

– Estou surpreso. – Disse Júlio. – E também estou muito intrigado. Qual é exatamente o objetivo desse projeto?

– Tudo que posso lhe dizer é que nossa exploração envolve um inovador estudo geológico, aliás, multidisciplinar, por meio, principalmente, da perfuração profunda da crosta terrestre. Nossos resultados até o momento indicam que mudaremos tudo que a humanidade sabe sobre o que há abaixo dos seus pés. – Ela fez uma pausa enquanto o garçom retirava os pratos sujos. – Infelizmente, devido à importância e ao caráter extremamente sigiloso deste projeto,

não posso lhe dar mais detalhes a menos que o senhor decida fazer parte da nossa equipe e viajar conosco para o Atacama.

– Deixa eu ver se entendi. – Disse Júlio, reclinando-se. – Você está me propondo que eu deixe meu emprego, que por sinal é um ótimo emprego, para ingressar em um grupo de pesquisa experimental que eu nem mesmo sei do que se trata exatamente?

– Eu lhe trago uma oportunidade de marcar seu nome na história, mas a ambição científica e a referência de seu amigo pesquisador não são meus únicos argumentos. – Falou Eduarda, retirando uma caderneta de couro da bolsa e entregando ao engenheiro.

Júlio abriu a caderneta e ficou em silêncio por alguns instantes. A proposta escrita naquele papel elegante e com timbre imponente era, no mínimo, tentadora. O valor mensal superava consideravelmente o que Júlio ganhava durante um ano inteiro.

– Esse argumento é bem convincente, não acha? – Disse Eduarda com um leve sorriso. – Mas posso garantir que, quando o senhor ver por si mesmo a magnitude do nosso projeto, a remuneração será apenas um detalhe.

– Uau. – Disse Júlio diante da proposta quase surreal que recebera. – Isso parece tentador, mas ao mesmo tempo me parece bom demais para ser verdade. Veja, eu os conheci ontem, e hoje você me apresenta uma proposta que mudaria minha vida de maneira comparável a ganhar na loteria. Com um salário assim eu poderia me aposentar em dois ou três anos.

– Eu lhe garanto que não há nada de errado em nossa proposta, senhor Sampaio, a nossa cautela é unicamente para preservar a pesquisa. Além do mais, é um assunto de interesse internacional, e precisamos das melhores mentes trabalhando juntas.

– Eu não sei o que dizer.

– É como o senhor mesmo disse, poderia se aposentar em dois ou três anos. – Insistiu Eduarda. - Contudo, tenho certeza de que uma vez que o senhor esteja a par de tudo que já descobrimos, vai querer permanecer conosco por mais do que dois anos.

– Qual é o tempo previsto para a conclusão do projeto?

– Qual é o tempo previsto para a conclusão de uma exploração petrolífera? – Rebateu Eduarda.

– Entendo. – Concluiu Júlio. – Mas não posso dar essa resposta agora.

– Eu compreendo. Não esperava que o senhor se decidisse imediatamente, afinal, é realmente uma mudança significante. – Disse Eduarda com um sorriso. – Entretanto, devo ser sincera e lhe informar que nós não podemos aguardar indefinidamente.

– Quanto tempo eu tenho para pensar?

– Cerdan e eu embarcaremos de volta para a Argentina na sexta-feira. – Respondeu Eduarda. – Tomei a liberdade de reservar seu assento no voo, e espero muito que o senhor esteja nele.

– Certo. – Nesse momento, Júlio notou que Cerdan estava prestando atenção na conversa, observando-o com um olhar entediado.

– Ele parece cansado. – Disse Eduarda, fazendo uma leve indicação com os olhos em direção ao colega. Em seguida, aprumou-se na cadeira. – Este é um momento adequado para nos despedirmos, senhor Sampaio. O senhor tem uma decisão importante para tomar, e acredito que queira descansar também.

– Sim, essa proposta provavelmente me tirará o sono. – Sorriu Júlio.

Eduarda fez questão de pagar a conta, e Júlio não teve objeções, sabia que aquilo era o comportamento esperado em uma reunião de negócios. Ele resolveu utilizar o momento para interagir com Cerdan, em inglês. O belga, no entanto, não parecia mais interessado em responder as perguntas do que estava durante o jantar. Isso desencorajou Júlio a continuar tentando e, quando Eduarda voltou a companhia deles, estavam em um silêncio quase constrangedor.

– Bom, espero que este seja apenas um até logo, e não um adeus, senhor Sampaio. – Disse Eduarda.

– Foi um prazer conhecê-los. – Disse Júlio, olhando hesitante para Cerdan, como se ele pudesse entender o que dizia. – Eu devo dizer que não esperava que surgisse algo tão instigante durante minhas férias.

– Imagino. – Sorriu Eduarda. – Apenas peço para que o senhor mantenha nossa proposta em sigilo. É claro, pode compartilhá-la com sua família mais próxima, mas o senhor entende que não podemos correr o risco de que essas informações se espalhem sem o nosso controle.

– É claro, conte com minha discrição. – Garantiu Júlio.

Com apertos de mãos, os três se despediram e rumaram para seus carros. Cerdan parecia aliviado quando entrou na Land Rover, e ligou o veículo rapidamente. Júlio observou o carro sumir na estrada, e ainda permaneceu por alguns minutos no estacionamento, pensando. A falta de detalhes sobre o projeto o deixava intrigado, e a oferta de um salário elevado o deixava empolgado. Essa noite seria longa.

Capítulo 2

O gabinete do gerente era um lugar temido pelos trabalhadores durante todos os dias, exceto aqueles em que eram feitos os pagamentos quinzenais. Miqel estivera ali por diversas vezes, assim como no dia anterior, recebendo a gratificação pela descida no túnel, mas nunca estivera apreensivo como agora. O gabinete fora construído no padrão industrial, com acabamento simples e apenas uma porta, sendo pouco maior do que a sala do apartamento de Miqel. O reboco externo já estava coberto de poeira, dando ao lugar uma cor idêntica à do ambiente ao redor.

Os colegas pararam em frente a porta e se olharam ansiosos. Era possível ouvir vozes dentro do gabinete, mas eles não conseguiram entender sobre o que estavam conversando. Ardur então bateu à porta e, após poucos instantes, o gerente abriu e disse:

– Entrem, os dois.

O gerente era um sujeito grandalhão, com a voz grave e uma expressão compenetrada, capaz de impor respeito apenas com sua presença. Ele tinha a cabeça raspada, mas raramente era visto sem a sua touca marrom, mesmo sob o sol forte, e os trabalhadores costumavam afirmar que ela nunca havia sido lavada. Todo o seu braço esquerdo era enrugado e cascudo, resultado de uma queimadura grave

que ele sofrera na época em que minerava carvão. A despeito de sua rigidez, era justo e tomava decisões corretas no decorrer das obras, supervisionando pessoalmente as etapas mais críticas.

Mesmo sendo imponente, o gerente sumiu aos poucos diante da presença do homem que estava no canto oposto da sala. Ele era baixo, tinha cabelos grisalhos, vestia uma roupa elegante e de aparência cara, e estava com um par de óculos escuros em sua mão. Miqel tinha certeza que alguém assim moraria em uma bela mansão em algum bairro rico da capital, acostumado a frequentar os melhores restaurantes, e que estar em um ambiente tão seco e sujo era, no mínimo, enfadonho.

– Bom dia. – Disse o homem. – Meu nome é Elias Pence, sou Supervisor de Operações da Perfuranc.

– Estes é o rapaz de quem lhe falei. – Falou o gerente apontando para Miqel.

– Prazer em conhecê-lo, senhor. – Disse Miqel nervoso.

– Marco me disse que você desceu mais de oitocentos metros sem traje, isso é verdade?

– Sim, senhor.

– Impressionante. Não temos muitas pessoas como você na Perfuranc, rapaz.

– Obrigado. – Agradeceu Miqel, desejando dizer: "Vá direto ao ponto!".

– Esses dois formam uma boa equipe, eu não gostaria de abrir mão deles, se pudesse. – Disse o gerente, um pouco desconsolado.

– Acho que eles serão melhor aproveitados em um dos nossos projetos de ponta. – Continuou Elias, convidando todos a se sentarem nas cadeiras simples do gabinete.

Miqel olhou para seu colega e percebeu que ele ainda estava nervoso, provavelmente sem entender que a situação era muito melhor do que tinham imaginado. Pois se esse homem realmente os queria trabalhando em outro projeto melhor do que o setor de poços artesianos, isso consequentemente significaria um pagamento maior e provavelmente uma mudança para a capital ou alguma região mais desenvolvida.

– Ultimamente tem sido difícil encontrar trabalhadores que aceitam desafios. – Disse Elias, juntando as mãos. – A maioria das pessoas prefere não correr riscos, mas como eu sempre digo, são os riscos que trazem as oportunidades e as oportunidades que movem a vida. Pelo que ouvi, vocês são pessoas que não temem se arriscar, especialmente você, Miqel, e, portanto, eu lhes trago uma oportunidade. Uma oportunidade que moverá a vida de vocês para um novo caminho.

Ardur sorria amarelo, pois o que Elias dizia era pertinente apenas a Miqel. Ardur tinha sido posto ali por causa da parceria de longa data que tinham, mas ele sempre atuara como suporte, nunca tendo se arriscado como Miqel costumava se arriscar.

– Estamos trabalhando em um grande projeto na região do deserto, financiado exclusivamente pelo governo. – Continuou Elias. – Temos os melhores nomes da ciência e da engenharia à nossa disposição, mas chegamos em um

estágio onde necessitamos do bom e velho homem trabalhador.

Miqel começou a entender a situação. Esse homem precisava de pessoas que pudessem arriscar suas vidas em alguma perfuração arriscada, pois não poderiam se dar ao luxo de perder "os melhores nomes da ciência e da engenharia". Elias mantinha um tom de voz firme e convincente:

– Temos muitas pessoas boas e comprometidas ao nosso lado, mas, assim como aqui, nem todos são corajosos o bastante para desempenhar funções que estejam além de suas atribuições rotineiras.

Ardur estava cada vez mais perturbado com a situação, mas Miqel tentava ao máximo desvendar o que aquele homem dizia nas entrelinhas. Sendo ele um supervisor da companhia, não seria mais prático apenas requisitar uma transferência para os dois? Qual era a necessidade de vir pessoalmente àquele campo de perfuração remoto para falar com dois trabalhadores comuns?

– Quero que encarem isso como uma promoção. – Prosseguiu Elias com seu discurso. – Nós recompensaremos qualquer risco que vocês venham a correr, e a remuneração quinzenal será o triplo do que vocês recebem aqui.

O gerente arregalou os olhos. A proposta que o supervisor estava fazendo parecia constrange-lo, e Miqel podia entender o porquê: se os dois aceitassem, passariam a ganhar mais do que ele.

A expressão de tensão no rosto de Ardur suavizou pela primeira vez desde que se sentara. A oferta em dinheiro pareceu seduzi-lo por um momento, mas aos poucos

essa empolgação repentina deu lugar à preocupação. Uma proposta assim certamente trazia riscos que ele não gostaria de correr, independentemente da remuneração.

Miqel estava decidido a agarrar essa oportunidade. Ele confiava na sua capacidade em trabalhar nas perfurações profundas, e esperava fazer quantas operações extras fossem necessárias. O fato de receber o triplo do que recebia atualmente, além do possível dinheiro extra pelas operações de risco, adiantaria seus planos de maneira anteriormente inimaginável. Seu sonho finalmente poderia estar próximo de se realizar.

– Percebo que vocês gostaram da ideia. – Disse Elias, erguendo as sobrancelhas e esboçando um sorriso.

– Sim, senhor. – Assentiu Miqel. – Essa oportunidade é boa até demais.

Ardur permaneceu em silêncio, mas acenou positivamente. Elias expandiu o sorriso e perguntou:

– Posso contar com vocês?

– Sim, senhor. – Respondeu Miqel, tentando passar firmeza em sua voz.

– Senhor Pence. – Disse Ardur, relutante. – Existe a possibilidade de voltar atrás caso eu não me adapte ao novo trabalho?

– Nós precisamos de pessoas decididas. – Respondeu Elias, assumindo um tom sério. – Caso você esteja em dúvida, sugiro que esqueça tudo isso que conversamos e volte ao trabalho naquele buraco lá atrás.

Um clima de leve tensão tomou conta do ambiente, e Miqel olhou firme para o colega, torcendo para que isso o encorajasse a aceitar a proposta também. A companhia de

Ardur seria de muito valor nessa nova etapa, pois além do entrosamento que tinham durante o trabalho, um amigo torna qualquer adaptação mais fácil.

– Tudo bem, estou dentro. – Disse Ardur após um momento de hesitação.

– Ótimo! – Disse Elias, levantando-se. – Estão dispensados do trabalho por hoje.

– Senhor Pence. – Disse o gerente, parecendo angustiado. – Eu ainda preciso dos dois até que terminemos o trabalho e...

– Marco. – Interrompeu o supervisor. – Quero que esses dois estejam amanhã de manhã na estação, prontos para embarcar no transporte das nove horas. Quanto ao trabalho aqui, dou permissão para que você anuncie na cidade que a Perfuranc está contratando. Tenho certeza que o senhor encontrará rapidamente dois substitutos.

– Sim, senhor. – Disse o gerente, com um tom de voz inconformado.

O rosto de Elias assumiu uma expressão severa, e ele advertiu os três:

– Os detalhes desta reunião devem permanecer nesta sala. Não quero que vocês dois contem nada desnecessário aos seus colegas. Se alguém perguntar, digam apenas que receberam uma transferência para um novo setor de perfuração. Marco deverá dizer a todos que vocês foram escolhidos por mérito e coragem, quem sabe isso incentive mais trabalhadores a aceitarem riscos.

– Como quiser, senhor Pence. – Disse Marco. – De certa forma foi isso mesmo que aconteceu.

– Mas digam apenas isso e nada mais. – Frisou Elias, e olhou para Ardur e Miqel. – Amanhã estejam na estação às nove horas, mostrem seus documentos ao gerente do local e receberão as passagens. Levem apenas o necessário e deixem as chaves de onde moram com o responsável, a empresa providenciará o transporte do restante quando for conveniente.

– Entendido. – Disse Miqel. Ardur apenas assentiu.

– Bom, estão dispensados. – Disse Elias, indicando a porta.

Os dois colegas saíram do gabinete e seguiram em silêncio até o vestiário, onde finalmente Ardur quebrou o silêncio, enquanto tirava as luvas:

– O que foi isso, *qexo*?

– Eu sei que parece muito precipitado, mas é uma oportunidade única. – Justificou Miqel.

– Se tudo der errado a culpa é sua. – Disse Ardur, balançando a cabeça. – Eu só aceitei porque você me pressionou.

– Até parece, eu vi quando você arregalou os olhos quando ele disse que nos pagaria o triplo.

– Se eu arregalei os olhos foi de medo, parece que aquele velho queria que nos jogássemos de cabeça em um poço.

– Você ainda pode desistir. – Disse Miqel, sorrindo ironicamente. – Basta não ir até a estação amanhã, eu digo para todos que você voltou atrás e decidiu permanecer aqui com o gerente Marco.

– Agora eu não tenho escolha. Se eu ficar terei que suportar a ideia de que você está ficando rico enquanto eu tiro terra desse buraco.

– Diga o que quiser, eu sei que você ficou animado com a ideia de ganhar o suficiente para comer carne todos os dias. Também arrisco dizer que você está ansioso para gastar esse dinheiro de outras formas, quem sabe montando um novo quarto com uma cama bem grande.

– É. – Disse Ardur, enquanto ambos saíam do vestiário. – Você realmente me conhece bem, *qexo*.

Durante a caminhada até o Bloca Lurd eles conversaram sobre como gastariam o novo pagamento, como se ele fosse dez vezes maior, e não apenas três. Miqel, apesar de ser mais centrado do que o colega, entrou no clima e sugeriu diversas coisas, como por exemplo, contratar um mordomo e construir uma piscina de cinquenta metros.

Brincar era uma forma intuitiva de aliviar a ansiedade, pois a escolha deles significava deixar muitos amigos para trás sem ao menos ter tempo para despedida. Mesmo Miqel, que estava seguro de sua decisão, sentia um pequeno aperto no coração quando imaginava a noite que estava por vir, pois certamente não veria aquele lugar ou aquelas pessoas, no mínimo, por um longo tempo.

Capítulo 3

Durante os dias que se seguiram, Júlio ponderou cuidadosamente cada ponto de sua possível mudança de emprego. Ele refletiu sobre o que significaria deixar o país em busca de uma oportunidade, sobre o impacto que isso teria no relacionamento com seu filho, sobre o que aconteceria caso as coisas não dessem certo na Argentina, e até mesmo sobre como protocolaria sua demissão em um prazo tão curto.

Apenas uma pequena parte dele permanecia relutante, principalmente devido à falta de informações objetivas sobre a natureza da misteriosa pesquisa. Todavia, ele chegou à conclusão de que se tratava de algo verídico, pois entrara em contato com amigos que tinha em comum com o professor Jaime José de Barros e eles o informaram que o mesmo deixara a Universidade Heriot-Watt para se dedicar em um projeto de cooperação internacional no deserto do Atacama.

Surpreendentemente, seu irmão e sua cunhada se posicionaram favoráveis, incentivando Júlio a aceitar a proposta e embarcar em uma nova etapa profissional. Carlos examinara a proposta escrita e chegara a conclusão que ela era confiável, enquanto Susana argumentou que Júlio era realmente um bom profissional e uma indicação dessas era plausível.

– E você não precisa ter medo caso as coisas não corram bem por lá. – Dissera ela. – Se você resolver desistir, qualquer companhia vai estar de portas abertas para te receber. Com sua qualificação e experiência, acho improvável que fique desempregado por mais do que uma semana.

Foi na manhã de terça-feira, ainda deitado na cama, que Júlio finalmente decidiu aceitar a proposta. Ele não podia deixar que um pouco de receio o impedisse de aproveitar uma grande oportunidade a, afinal de contas, ele já se sentira assim em outras ocasiões e a coragem sempre lhe trouxera resultados positivos. Além do mais, ele era um cientista, doutor em geologia e com diversas formações nas áreas da engenharia de perfuração e tecnologia, e como tal, a curiosidade fazia parte de sua personalidade. Esse projeto o instigava. Ele queria saber do que se tratava exatamente, queria trabalhar ao lado de pessoas como Jaime e estava empolgado para solucionar os problemas que surgiriam e enfrentar novos desafios.

Naquele mesmo dia, logo após comunicar a decisão para o irmão, ele entrou em contato com seu superior na Petrobras e informou que se desligaria da empresa. A notícia não foi bem recebida, pois Júlio era uma peça importante para diversos trabalhos em andamento, além de prestar consultoria técnica em praticamente todos os projetos em fase de estudo. Não obstante, após insistir muito para que Júlio reconsiderasse (inclusive oferecendo um aumento salarial), o seu chefe aceitou que perdera seu melhor engenheiro e se comprometeu em agilizar toda a parte burocrática referente à demissão. Os dois tinham uma boa relação de amizade e, mesmo frustrado com a decisão de Júlio, seu

chefe lhe desejou boa sorte e disse estar torcendo para que ele alcançasse sucesso em sua nova carreira.

Júlio também entrou em contato com Eduarda, ligando para o número de telefone impresso no cartão que estava preso junto à proposta escrita. Ela ficou radiante com a notícia, e disse que ela e seu colega Cerdan estavam em Porto Alegre, aguardando o dia do voo, e sugeriu que eles se reunissem já na quinta-feira à noite para um jantar. Júlio, no entanto, falou que pretendia passar o máximo de tempo com seu filho, tendo em vista que essa mudança repentina nos planos roubara um bom tempo das suas férias, e que ele chegaria em Porto Alegre apenas na sexta-feira, a tempo de embarcar no avião.

Nos dias seguintes Júlio brincou muito com seu filho e seu sobrinho, usando de imaginação para tentar explicar para eles como seria o novo emprego, já que ele mesmo não tinha total certeza. Quando afinal chegou a manhã de sexta-feira, após conferir todos os seus pertences e fechar a mala, Júlio engoliu em seco a leve sensação de insegurança que sentia.

– Boa sorte, mano velho. – Disse Carlos, dando um abraço em Júlio. – Qualquer coisa dá um grito.

– Cuidado para não se apaixonar por alguma argentina. – Sorriu Susana, também o abraçando.

– Eu mando notícias assim que chegar lá. – Disse Júlio abrindo a porta do Corolla. – E se tudo correr bem eu venho visitar vocês assim que tiver uma folga. Talvez acompanhado por uma argentina.

Eles acenaram um para o outro, e Júlio saiu em direção à casa de sua ex-mulher, pois tinham combinado que

ele levaria seu filho à escola, como forma de despedida. Ao virar a esquina, ele viu que Gustavo o esperava em frente ao portão, sozinho. Helen provavelmente estava cuidando dele à distância, observando de dentro da casa, para evitar o contato com Júlio. Quando o menino reconheceu o carro do pai, virou-se e acenou em direção à janela e, em seguida, entrou pela porta traseira do veículo.

– E aí, filhão, tudo bem? – Perguntou Júlio, fazendo um carinho na cabeça de Gustavo.

Ele assentiu com a cabeça.

– Eu trouxe uma coisa pra você. – Continuou Júlio, entregando uma miniatura de um navio petroleiro ao filho, que abriu a boca empolgado. – Eu comprei ele nos Estados Unidos ano passado.

– Que legal, pai! – Disse Gustavo, pegando o brinquedo. – Vou mostrar para o Pedro depois da escola.

Doía em Júlio ter que deixar seu filho mais uma vez, mas uma das razões para ele aceitar esse emprego era para poder proporcionar um futuro ainda melhor para Gustavo. Assim que Júlio estacionou o carro, o menino desceu e correu em direção aos colegas, segurando o pequeno petroleiro. Júlio sorriu, admirando a inocência do filho, cuja empolgação por mostrar o brinquedo novo aos amigos superou o sentimento de despedida. Ainda assim, quando estava prestes a entrar, rodeado por diversos garotos eufóricos, ele se virou e acenou rapidamente para o pai.

Em poucos minutos, Júlio estava na rodovia, dirigindo em direção a capital do estado. Ele procurou esvaziar a mente de preocupações e ansiedades, selecionando uma

playlist de podcasts que ainda não tinha ouvido, pois eles mantinham sua atenção e ajudavam a relaxar.

Quando chegou ao aeroporto Salgado Filho, Júlio não fez contato com Eduarda imediatamente, pois ainda tinha tempo até a hora do embarque. Ele estava faminto, e optou por comer algo na praça de alimentação, escolhendo um restaurante italiano que ele costumava frequentar. Aproveitou o tempo para mandar uma mensagem ao irmão, responder alguns colegas curiosos e verificar suas redes sociais. Era impressionante como a notícia se espalhara, e agora todos pareciam interessados na misteriosa e repentina saída de Júlio Sampaio da Petrobras. Felizmente as mensagens recebidas eram todas positivas, desejando sucesso e prosperidade.

Logo após responder aos seus amigos, o engenheiro entrou em contato com Eduarda, que o orientou a comparecer ao guichê da companhia aérea, onde eles o encontrariam para tratar dos detalhes do voo. Cerdan e ela estavam mexendo em seus celulares quando Júlio se aproximou.

– Aqui estou. – Disse Júlio.

– Boa noite, senhor Sampaio. – Disse Eduarda, levantando os olhos. Cerdan o cumprimentou com um aceno de cabeça.

– Então, para onde vamos? – Perguntou Júlio. – Quero dizer, eu sei que vamos para a Argentina, mas qual é exatamente o destino do voo?

– Província de Salta. Porém, como não existem voos diretos, primeiramente faremos uma escala em Buenos Aires. – Respondeu Eduarda, entregando a passagem nas

mãos de Júlio. – Mas não se preocupe, voaremos na primeira classe.

– Se vocês pretendiam me convencer de que têm dinheiro suficiente para pagar meu salário, conseguiram. – Disse Júlio. – Então a base de pesquisas é em Salta?

– Não exatamente. – Respondeu Eduarda. – Em Salta pegaremos um carro e seguiremos até a JV.

– JV? – Perguntou Júlio. – Então esse é o nome do centro de pesquisas?

– Exato. Mas a sigla completa é JVGR: *Jules Verne Geological Researches.*

– Júlio Verne. – Júlio deu um leve sorriso. – Algo me diz que esse nome não foi escolhido à toa.

– É realmente uma curiosidade interessante que você também se chame Júlio. – Sorriu Eduarda, e em seguida olhou para o telão do aeroporto. – Está quase na hora de embarcarmos. Vamos?

Os três passaram pelos procedimentos de embarque, e logo estavam a bordo da aeronave. Eles não conversaram muito durante o voo, e Júlio fez questão de aproveitar as regalias da primeira classe. Para ele, a viagem poderia ter durado algumas horas a mais.

– Eu nunca estive em Buenos Aires. – Disse Júlio pesaroso, enquanto atravessavam o aeroporto em direção ao terminal do voo seguinte.

– Eu também. – Disse Eduarda, olhando pela janela com olhar surpreendentemente triste. – Quero dizer, passei muitas vezes pelo aeroporto, mas nunca pude conhecer a cidade.

– É uma pena. – Disse Júlio.

– Sim. Uma Pena. – Concordou Eduarda.

Júlio dormiu durante o voo até Salta, e estava com muito sono quando a voz do comandante, informando o início dos procedimentos de aterrisagem, o acordou. O aeroporto em Salta era pequeno, bem organizado e bonito, com uma ótima conexão Wi-Fi. O frio da madrugada e o cansaço da longa viagem levou Eduarda e Júlio a ficarem em silêncio enquanto aguardavam o retorno de Cerdan, que saíra apressado para buscar o carro. Júlio preferia voos diurnos, pois dormir em aviões não era confortável o suficiente para um efetivo descanso.

Dentro de alguns minutos, uma Land Rover estacionou em frente deles, dirigida por Cerdan, o qual não parecia cansado ou com sono. Eduarda fez questão que Júlio se sentasse no banco da frente e argumentou:

– Assim você pode reclinar o banco e descansar um pouco. É uma viagem de quase três horas, e eu ficarei bem confortável aqui atrás, não se preocupe.

– Não seria melhor dormirmos em algum hotel esta noite? – Sugeriu Júlio.

– Eu estou farta de hotéis, senhor Sampaio. – Falou Eduarda, com uma expressão convincente. – Prefiro ir direto à base, se isso não for um incômodo. Lá eu tenho meu quarto e minha cama, sabe como é.

– Espero que tenha uma cama esperando por mim também. – Disse Júlio.

– Não se preocupe com isso. – Disse Eduarda. – Você perceberá que os alojamentos da JV são significativamente melhores do que os quartos dos hotéis desta região.

Júlio inclinou levemente o assento e, após enviar uma mensagem ao irmão (que ainda estava acordado aguardando sua chegada), se entregou ao sono e adormeceu. Ele teve um longo e confuso sonho, no qual Cerdan revelava ser o pai de Eduarda e que engendrara toda essa história apenas para fazer com que os dois se casassem.

Os raios mornos de sol acordaram Júlio e, quando ele abriu os olhos, se deparou com uma das paisagens mais bonitas que já tinha visto. Uma paisagem árida se estendia por quilômetros, e ao longe era possível avistar o vulto de grandes montanhas. Por si só, esta deveria seria uma visão incrível, mas o amanhecer tingia tudo de maneira impressionante, dando vida e cor ao deserto e às rochas.

– Lindo, não é mesmo? – Perguntou Eduarda, demonstrando pela voz que acordara muito antes de Júlio.

– Maravilhoso. – Concordou o engenheiro.

– Já estamos chegando. – Disse ela, apontando para um ponto no horizonte à frente deles. Júlio estreitou os olhos e notou que, ao lado de uma colina, havia uma grande quantidade de edificações.

– Espero que agora você possa me contar os detalhes dessa pesquisa. – Disse Júlio.

– Não creio que esperar mais um pouco seria um problema para o senhor. – Falou Eduarda, abrindo o vidro e deixando o ar entrar. – O doutor Barros certamente é a pessoa mais qualificada para deixá-lo a par de tudo, e eu não quero tirar dele essa satisfação.

Júlio fez um muxoxo, mas não insistiu. Enquanto se aproximavam da base, ele percebeu, sem conseguir conter o assombro, que aquela colina não era natural, mas sim um

grande amontoado de terra e rochas, provavelmente detritos oriundos da perfuração. No entanto, Júlio jamais vira algo naquelas proporções antes. A própria base parecia cada vez maior, com vários blocos e uma grande construção central em forma de silo.

O Lugar era cercado por muros altos, e quando eles se chegaram ao portão, Júlio pode notar que o mesmo era guardado por vários seguranças com uniformes militares camuflados com as cores pasteis típicas de tropas que atuam em regiões desérticas. Cerdan acenou para um dos guardas e ele ordenou que a cancela fosse levantada, permitindo a passagem do carro.

– Deve ter percebido que eles levam muito a sério a segurança por aqui. – Disse Eduarda indicando os muitos guardas. – Mas você logo se acostuma com a presença deles.

Aproximadamente quinhentos metros à frente ficava a grande construção circular, a qual era pouco mais alta que os blocos de três andares que a cercavam. Cerdan virou à esquerda e seguiu por alguns instantes, estacionando ao lado de um dos blocos. Ele era estruturalmente semelhante a todos os outros, exceto por alguns detalhes, como cortinas de cores diferentes e vasos de flores nas janelas.

– Este é um bloco alojamento. – Explicou Eduarda. – É ocupado apenas por cientistas e técnicos. Você vai gostar, há um refeitório exclusivo e os apartamentos são os maiores em todo o complexo. Se tudo permanece como quando eu saí, o seu apartamento será o 22. – Disse ela retirando um pequeno cartão magnético da bolsa e entregando a Júlio.

– Obrigado. – Disse Júlio, recebendo o simples cartão cinzento que continha apenas as siglas JVGR e TPR3A-22. – Onde posso encontrar o doutor Barros?

– Ele provavelmente está no laboratório de análise central, dentro do domo. – Respondeu Eduarda, virando-se em direção à grande construção central. – A entrada fica naquela direção.

– Bom, vou deixar minhas coisas no quarto e então me encontrarei com ele.

– O senhor tem muita energia. – Disse Eduarda erguendo as sobrancelhas. – Tudo que eu quero agora é um bom descanso.

– Fique à vontade. – Disse Júlio, sorrindo cordialmente. – Agora eu acho que consigo me virar sozinho, mas qualquer coisa eu te ligo.

– Não será possível. – Falou Eduarda. - Aqui não tem sinal de celular e a internet é bem restrita. Eles não querem que absolutamente nenhuma informação saia daqui. Mas caso o senhor queira, pode me procurar no primeiro bloco à esquerda da entrada. É onde fica a central de comunicações, se eu não estiver lá, eles podem me contatar.

– Entendo. – Disse Júlio um pouco frustrado, ele não imaginara que o lugar fosse tão isolado em termos de comunicação. – Poderei mandar mensagens para minha família também?

– Sem dúvidas. A central de comunicações está a serviço de todos, mas eu já adianto que eles são rígidos quanto ao vazamento de informações, mesmo aos familiares mais próximos.

– Não se preocupe, eu serei profissional. – Garantiu Júlio, começando a se cansar das cautelas que Eduarda insistia em repetir.

– Eu não duvido disso. – Disse Eduarda. – Vou deixá-lo à vontade, senhor Sampaio, espero que o senhor se acostume rapidamente com a Jules Verne.

– Eu também. – Disse Júlio estendendo a mão. – Muito obrigado por tudo.

– Foi um prazer. – Disse ela, apertando a mão de Júlio. – Até breve.

Antes de descer do carro, o engenheiro também fez um gesto para Cerdan, o qual retribuiu com a costumeira falta de empolgação. Eles partiram lentamente e viraram na primeira esquina, desaparecendo atrás de um dos blocos. Júlio entrou no edifício e se viu em uma pequena antessala com um mural de avisos e um grande mapa do complexo, indicando os principais pontos, como a diretoria, a central de comunicações etc. Ele ficou admirado pela diversidade de laboratórios espalhadas pelo mapa: botânica, biologia, geologia, mecânica, robótica e até mesmo um nomeado como "Centro de Armazenamento de Conhecimento e Literatura".

O interior do bloco, apesar de simples, era limpo e bem iluminado e, sem demora, Júlio se dirigiu ao seu apartamento, o qual ficava no meio do corredor do segundo andar. Ao abrir a porta, o engenheiro surpreendeu-se positivamente: o lugar era amplo e bem mobiliado, composto por uma sala, um quarto com cama de casal, um banheiro de tamanho satisfatório, um pequeno escritório e uma minico-

zinha, com frigobar e forno micro-ondas. O apartamento tinha duas janelas grandes, uma na sala e outra no quarto, além da janela pequena do banheiro, e todas estavam voltadas para o oeste, proporcionando uma bonita vista da região ao redor do complexo.

Júlio deixou suas coisas em cima da cama e percebeu que no guarda-roupas havia um jaleco novo com seu nome bordado, além das inscrições "JVGR" e "*Drilling Engineer*". Ele experimentou e se olhou no espelho, arrumando o cabelo e observando para ver se estava apresentável. Antes de deixar o apartamento, ele foi ao banheiro e também conferiu os demais cômodos, notando que haviam suprimentos e utensílios úteis para o dia-a-dia, como água mineral na geladeira, xampu e toalhas no banheiro.

O engenheiro rapidamente desceu as escadas, vestindo o jaleco, e logo estava caminhando pelas ruas pouco movimentadas em direção à construção central. Algumas pessoas o cumprimentavam, geralmente em inglês, mas quase todos com sotaques que acusavam outras nacionalidades. Ele reparou que vários blocos tinham tamanhos de janelas diferentes, alguns eram silenciosos e outros ruidosos, alguns tinham portas enormes de correr e outros tinham portas pequenas, guardadas por duplas de seguranças armados.

A construção em forma de silo era bastante imponente, com poucas janelas horizontais em andares mais altos e duas entradas lado a lado, uma para veículos e outra para pessoas a pé, ambas com guaritas e guardas. Júlio se dirigiu à entrada e conversou com o segurança, em inglês,

explicando quem ele era e perguntando como poderia encontrar o doutor Jaime José de Barros. O homem foi simpático e permitiu a entrada de Júlio, pedindo ainda que um de seus colegas acompanhasse o engenheiro até seu futuro colega. O segurança guiou Júlio por um pequeno corredor, indicando um elevador industrial, modelo bem simples e parcialmente aberto, com grades na metade inferior. Os dois entraram e o homem apertou o botão, dando início à subida.

O queixo de Júlio caiu no momento em que o engenheiro se voltou em direção ao centro daquele lugar. Ele jamais tinha visto algo tão impressionante, e involuntariamente levou a mão à barra de ferro na beirada do elevador, como quem se vê inesperadamente em frente à um precipício e precisa se agarrar em algo. E, de fato, aquele lugar era como a beira de um precipício, estendendo-se abaixo do nível do solo quase três vezes a altura total da construção visível do lado de fora. Uma estrada asfaltada e um trilho de trem subiam em espiral desde o fundo, no qual estava posicionado um maquinário extraordinário, cujo tamanho e aspecto assombrosos despertaram curiosidade sem precedentes em Júlio.

O elevador reduziu a velocidade e parou mais ou menos na metade da altura total do edifício. Eles saíram pela direita e percorreram um corredor largo com várias portas, algumas fechadas e outras abertas, revelando o que pareciam ser laboratórios, escritórios e centros de processamento de dados. O guarda que o acompanhava parou em frente a uma porta aberta e, com um gesto firme de cabeça, virou-se e voltou pelo corredor. Júlio entrou e observou a

sala por um momento, constatando que a mesma se tratava de um laboratório sofisticado, com vários computadores e um grande monitor central. Olhando atentamente para um gráfico exibido nesse monitor, em pé, estava Jaime José de Barros.

Das seis pessoas na sala, ele era a única que não usava um jaleco, pois como Júlio bem sabia, o português era extremamente calorento, raramente usando mais do que uma camiseta simples, mesmo durante o inverno. Jaime era baixo e gordo, tendo como característica marcante um cabelo grosso e volumoso, que lembrava uma peruca. Ele balançou a cabeça e se virou para uma mulher que estava sentada no lado direito da sala, pedindo, em inglês, para que ela reinserisse os dados dos sensores de longo alcance. Em seguida, percebendo a presença de Júlio, abriu um largo sorriso e exclamou:

– A mente que eu estava precisando!

– É muito bom revê-lo, doutor Jaime José de Barros. – Disse Júlio se aproximando e estendendo a mão.

– Digo o mesmo. Digo o mesmo. – Disse o português, muito animado, substituindo o aperto de mãos por um abraço. – Eu indiquei teu nome desde o princípio, mas eles só permitiram que tu fosses contatado agora que nós estamos enfrentando uma etapa difícil da perfuração.

Júlio hesitou, dividido entre a curiosidade e seu senso de polidez, que o aconselhava a não entrar diretamente no assunto. Por fim, a curiosidade falou mais alto e ele falou:

– Doutor, perdoe-me pela curiosidade, mas já faz um bom tempo desde que me fizeram a proposta de trabalho e eu ainda não sei exatamente do que se trata.

– Meu caro colega. – Disse Jaime José de Barros, aumentando ainda mais o sorriso, o que fazia seus olhos se estreitarem por trás dos óculos. – Tu estás diante da maior obra da história da humanidade. Este é um complexo de pesquisa e exploração científica que faz jus ao seu nome e, neste momento, nós da Jules Verne estamos a meio caminho do centro do planeta.

– Mas isso deveria ser impossível, mesmo com a tecnologia mais avançada – Duvidou Júlio, educadamente. – As temperaturas do núcleo destruiriam qualquer tipo de broca ou sonda.

– Não existe núcleo. – Disse Jaime José de Barros fazendo um gesto para um dos pesquisadores. – Pelo menos não da forma que tu conheces.

Uma imagem apareceu no monitor central.

– Você só pode estar brincando. – Disse Júlio, incrédulo.

Jaime José de Barros respirou fundo e colocou a mão no ombro do colega, dizendo:

– Esqueça tudo que tu sabes, meu caro. A Terra é oca.

Capítulo 3

Miqel estava em pé, no meio da sala de seu pequeno apartamento. Ele acordara muito cedo e abrira a cortina, deixando que a luz do sol entrasse e iluminasse o ambiente pela primeira vez em semanas. Ele observava as sombras projetadas pelos móveis e pertences que ele organizara no centro do cômodo, imaginando se realmente a empresa os transportaria em segurança. Aqueles objetos eram importantes para Miqel, e ele detestaria perdê-los mesmo que fosse capaz de comprar coisas melhores com o salário novo.

Embora tenha demorado a pegar no sono, as poucas horas de descanso foram o suficiente para revigorá-lo, e agora ele aguardava a chegada do colega para que fossem juntos à estação. Miqel passara a maior parte do restante do dia anterior sozinho, organizando a mudança e escolhendo os itens que levaria consigo. Ardur o convencera a participar de uma pequena despedida, organizada no apartamento dele, mas o barulho era maçante e as pessoas se tornavam insuportáveis à medida que se embriagavam. Miqel trocou algumas palavras com aqueles que eram de fato seus colegas e amigos, mas assim que pode disse adeus a todos e foi para seu apartamento, sob a justificativa de que precisava fazer as malas.

Quando Ardur bateu à porta, Miqel respirou fundo, pegou a mochila na qual colocara seus itens pessoais e

olhou para o apartamento pela última vez. Seu colega estava com uma visível cara de ressaca, e trazia consigo um travesseiro e uma grande mochila, possivelmente cheia de coisas inúteis.

– Nem chegamos na estação e já estou arrependido. – Disse Ardur, coçando o olho esquerdo.

– Não mandei você ficar na festa até tarde. – Disse Miqel, trancando o apartamento e seguindo em direção à escada. – Vamos logo.

O Bloca Lurd estava praticamente vazio quando eles cruzaram o portão externo, uma vez que a maioria dos moradores saía para o trabalho entre 6h30min e 7h, e agora já passava das 7h30min. Miqel preferia assim, pois era mais confortável sair sem ter que encarar os amigos em sua rotina silenciosa e sem virar alvo de olhares curiosos.

A estação ficava do outro lado da cidade, mas como os colegas estavam acostumados a caminhar, chegaram com antecedência ao local. Eles foram diretamente à sala do encarregado pela estação, o qual lhes forneceu as passagens e ficou com as chaves dos apartamentos. Enquanto esperavam pelo transporte, os dois aproveitaram para comer alguns pães recheados e também compraram outros para a viagem.

A viagem durou várias horas, durante as quais Miqel não tirou os olhos da paisagem composta por uma imensidão de terra árida e rocha, com montanhas se assomando ao longe. O sol brilhava imponente acima de tudo, dando um aspecto sufocante ao local e formando miragens tremeluzentes no horizonte. As cidades eram pequenas e esparsas, pois não havia muita água ou riquezas por ali,

além do clima ser mais rigoroso do que nas regiões com menor altitude. Ele jamais havia penetrado tão fundo nessa região, pois era basicamente um lugar turístico, e apenas aqueles com dinheiro se davam ao luxo de visitá-la.

Ardur não viu nada além da periferia da cidade onde viviam, pois pegou no sono assim que o vagão começou a se mover e só acordou quando pararam na estação final. Ali eles embarcaram em outro veículo, juntamente com outros dois trabalhadores, e seguiram em direção ao campo de perfuração. Os dois homens e o condutor eram quietos e mal falaram durante o resto do trajeto (que também durou algumas horas), mas Miqel descobriu que eles não trabalhavam com perfuração, e sim com construção de trilhos de mina, e que haviam recebido propostas semelhantes às que a Perfuranc oferecera a Ardur e ele.

Já era próximo do horário normal de final de expediente quando eles avistaram ao longe o amontoado de construções que formava aquele complexo de perfuração. Os quatro trabalhadores ficaram impressionados, pois nunca tinham visto nada naquelas proporções. Ao lado de uma grande colina formada pelo que parecia entulho, e rodeadas por um alto muro, estavam dúzias de edificações em forma de bloco. Mais ao centro havia uma construção ampla e arredondada, e um dos trabalhadores comentou que ela parecia um estádio esportivo de sua cidade natal.

O condutor não pareceu se surpreender com a vista e não respondeu às perguntas sobre o local, limitando-se a dizer que eles seriam orientados adequadamente quando se apresentassem ao trabalho. Ele mostrou um documento para um dos muitos guardas armados que estavam junto

ao portão, e eles liberaram a passagem. Os trabalhadores se olharam confusos, pois nunca antes haviam trabalhado em um local tão protegido.

– Vou deixar vocês no setor de registro. – Disse o condutor, virando à direita e contornando um dos blocos, parando na lateral oposta do mesmo. – Aqui vocês serão orientados sobre onde ficar e o que fazer.

– Obrigado. – Disse Miqel, mas o homem só fez um gesto com a mão e os deixou.

– Tá quente demais aqui, *qexo*. – Disse Ardur, enxugando o suor da testa. – Nunca vou te perdoar por ter me colocado nessa furada.

– Pelo que estão pagando aqui eu trabalharia até dentro de um forno. – Falou um dos trabalhadores, abrindo a porta do setor de registros.

A sala, de tamanho mediano, era bem organizada e limpa. Duas mulheres e um homem ocupavam as únicas mesas, e estavam envolvidos com o que parecia um trabalho burocrático. A mulher mais velha olhou para os trabalhadores por um momento e disse:

– Vocês são novos, não é?

Os quatro assentiram.

– Ótimo. – Continuou ela. – Tragam-me seus documentos e aguardem um momento.

Eles se sentaram em algumas cadeiras no canto oposto da sala, enquanto a mulher analisava os documentos e abria algumas pastas. Após alguns minutos, ela chamou Miqel e Ardur e lhes entregou uma chave e dois crachás com a inscrição "DePer" no topo e "Operário Classe I

– SPP" no centro, além de um número de identificação na borda inferior.

– Senhor Miqel, o seu registro é 06P75-6. – Disse a mulher. – E o seu é 06P76-0, Senhor Ardur. Essa chave é do alojamento onde vocês vão ficar, Bloco 08F, n° 22, basta seguir reto por três blocos e depois virar à direita. Amanhã às 7h se apresentem ao gerente Tolchard no pátio meão para o turno da manhã.

– Onde fica esse pátio? – Perguntou Ardur.

– É aquela construção grande no centro da base. – Respondeu a mulher em tom quase irritado. – Caso tenham dificuldade basta acompanhar os demais trabalhadores do seu bloco, todos vão para o mesmo lugar.

– Estamos dispensados? – Perguntou Miqel.

Ela apenas assentiu com a cabeça e indicou a porta. Os amigos saíram da sala enquanto ela chamava os outros dois trabalhadores. Ardur sugeriu que eles os esperassem, mas Miqel preferiu que seguissem sozinhos, pois afinal aqueles dois não eram muito amistosos.

Em poucos minutos estavam diante do Bloco 08F, que tinha a mesma cor do solo desértico e um aspecto simples e pouco convidativo. Miqel entrou em um pequeno salão, onde havia um quadro de avisos e algumas placas de orientação com informações da localização dos alojamentos e banheiros. Eles esperavam algo mais confortável do que o Bloca Lurd, mas aparentemente esse lugar era tão enfadonho quanto.

– Se eu tiver que dormir num quarto com outros dez trabalhadores fedorentos eu juro que te jogo num buraco,

qexo. – Reclamou Ardur ajudando Miqel a encontrar o alojamento deles.

– Aqui está o número 22. – Disse Miqel abrindo a porta. – Acho que somos só nós dois.

O quarto era pequeno, no máximo dezesseis metros quadrados, com dois armários e um beliche. No canto havia uma pequena mesa e duas cadeiras, além de uma pequena cômoda. Os amigos se entreolharam decepcionados e colocaram as mochilas sobre a mesa, ambos pensando que jamais seria possível guardar seus outros bens naquele espaço diminuto.

– Eu sabia que tinha algo de errado. – Disse Ardur sentando em uma das cadeiras. – A essa altura as coisas que deixamos no Bloca Lurd estão sendo distribuídas entre o pessoal de lá.

– Talvez exista algum depósito aqui para os objetos dos funcionários. – Sugeriu Miqel, embora ele mesmo estivesse desiludido.

– Encare a verdade, *qexo*. Isso tudo é uma grande furada e eles provavelmente nem vão nos pagar. Você viu a quantidade de guardas? O que eles estão fazendo aqui?

– Provavelmente protegendo o local contra espionagem ou roubos.

– Talvez estejam aqui para evitar que gente como eu e você saia sem autorização. – Falou Ardur.

Os dois decidiram monitorar os movimentos no corredor e falar com algum dos trabalhadores daquele bloco, a fim de conseguir algumas respostas. Não demorou muito para que ouvissem o som de porta batendo e passos se aproximando. Ardur abriu a porta e eles viram um rapaz

baixo, de pele morena e cabelo despenteado, que ficou muito surpreso ao vê-los.

– Opa! – Disse ele. Sua voz era um pouco rouca. – Não conheço vocês, eu acho.

– Sou Miqel, este é Ardur, meu amigo. Nós acabamos de chegar e estamos um pouco confusos, pra dizer o mínimo.

– Muito prazer, meu nome é Saulo e eu dou as boas vindas em nome de todos do Bloco 08F. – E apertou as mãos de Miqel e Ardur. – Meu turno começa daqui a uma hora, mas eu gosto de levantar antes para pegar o banheiro limpo.

– Você começa a trabalhar nesse horário? – Estranhou Ardur.

– Sim. Aqui o trabalho nunca para. – Respondeu ele com um sorriso. – Vocês vão começar quando?

– Amanhã às 7h. – Respondeu Miqel.

– Ah, muito bom. – Disse Saulo. – Esse é o primeiro turno, o melhor, na minha opinião. Mas eu não consegui transferência então tenho que me virar com o que tenho à disposição.

Ele notou que os dois novatos estavam com uma expressão confusa e disse:

– Vocês devem estar com algumas dúvidas, mas não se preocupem. O trabalho aqui é bom, não é tão diferente do que o que vocês provavelmente faziam antes, embora tudo seja maior e mais pesado. – Ele fez uma pequena pausa e encarou novamente os dois, com um sorriso amistoso no rosto. – E eles pagam aquilo que prometeram.

Miqel e Ardur se entreolharam com uma expressão de alívio. Aquele homem não parecia estar mentindo, e sua aparência não condizia com a de alguém que trabalha em péssimas condições.

– E nossas coisas? – Perguntou Ardur. – Eles nos disseram que trariam tudo para cá.

– Bom, essa é a má notícia. – Disse Saulo coçando a cabeça. – Cada empresa envolvida é responsável pelos pertences de seus funcionários. Eu, por exemplo, trabalho para a Perfuranc, e eles armazenam as coisas num barracão lá na sede regional, a uns cem quilômetros daqui.

– Somos da Perfuranc também. – Disse Miqel.

– Eu sei que é ruim não ter suas coisas aqui, mas elas estão guardadas e você pode retirá-las quando sair daqui. – Continuou Saulo. – O meu colega de quarto pegou férias no mês passado e aproveitou para levar as coisas para a casa dos pais.

– Eu não tenho para onde levar, então vou deixar lá mesmo. – Disse Ardur em tom de deboche. – Obrigado mesmo Miqel.

– Bom, eu preciso ir. – Disse Saulo. – Daqui a pouco o pessoal começa a levantar e eu vou perder meu momento de tranquilidade no banheiro.

– Tudo bem, *qexo*. – Disse Miqel. – Obrigado pelas informações, tenha um bom trabalho.

– Nos vemos por aí. – Disse Ardur.

Saulo seguiu pelo corredor, e os dois amigos concordaram em organizar as coisas no quarto e descansar, já que no dia seguinte teriam que se apresentar cedo ao trabalho. Miqel ficou com a parte de cima do beliche que, a despeito

de sua aparência modesta, era bastante confortável. Ardur e ele conversaram um pouco, e logo ouviram um alerta sonoro e uma movimentação no corredor, seguida de outra poucos minutos depois. Certamente era a troca de turno, com a saída da equipe de Saulo e o retorno da equipe anterior. Ambos demoraram a pegar no sono, passando um bom tempo discutindo sobre as primeiras impressões que tiveram daquele lugar, mas o tempo que dormiram foi mais do que o suficiente.

No outro dia, após abrir as cortinas e deixar a luz do sol entrar, Miqel percebeu que haviam dois jogos de macacões dentro de um dos armários, cada um com o emblema da Perfuranc, o nome deles e o número de registro. Eles os vestiram e saíram, entrando no fluxo de trabalhadores que se preparava para assumir seu turno. Todos usavam os mesmos uniformes verde oliva com o emblema azul da Perfuranc, e a maioria deles, percebendo que Miqel e Ardur eram novatos, os cumprimentaram e deram as boas-vindas.

Os trabalhadores seguiram a pé e, quando estavam chegando ao edifício circular central, encontraram com o grupo de Saulo voltando de seu turno. Ele os reconheceu e acenou, fazendo um gesto positivo com a mão esquerda. Miqel retribuiu, mas Ardur estava distraído observando a fila que se formava próximo à entrada, onde uma pessoa marcava o ponto de cada trabalhador e em seguida permitia sua entrada. Quando chegou a vez deles, o responsável pelo registro do ponto os orientou sobre onde ficava a sala do gerente Tolchard.

Ardur entrou primeiro e, assim que saiu da sala que ficava após a guarita, parou e disse:

– *Qexo*, você tem que ver isso.

Alguns dos trabalhadores riram e fizeram comentários do tipo "todo mundo faz isso" e "novatos". Miqel ficou ao lado do colega e não disse nenhuma palavra, pois estava muito admirado com o que via. Era o maior campo de perfuração que ele já tinha visto, pelo menos cem vezes maior do que aquele no qual Ardur e ele trabalhavam. O fundo estava a uma profundidade assustadora, e no centro haviam máquinas gigantescas e muita movimentação de trabalhadores. Inúmeras cestas de metal subiam e desciam em espiral pelos trilhos na lateral do imenso buraco. Nas paredes acima deles, espalhadas por toda a volta, haviam diversas salas com amplas janelas, e nelas era possível ver pessoas que não usavam macacões, mas sim roupas de pesquisadores e executivos.

Miqel e Ardur caminharam até uma sala pequena, ao lado da estrada que descia até o fundo, ainda admirando em silêncio a magnitude daquele lugar. O gerente estava na porta, vestindo um macacão quase idêntico ao deles, mas com uma faixa azul no braço esquerdo e um emblema ligeiramente diferente no peito. Ele tinha uma pele muito manchada e grossas sobrancelhas, dando uma ligeira impressão de estar doente. Quando viu os dois amigos se aproximando, levantou o queixo e disse:

– Ardur e Miqel, eu suponho.

– Sim, senhor. – Responderam.

– Ótimo, ótimo. – Ele se virou e fechou a porta da pequena sala. – Sejam bem-vindos à Bocarra, ou seja lá qual for o nome que os caras lá de cima deram para isso aqui. Sigam-me.

Ele caminhou até a descida, apontando o centro do grande buraco com a mão esquerda, e em seguida tapando as orelhas. Miqel e Ardur o seguiram, observando os detalhes da estrada espiral e dos trilhos, e quanto mais desciam, mais alto ficava o barulho das máquinas abaixo deles. Tolchard retirou de seu bolso dois protetores de ouvido e sugeriu que os dois recém-chegados fizessem o mesmo:

– Tem alguns desses aí dentro também. – Disse ele, apontando para o bolso lateral do macacão de Ardur. – O barulho lá embaixo é muito maior do que em uma perfuração regular. Nós trabalhamos com um par de brocas Shinzō de último tipo, as maiores e mais avançadas do mundo, com setecentas polegadas, freio venal e desenlace automático de travamento. O pessoal as chama de "as gêmeas" e, acreditem, elas cavam mais fundo do que qualquer coisa que vocês já tenham visto.

– A maior broca que eu já vi foi uma Mulgrew 97, quando eu trabalhei na escavação de um túnel em Valle Grande. – Comentou Ardur. – E ela tinha apenas cento e setenta polegadas.

– Vocês vão gostar das gêmeas. – Continuou o gerente. – E vão gostar de trabalhar na Bocarra também, a menos que morram, é claro. Aqui embaixo não tem tantos estrangeiros quanto nos laboratórios lá em cima ou nos blocos de pesquisa.

– Estrangeiros? – Perguntou Ardur.

– Um monte deles, de todos os lugares que você imaginar, um mais esnobe que o outro. – Falou Tolchard com tom de desgosto. – Mas aqui em baixo somos apenas nós e os olhos puxados. Eles são boa gente, mas eu não entendo

nada do que dizem, exceto que chamam as gêmeas de "*ridoxus*".

– Como vocês se comunicam com eles? – Perguntou Miqel, observando alguns trabalhadores estrangeiros com olhos puxados.

– Os supervisores se entendem. – Respondeu Tolchard. – Isso já é o suficiente, não é? Nós só recebemos ordens, afinal de contas. – Ele cumprimentou um homem que examinava uma cesta de metal travada no trilho. - E, além do mais, eles trabalham em outra equipe, a maioria no segundo turno.

Eles chegaram à base do buraco, e Miqel olhou boquiaberto para os guindastes e rotores enormes. Dezenas de trabalhadores auxiliavam no carregamento das cestas de metal, e muitos outros operavam o maquinário. As gêmeas eram certamente a coisa mais impressionante ali, cada uma delas maior do que uma casa, com armações complexas e cabos mais grossos do que um braço. Elas estavam a quase dez metros uma da outra, e entre elas havia uma cabine com um grande painel, operado por um homem de roupas brancas.

Uma luz alaranjada acendeu na barra horizontal mais baixa da gêmea da esquerda, e três pessoas se aproximaram rapidamente. Eles se abaixaram e içaram uma pequena plataforma, na qual havia um homem vestido com um traje de proteção pressurizado, aparentemente desacordado.

– Fiquem de olhos abertos, rapazes. – Disse Tolchard. – A Bocarra não tolera deslizes.

Capítulo 4

Júlio estava perplexo. Sua cabeça se esforçava para processar as informações que o doutor Jaime lhe falava e mostrava no monitor central. Aquelas imagens não poderiam ser reais, muito menos parte de algum projeto científico sério, e aqueles dados de sondagens deveriam ser forjados. O engenheiro considerou a hipótese de aquilo ser uma brincadeira, alguma espécie de trote de boas-vindas, mas o seu colega explicava tudo com tanta convicção que não deixava margem para dúvidas. Ele realmente parecia acreditar em tudo que falava.

– É difícil de acreditar nisso tudo. – Disse Júlio, sincero.

– Eu entendo tua incredulidade. – Disse o português. – Quando eu ingressei neste projeto eu relutei em acreditar no que me diziam. Foi como jogar fora anos e anos de estudo e pesquisa, eu me senti um ignorante, todos os meus títulos não valiam de nada mais. – Ele caminhou em direção à janela, olhando com fascínio para as escavações. – Mas isso não me deixou triste. Pelo contrário, isso acendeu a chama da curiosidade em mim, eu me senti mais empolgado do que nunca. Pela primeira vez eu poderia fazer algo novo, algo que não estava embasado em livros e estudos anteriores. Eu me senti um desbravador, trabalhando no limite do conhecimento da humanidade, prestes a dar o passo mais memorável da nossa história.

Ele acenou para que Júlio fosse até a janela e colocou a mão no ombro dele enquanto observavam, em silêncio, a movimentação abaixo deles. A cabeça de Júlio enfrentava uma batalha, pois sua bagagem profissional e teórica dizia que era impossível a Terra ser oca, mas a resolução de seu antigo colega e aquela estrutura gigantesca lhe diziam que talvez nem tudo fosse como nos livros de geologia.

– Vê por ti mesmo, Júlio. – Disse Jaime, fazendo um gesto amplo indicando o laboratório onde estavam. – Analise os dados das sondagens de longo alcance, confronte os relatórios geofísicos e as leituras dos sensores gravitacionais. Não tenhas medo de abrir a mente, é isso que nos torna cientistas.

– Ainda estou processando as informações. – Disse Júlio, apoiando a mão esquerda em uma mesa onde haviam várias amostras de rocha. – É estranho que nada tenha vazado, que mais ninguém no mundo saiba disso.

– Tu achas estranho? – Disse o português, pegando uma das rochas da mesa e olhando para ela. – Se a informação é a arma mais poderosa que existe, o que nós temos aqui é a bomba atômica do século XXI. Um conhecimento como esse é mais valioso do que todo o petróleo do Oriente Médio, é quase como descobrir um novo continente pronto para ser explorado. – Ele devolveu cuidadosamente a rocha ao seu lugar. – Não me surpreende que mantenham tudo sob sigilo absoluto, afinal estamos prestes a viver a maior corrida do ouro que o homem já viu, e aqueles que saírem na frente terão os maiores lucros.

Júlio percebeu que as pessoas na sala olhavam para ele as vezes, mas permaneciam a maior parte do tempo concentradas em seus trabalhos. Pelas suas fisionomias, era possível supor que não tinham a mesma nacionalidade, sustentando o que Eduarda havia dito sobre o projeto ser uma cooperação internacional. No entanto, levando em conta o que o doutor Barros dissera, o brasileiro entendeu que se tratava de uma cooperação limitada a algumas nações aliadas.

– Nós aprendemos durante nossa vida acadêmica que, abaixo da superfície, existe uma grande quantidade de rocha e metais derretidos. – Disse Jaime. – E isso está parcialmente correto, pois assim é o manto terrestre. Todavia, ele não se estende ao redor de todo o planeta, e muito menos tem a profundidade que nós acreditávamos que ele tinha. Abaixo deste lugar não há um metro sequer de magma.

– Então o centro do planeta é completamente oco? – Perguntou Júlio.

– Completamente oco não. – Respondeu o português e, respirando fundo, continuou. – Sei que pode parecer inconcebível, mas existe um pequeno núcleo em brasa localizado de três a quatro quilômetros do que seria o chão no centro da Terra. Foi após análises de resultados obtidos com sondas gravitacionais pioneiras que a teoria da Terra Oca ganhou força. Os geofísicos perceberam uma configuração singular da gravidade no interior do planeta, que eles hoje chamam de "reverse gravity", e que parte diretamente do núcleo, chocando-se com o que chamamos de "surface gravity", a "nossa" gravidade. O impressionante é que,

mesmo que essas duas forças gravitacionais não sejam espelhos uma da outra, a gravidade média estimada da superfície intraterrestre é de 10,476 m/s².

– Se esses dados estiverem corretos, seria perfeitamente possível que uma pessoa caminhasse nessa "superfície". – Disse Júlio perplexo. – Mas, e quanto à pressão atmosférica, composição do ar, presença de água etc.?

– As sondagens indicam que não existem rios ou lagos no centro da Terra, mas apontam a existência de inúmeros aquíferos subterrâneos passíveis de exploração. – Explicou Jaime José de Barros. – O ar, apesar de também ser composto principalmente por nitrogênio, oxigênio e gás carbônico, não tem as mesmas proporções da nossa atmosfera, tornando-o ruim para seres humanos, porém longe de ser irrespirável. Já a pressão na superfície intraterrestre é um pouco maior do que estamos acostumados, mas a principal diferença é que ela se acentua numa taxa quase dez vezes menor, em relação à profundidade.

O doutor Barros ampliou um modelo 3D da Terra no monitor central, e em seguida o abriu ao meio, revelando o esquema que vinha explicando até então. O modelo continha diversas *layer*s de informação, desde formação rochosa até esquemas gravitacionais, mas o português selecionou apenas algumas.

– Imagine o seguinte, meu caro Júlio. – Disse ele, apontando uma linha branca abaixo da superfície, mais ou menos posicionada na metade inferior do manto terrestre. – Esta linha representa o choque entre a reverse e a surface gravity. Perceba que mais de três quartos do planeta são re-

gidos pelas regras de gravidade e pressão presentes no centro da Terra. Entre nós e a "gravitational collision line", apelidada carinhosamente de "Gacol", a pressão aumenta consideravelmente com a profundidade, atingindo o ápice na região onde ocorre a inversão gravitacional. A partir desse ponto, a pressão se torna bruscamente menor, e passa a diminuir suavemente até chegar na superfície intraterrestre.

– Qual é a distância até essa superfície intraterrestre? – Perguntou Júlio. – Percebo que as proporções nesse modelo são muito diferentes daquelas que aprendemos na faculdade.

– A JVGR não foi instalada aqui à toa. – Respondeu o português. – Esse lugar é um dos poucos do mundo que não fica sobre o manto e, até onde sabemos, é o mais próximo da superfície intraterrestre, a menos de 1.700 km.

– Ainda me parece uma distância grande demais para perfurar. – Falou Júlio.

– É por isso que tu estás aqui, meu caro. – Sorriu Jaime José de Barros. – Diga-me, quão profundo tu supões que já perfuramos?

– Eu nunca vi equipamentos tão modernos antes, mas mesmo com eles acho improvável que vocês tenham perfurado mais do que dez ou quinze quilômetros.

– Seachd, how deep is the main drilling station? – Perguntou Jaime José de Barros, voltando-se para uma das pesquisadoras.

– 963.752 meters, doctor Barros, reading data C/143-022. – Respondeu ela profissionalmente, com um forte sotaque britânico.

– Não é possível. – Espantou-se Júlio. – Quase mil Quilômetros?

– Nós alcançamos a Gacol há três meses, Júlio. – Disse Jaime José de Barros. – Porém, por mais que tu estejas impressionado com a nossa profundidade atual, nós não avançamos mais do que dois quilômetros por mês desde então. É uma região imprevisível, onde os choques gravitacionais confundem a maioria dos sensores de curto alcance das brocas e ocasionalmente as deixam inoperantes, até mesmo inutilizando algumas peças. As vezes a única forma de fazer os reparos é descendo um operário em um veículo de trilho pressurizado, mas mesmo usando trajes *paineella*, as condições são tão extremas que, caso demorem demais, não resistem aos efeitos da Gacol. Nós já perdemos sete homens nesse período, e o número de acidentes fatais é ainda maior se somarmos as outras fases do projeto.

Júlio estava ciente que acidentes de trabalho, fatais ou não, eram parte inevitável de grandes obras de engenharia, assim como foi durante a construção da hidrelétrica de Itaipu, por exemplo. Mesmo assim, isso dava um nó em sua garganta, pois significava que sua responsabilidade ali seria imensa, já que as decisões tomadas por ele poderiam custar vidas.

– Júlio. – Continuou Jaime, em um tom mais sério, possivelmente percebendo a expressão no rosto do colega. – Tu és muito inteligente. Sempre me impressionei com tuas abordagens criativas frente aos problemas, e tu pensavas em soluções que eu seria incapaz de pensar. É por isso que tu estás aqui, precisamos de tua criatividade para vencer a Gacol e garantir que esses acidentes cessem.

– Estou lisonjeado. – Falou Júlio francamente, pois sua admiração por Jaime José de Barros era considerável, e ele o tinha como uma espécie de mestre. – Mas meu conhecimento sobre essa "nova geofísica" é praticamente nulo, estou anos atrasado em relação a vocês. Como eu poderia ser útil em uma situação tão urgente?

- Eu acredito em ti. – Disse Jaime firmemente. – E a partir de agora a nossa base de dados estará a tua disposição, assim como cada membro desta equipa. Tu poderás aprender o que precisas e, se eu bem te conheço, isto não levará muito tempo.

– Eu terei que estudar nas minhas horas de folga, talvez até virar noites acordado. Vai ser como estar na faculdade novamente. – Disse Júlio observando rapidamente os novos colegas de trabalho. – No entanto, isso não vai ser um problema. Eu posso estar desnorteado, mas também estou muito entusiasmado com tantas descobertas fascinantes.

– Eu tinha certeza que poderia contar contigo! – Animou-se Jaime, indo até aquela que provavelmente era sua mesa, e apanhando um tablet. – Tome, eu gravei todos os dados, registros e teorias que temos, além dos projetos da perfuração.

– Obrigado. – Agradeceu Júlio.

– Deixe-me apresentar-te aos teus novos colegas. – Começou o português, assumindo uma expressão bonachona. – Esta é Anne Seachd, inglesa. Jacob Harwell e Stuart Russ, americanos. Goh Kyu Hah, coreano e Heinrich Erlanger, alemão.

Júlio fez questão de ir até cada um e apertar suas mãos, conforme Jaime José de Barros os apresentava, e notou que eles pareciam felizes em finalmente poder interagir. Provavelmente estavam aguardando o final da conversa introdutória, sem entender nenhuma palavra do que os dois amigos conversavam.

– Tu ainda precisas conhecer mais três companheiros. – Continuou doutor Barros. – Simonetta Leuthard, suíça, e Jane Wayer e Rambolf Green, americanos.

– Eles estão de folga? – Perguntou Júlio.

– Não exatamente. – Respondeu Jaime José de Barros. – Nós mantemos o laboratório em funcionamento 24h por dia, num sistema de três turnos com escalas. Durante o turno principal ficamos com a equipa completa, e nos outros com pelo menos um de nós, mas geralmente dois.

– Quando eu devo começar?

– Depois de amanhã eu ficarei aqui no primeiro turno da noite. – Disse o português. – Sugiro que até lá tu estudes um pouco, e então poderás iniciar o trabalho.

– Certo. – Disse Júlio. – Eu acho que consigo aprender alguma coisa até lá.

– Tenho certeza que sim. – Afirmou Jaime José de Barros. – Mas não pense nisso como um confinamento. Tu és bem-vindo aqui se quiseres fazer uma visita, ou até mesmo discutir alguma questão.

– Entendo. – Disse Júlio, e ficou em silêncio por alguns segundos.

– Alguma dúvida, Júlio, meu amigo? – Perguntou Jaime José de Barros.

– Nada técnico desta vez. – Disse Júlio. – Eu apenas estou curioso em relação ao que está por trás disso tudo, isto é, se há alguma empresa, quais são os países envolvidos e quem está no comando da operação.

– É claro, é claro. – Disse o português coçando um dos cotovelos. – Eu coloquei essas informações no tablet também, mas posso resumir para ti. – Ele mostrou a área de trabalho no computador ao lado deles, revelando um wallpaper com um logotipo. - A JVGR é uma entidade supragovernamental regida por um estatuto próprio e administrada por um conselho que responde diretamente aos líderes de cada país envolvido. Todavia, não é uma operação exclusivamente governamental, e alguns setores são operados por empresas privadas.

Júlio assentia, admirando a grandiosidade daquele esforço científico conjunto, questionando-se se ele seria possível caso não fosse movido pela promessa de uma futura exploração lucrativa.

– Nem todos na Jules Verne sabem da real natureza do projeto. – Continuou o português. - Os trabalhadores, soldados, faxineiros e cozinheiros, por exemplo, acreditam que este é apenas um centro de exploração e pesquisa. E é importante que permaneça assim, por isso conto com tua discrição enquanto estiver fora dos centros de análise e pesquisa.

– De acordo. – Disse Júlio.

Jaime José de Barros sorriu e colocou uma mão no ombro do brasileiro.

– Nós venceremos a Gacol juntos, meu amigo.

– E então lhe daremos outro nome, porque esse não soa nada bem. – Disse Júlio retribuindo o sorriso.

Capítulo 4

Levou quase uma semana para que Miqel se acostumasse ao novo local de trabalho. Ele fez questão de memorizar o pequeno mapa que havia no quadro de avisos do Bloco 089F, bem como todas as informações que encontrou sobre os principais departamentos e suas funções. Infelizmente, boa parte dos blocos tinha legendas vagas como "Laboratório 02" ou "Oficina A", geralmente localizados em algum dos setores com acesso restrito. Dentro da área livre para os trabalhadores estavam os blocos de alojamento, os refeitórios e alguns setores administrativos como o de registro. Havia ainda um bloco destinado ao lazer e entretenimento, com uma pequena quadra de esportes, mesas para jogos de cartas e um bar/lanchonete onde muitos dos trabalhadores gastavam inadvertidamente seu pagamento.

Ardur não se esforçara tanto e, até o momento, aprendera apenas a localização dos alojamentos e de um refeitório. Miqel achou que o amigo gostaria de passar o tempo livre no bar mas, para sua surpresa inicial, ele disse que trabalhar naquele lugar era tão ruim que não valia a pena gastar o dinheiro com bebidas e lanches. Após refletir um pouco, Miqel chegou à conclusão de que Ardur só dissera aquilo porque as poucas mulheres da equipe não frequentavam o local.

A relação dos dois com os novos colegas estava sendo satisfatória, e o grupo parecia bastante unido na base da perfuração. O fantasma dos acidentes de trabalho, principalmente os fatais, provavelmente era responsável por manter todos de olhos abertos e cooperando entre si. Os problemas pessoais costumavam nascer e morrer nas horas de folga, principalmente relacionados à apostas e excesso de bebida.

Mesmo sendo um lugar muito diferente daqueles em que já haviam trabalhado, o mais intrigante, na verdade, era que nenhum dos trabalhadores sabia qual era o propósito da base. A versão oficial, espalhada pelos gerentes e encarregados, era que as perfurações tinham como objetivo atingir o maior lençol freático já sondado, bem como explorar as possibilidades de mineração e estudo científico. A maioria dos trabalhadores, no entanto, tinha teorias e até mesmo crenças conspiratórias sobre o real intuito das perfurações. Ardur dava ouvidos a essas pessoas, pois dizia que era a única coisa interessante naquele lugar, enquanto Miqel acreditava em uma explicação mais simples: eles eram trabalhadores braçais, e não era necessário que soubessem os objetivos ou detalhes do projeto.

O trabalho em si era desafiador. O maquinário e os mecanismos avançados, somados ao volume de escavação e a quantidade de tarefas diferentes, tornavam qualquer função mais complicada do que um trabalhador comum estava acostumado. Ardur estava tendo problemas em relação ao ritmo no pátio central, e já no segundo dia foi designado como auxiliar do operador de cabos de um dos rapeis. Miqel permaneceu à disposição da equipe principal e,

mesmo tendo presenciado um acidente logo em seu primeiro dia, decidiu adicionar seu nome ao que todos chamavam de "loteria". A lista de trabalhadores dispostos a fazer as missões de reparo, arriscando a vida em algum dos dois poços, era conhecida assim porque poderia significar um ganho adicional significativo, ou então algum dano físico permanente. Frequentemente a morte. Alguns davam seus nomes por não terem nada a perder, outros porque viam na recompensa uma forma de sair dali com condições financeiras suficientes para recomeçar a vida, até mesmo visando o enriquecimento rápido.

Embora o objetivo de Miqel fosse compatível com o dos seus colegas ambiciosos, ele não conseguia se sentir conectado a eles. Talvez porque fosse desconfortável assumir seu próprio egoísmo. Ao invés disso, ele procurava se imaginar junto daqueles que estavam ali por suas famílias, e que costumavam repassar a maior parte de cada pagamento a elas. Ele se compadeceu com a história de um homem que morrera há duas semanas, em sua primeira missão de reparo profundo, a qual aceitara apenas porque precisava de dinheiro para um tratamento médico para seu filho doente.

– Dá para contar nos dedos o número de pessoas que toparam descer lá mais de uma vez. – Disse um dos colegas de Miqel, quando este tentou descobrir qual era a razão de tamanho receio em participar dessas operações, assim como o porquê de serem tão perigosas. – A maioria fica traumatizada e assustada demais para repetir, e sempre dizem que é a pior experiência que alguém pode passar debaixo da terra.

– Mas o que exatamente acontece lá embaixo? – Perguntou Miqel. – Não entendo o que há de tão diferente de uma escavação normal.

– Para começar, a profundidade aqui é absurdamente maior e apenas a viagem até o local atual das brocas leva várias horas. – Respondeu o colega. – Você pode imaginar isso, *qexo*? Horas preso em um pequeno veículo de alta pressurização, na escuridão total, sem ninguém para te socorrer em caso de algum acidente. É sabido que alguns se feriram ao realizar sua missão e acabaram morrendo enquanto voltavam, agonizando sem tratamento médico adequado. – Ele abaixou o tom da voz, como se estivesse contando uma história de terror, e continuou. – Mas o pior está lá no fundo. Dizem que a própria rocha é tão instável que o veículo se torna muito difícil de ser pilotado, e que sua mente fica confusa como se você estivesse rodando. Há rumores de que num momento você está de pé, e no momento seguinte você sente uma pressão inexplicável vê de ponta cabeça, mesmo sem ter se movido um só milímetro. As chances de haver um acidente provocado por um deslocamento de rocha são altas, e muitos já foram esmagados durante uma dessas "inversões".

Miqel se mantinha confiante de suas habilidades, e tinha certeza de que conseguiria voltar inteiro quando fosse convocado para uma operação. Ele estava se esforçando bastante para chamar a atenção dos encarregados, e assim conseguir extrair o máximo possível daquele trabalho. Segundo suas contas, caso guardasse uma quantia razoável por mês, conseguiria comprar uma boa casa dentro aproximadamente três anos. E caso conseguisse algumas tarefas

adicionais, fossem ou não da "loteria", esse tempo poderia ser diminuído para um ano e meio, na melhor das hipóteses.

– Ei *qexo*. – Chamou Ardur, assim que soou o apito que indicava o intervalo para o almoço. – Vamos entrar na fila antes que a carne acabe.

Miqel se juntou ao colega na fila, pegando uma tigela, um garfo e uma faca. As refeições eram fornecidas por uma empresa chamada Rosemita SE, e não eram muito diferentes das que os trabalhadores estavam acostumados a consumir em seus empregos anteriores. O cardápio do dia era composto por creme de milho, batata cozida, salada de repolho e um pedaço de frango, sendo que os primeiros da fila conseguiam pegar as melhores partes. A única bebida disponível na base de perfuração era água, fornecida diretamente de um poço artesiano simples, em horários determinados.

– Adivinha o que eu descobri. – Disse Ardur mastigando seu creme de milho.

– Que isso tudo não passa de uma grande conspiração? – Sugeriu Miqel sarcasticamente.

– Exatamente! – Ardur olhou para os lados e abaixou o tom de voz. – O pessoal do carregamento estava comentando que um dos olhos puxados ouviu uma conversa entre dois gerentes durante a troca de turno. Segundo ele, o governo tem provas da existência de um povo que mora debaixo da terra e essa perfuração tem como objetivo fazer o primeiro contato com eles.

– Eu sei que povo é esse. – Disse Miqel sem dar o menor crédito ao amigo. – São conhecidos como Homens-Minhoca e moram em tocas bem compridas e apertadas.

– Miqel, isso não é brincadeira. – Continuou o amigo sem perder o entusiasmo. – O olho puxado garante que ouviu um dos gerentes comentar que nesse lugar debaixo da terra há dois sóis, mas um deles é frio e pálido. Ele ainda disse que os acidentes são causados por uma barreira de energia que divide o nosso mundo e o deles.

– É sério que você acredita nisso, *qexo*? – Perguntou Miqel. – Todo mundo sabe que a única coisa que existe abaixo da superfície é lava e rocha derretida.

– Então como você me explica a profundidade do túnel? – Sorriu Ardur. – Onde está a lava? Por que estão perfurando sem parar?

– Não sei. – Admitiu Miqel. – Mas não acredito na teoria dos Homens-Minhoca. Com certeza há uma explicação científica ou econômica para esse projeto, nós apenas não sabemos porque não é da nossa conta.

– Você tem a mente muito fechada, *qexo*. – Disse Ardur apontando uma coxa de frango para o colega. – A única coisa em que você acredita é o dinheiro.

– Nisso você está certo. – Disse Miqel. - Eu acredito no dinheiro e em tudo que eu consigo comprar com ele.

Após o almoço, Miqel ouviu ainda mais alguns trabalhadores comentando a mesma história que Ardur lhe contara no intervalo do almoço. Ele não ficaria surpreso se o boato tivesse sido inventado por algum dos colegas mais

brincalhões, pois cada vez que ouvia a história, ela era contada de maneira ligeiramente diferente, como se cada um a modificasse para que soasse mais misteriosa ou chocante.

– Venha comigo, Miqel, vamos ajudar na substituição do hidráulico secundário. - Ordenou o encarregado geral, apontando para a gêmea da direita. – Preciso de alguém com as mãos firmes para colocar a vedação.

Miqel acompanhou seu chefe até a gêmea da direita, onde Ardur e mais dois colegas organizavam os equipamentos novos. Essa seria a primeira vez que os amigos ajudariam a substituir uma das peças principais, mas o encarregado era experiente e tinha um grande conhecimento técnico, e provavelmente os orientaria da melhor forma.

O conjunto hidráulico, mesmo sendo apenas o secundário, era muito grande e bastante complexo. Apenas a retirada do painel e das válvulas externas levou quase meia hora. O procedimento tinha que ser realizado em partes, pois se todo o conjunto fosse desativado ao mesmo tempo, haveria risco de sobrecarga no sistema principal ou até mesmo o rompimento de alguma das tesouras.

– Ative a trava antes de retirar o bico. – Ordenou o encarregado, que não tocava em nada, apenas indicava os passos a serem seguidos e repreendia quem cometesse um erro.

O turno já estava acabando quando eles entraram na etapa final da substituição. Como boa parte das peças era pesada e os encaixes exigiam movimentos lentos e precisos, todos estavam bastante cansados.

– Miqel, pegue a vedação central e posicione ali na frente, mas não encaixe ainda. – Disse o encarregado. – Ardur, trave todas as tesouras e abra o pistão do meio. Quando estiver pronto, dê o sinal e Miqel encaixará a vedação. Em seguida, Ruy colocará a tampa e fechará o pistão.

– Entendido. – Disse Ardur, abaixando-se. – Tudo pronto aqui.

No instante em que Miqel moveu a vedação para frente, percebeu que uma das travas não havia sido inteiramente acionada e, movendo os olhos na direção das tesouras, viu que uma delas começava a se mover. Ele mal teve tempo de soltar a vedação e se jogar sobre Ardur antes que a tesoura passasse rapidamente no lugar onde antes estava o peito do amigo, num movimento de pêndulo. O encarregado rapidamente se abaixou e acionou a trava que controlava a tesoura. Em seguida, olhou furioso para Ardur e esbravejou:

– O que você tem na cabeça?! Se não fosse Miqel, você estaria morto! – Enquanto ele gritava, várias pessoas se aproximaram, curiosas. – Será que você não consegue entender uma ordem simples? Qual é a dificuldade de apertar uma trava até o final? Por sua culpa teremos que substituir o cabo da tesoura.

Ardur ainda estava sentado e segurando fortemente o braço de Miqel, com uma expressão assustada em seu rosto pálido.

– Você está dispensado por hoje. – Continuou o encarregado. – A partir de amanhã você vai trabalhar na carga e descarga. Eu não quero ninguém desleixado na minha equipe, aqui o descuido pode custar vidas.

Ardur apenas assentiu. O encarregado respirou fundo e se virou para Miqel:

– Pessoal, quero uma salva de palmas para esse rapaz aqui. – Disse em voz alta e firme. - Ele estava atento e agiu rapidamente, arriscando a própria vida para salvar a de um colega descuidado.

Os trabalhadores que estavam próximos aplaudiram, reconhecendo a ação de Miqel. Ele ficou constrangido, mas estava aliviado por ter empurrado Ardur a tempo de evitar o choque com a tesoura. O amigo abaixou a cabeça e rapidamente deixou o local de trabalho, mas não sem antes encarar Miqel e agradecer sinceramente com um aceno de cabeça. Pouco depois, ao final do turno, Miqel se desviou dos colegas que queriam mais informações sobre o incidente e subiu para encontrar Ardur, imaginando que o mesmo estava no alojamento. Contudo, foi surpreendido pelo seu amigo na metade do caminho.

Ardur estava a dois blocos do alojamento, sob uma marquise estreita, ao lado de uma mulher que usava roupas semelhantes às dos profissionais técnicos. Os dois pareciam estar tendo uma conversa descontraída e, apenas pela postura do amigo, Miqel percebeu que ele estava se esforçando para passar uma boa impressão. Quando percebeu a aproximação de Miqel, Ardur levantou as sobrancelhas e sorriu dizendo:

– Aí está o homem!

A mulher se virou, curiosa, e Miqel viu que ela era muito bonita e limpa, diferentemente da maioria das mulheres com quem Ardur já tivera alguma espécie de relaci-

onamento. Ele também se perguntou o que ela fazia ali, conversando com um simples trabalhador recém-saído de seu turno, e admirou a audácia do amigo mesmo após quase ter morrido.

– Venha para a sombra conosco, Miqel. – Continuou Ardur. – Eu estava contando para minha amiga sobre como eu o salvei de um acidente fatal e fui dispensado mais cedo do trabalho. – E piscou para o amigo, pedindo sua colaboração.

– Ah sim. – Disse Miqel, tentando ser convincente. – Eu estaria morto agora se não fosse a agilidade do Ardur.

– Impressionante. – Disse a mulher. – Então o trabalho lá embaixo é tão perigoso quanto dizem.

– Mais do que você imagina. – Disse Ardur. – Mas nós somos homens corajosos, e protegemos um ao outro sempre que conseguimos.

– Eu admiro homens corajosos. – Disse a mulher, inclinando a cabeça para o lado com um leve sorriso. - Me chamo Vanesa, trabalho nas estufas.

– Nós nos conhecemos bem ali na esquina. – Disse Ardur. – Ela estava voltando do setor de registro e eu estava indo receber a gratificação pelo ato heroico.

- Legal. – Falou Miqel, e virou-se para o amigo olhando-o firmemente. – Acho que vou te acompanhar então, afinal foi a minha vida que você salvou, não é mesmo?

– Claro, claro. – Respondeu Ardur. – Mas eu acho que...

– Eu devo voltar agora também. – Interrompeu Vanesa, colocando as mãos no bolso.

– Tem certeza? Podemos sair desse calor e beber algo no bar, ele é simples mas tem algumas boas opções. – Tentou Ardur.

– Eu agradeço o convite, mas preciso voltar para a estufa. – Disse Vanesa, colocando a mão no ombro de um frustrado Ardur. – Mas eu não tenho nada planejado para amanhã. Acho que nós três poderíamos beber alguma coisa juntos.

– É uma ótima ideia. – Animou-se Ardur.

Miqel apenas assentiu.

– Tem um bar que é restrito para o pessoal técnico, mas eu sou amiga do segurança e acho que consigo fazer vocês entrarem. – Disse Vanesa. – Se vocês puderem colocar umas roupas melhores, ninguém vai prestar atenção em nós.

– Combinado. – Falou Ardur. – A gente toma um banho, veste uma roupa boa e ninguém vai desconfiar que nós somos da perfuração.

– Mal posso esperar para ouvir mais sobre os perigos que vocês já enfrentaram. – Disse Vanesa. – Mas eu também tenho algumas histórias que vocês vão achar bem interessantes.

– Vou adorar ouvi-las. – Disse Ardur, sorrindo.

– Vocês podem me esperar na frente da guarita. – Disse Vanesa, apontando para a grade que dividia a área dos alojamentos da área de pesquisa técnica. – Duas horas depois do turno de vocês acabar, pode ser?

– Por mim está ótimo. – Disse Ardur, e olhou para Miqel.

– Sim, por mim também. – Falou Miqel.

– Então até amanhã, amigos. – Despediu-se Vanesa, e seguiu em direção à guarita. Quando ela atravessou, Ardur olhou para o amigo e abriu um largo sorriso.

– Não acredito que consegui um encontro com ela, *qexo*.

– Não é bem um encontro, se eu vou junto. – Disse Miqel.

– Mas você não vai, não é? – Disse Ardur.

– Você está me devendo duas, *qexo*. – Sorriu Miqel.

Capítulo 5

Há muito tempo Júlio não se sentia tão empolgado. As horas que ele gastara lendo e estudando o material sobre a teoria (agora certeza científica) da Terra Oca passaram voando. Eram tantos relatórios, tantas bases de dados e tantos artigos extraordinários, que ele não conseguia parar de consumir aquele material. Por mais que tivesse sido desafiador dar crédito a uma alegação tão polêmica no início, a presença de provas sólidas e explicações plausíveis tinha levado o engenheiro a embarcar de cabeça na ideia. O projeto de perfuração em si era uma concepção genial. Ele havia sido elaborado há mais de dez anos por um grupo de cientistas e engenheiros notáveis, e empregava a mais avançada tecnologia que a humanidade possuía, incluindo algumas coisas experimentais mantidas em sigilo pelos governos envolvidos.

A única coisa incômoda naquele lugar era o isolamento. Júlio entendia perfeitamente a necessidade de sigilo, e procurava compreender a necessidade da rigidez e da segurança, que ele descobriu ser composta por militares das forças especiais, principalmente americanos. Contudo, ter as comunicações monitoradas e o acesso restrito a alguns lugares era desconfortável. Quando telefonou para o irmão, da sala destinada às comunicações externas, ele teve que mentir dizendo que estava trabalhando na exploração de uma recém descoberta reserva de petróleo.

O acesso à internet era restrito a um laboratório coletivo localizado em um dos blocos próximos à entrada, e cada clique ou caractere digitado era monitorado. No restante da base o acesso se resumia a uma intranet poderosa, porém limitada apenas aos sites e sistemas locais. Um dos programadores havia conseguido liberação para criar uma rede social, nos moldes do Facebook, para uso apenas do pessoal técnico e dos cientistas, mas poucos aderiram a ideia. A principal fonte de informações externas eram as televisões instaladas em alguns lugares de acesso comum, como refeitórios e áreas de lazer, e geralmente transmitiam canais de notícias. Algumas pessoas possuíam suas próprias televisões e videogames nos apartamentos, mas a quantidade de canais era limitada e havia um bloqueio de sinal e uma inspeção em cada aparelho que entrava ou saía da base.

Nos seus primeiros dias, além de estudar a fundo o material que Jaime José de Barros tinha lhe fornecido, Júlio fizera questão de conhecer melhor seus colegas de equipe, descobrindo que a maioria tinha passado por uma experiência de contratação semelhante à dele, e que apenas três deles, incluindo Jaime José de Barros, haviam participado do projeto original e estavam envolvidos desde o começo. Todos eram profissionais reconhecidos em suas áreas de atuação, e Júlio se sentiu orgulhoso em fazer parte de uma equipe tão qualificada. Ele conheceu também os colegas que não estavam trabalhando no dia em que ele chegou, e reconheceu o geólogo Rambolf Green, lembrando que já haviam trabalhado em conjunto num projeto há quase quatro anos.

Júlio gostou muito da integração que havia entre os diversos departamentos de pesquisa, e eles frequentemente se reuniam com físicos, químicos e até mesmo programadores. Todos estavam unidos com o objetivo de vencer a Gacol o mais rápido possível, mas era um desafio sem precedentes, já que nenhum ser humano jamais havia enfrentado a necessidade de cruzar um lugar com gravidade inconstante a milhares de quilômetros de profundidade.

– As brocas não estão respondendo corretamente aos comandos. – Explicou Jaime José de Barros a Júlio, enquanto monitoravam os relatórios periódicos. – As sondagens indicam que os vetores gravitacionais são tão voláteis que os sensores internos das perfuratrizes não conseguem estabelecer um rumo preciso.

– Isso está levando a um excesso de paradas totais. – Concordou Júlio. – E os sistemas demoram muito tempo para recalcular os parâmetros dos giroscópios, afetando consideravelmente a velocidade da perfuração.

– Resumindo: nós enviamos a ordem, o sistema delas tenta obedecer, não consegue, e nós acabamos com uma broca quebrada. – Disse Jaime José de Barros. – Então temos que enviar algum pobre coitado para reiniciar a perfuratriz e substituir peças avariadas manualmente, nos custando no mínimo um dia de trabalho. Além disso, nesse ponto da Gracol, o túnel sofre com os efeitos da gravidade instável e acaba desmoronando, o que exige um recuo das brocas.

– Entendo. – Disse Júlio. - Então temos que pensar numa forma de compensar essas oscilações e manter o túnel estável.

– Exatamente. – Disse Jaime José de Barros. – E precisamos encontrar um modo de contornar esses obstáculos o mais rápido possível, pois o projeto está se tornando cada vez mais caro e nós paramos de progredir.

Júlio se arriscou a dar algumas ideias, mas elas já haviam sido sugeridas, discutidas e descartadas anteriormente à sua chegada. O projeto em estágio mais avançado e com maior possibilidade de sucesso era da estabilização do túnel. A equipe de engenharia estava trabalhando em um trilho variável suspenso, fabricado com peças independentes interconectadas de modo a compensar a movimentação causada pela gravidade oscilante. As paredes seriam fixadas firmemente na rocha, permitindo que o movimento do trilho se harmonizasse ao movimento do solo ao seu redor. Para impedir o rompimento da estrutura haveria um sistema de amortecimento cruzado, permitindo pequenos movimentos de contração e expansão e mantendo a abertura grande o suficiente para a futura descida dos vagões verticais, responsáveis por transportar pessoas e cargas.

Todas as ideias válidas eram trabalhadas em conjunto com o departamento de programação, com a gradual inserção do modelo dentro do programa responsável por simular as condições adversas da Gacol. Caso a taxa de sucesso nas simulações fosse satisfatória, o protótipo seria fabricado, testado e colocado em funcionamento.

Foi no meio da segunda semana que uma ideia ocorreu a Júlio, enquanto ele tomava uma xícara de café em seu apartamento e analisava o relatório de uma operação de reinicialização manual. No entanto, ele não a compartilhou com os colegas até ter finalizado um esboço e um modelo

tridimensional completo, e preferiu discuti-la primeiramente com o doutor Barros. A oportunidade não demorou, pois dentro alguns dias ele e o português seriam os responsáveis por mais um turno noite adentro. Júlio levou consigo um pen drive contendo os principais dados que reunira para validar sua hipótese, bem como o modelo e a simulação que desenvolvera.

Jaime José de Barros já estava no laboratório quando o brasileiro chegou. Eles conversaram por alguns minutos, analisando os dados daquele dia e se inteirando da situação deixada pela equipe anterior. Infelizmente, houvera um acidente na volta de um trabalhador enviado para substituir um sensor danificado durante uma inversão gravitacional. Ele não resistiu à pressão e desmaiou logo após completar sua tarefa e voltar ao veículo, deixando a porta destrancada e a cabine vulnerável à entrada de detritos. Com isso, um amontoado de rochas foi arremessado diretamente sobre ele, enquanto subia pelos trilhos, causando várias fraturas e quase custando sua vida. Após um momento de silêncio, o cientista português disse:

– Queria poder resolver esses problemas sem a necessidade de expor mais trabalhadores ao perigo.

Júlio hesitou, aproximou-se da janela e disse:

– Eu tenho pensado em uma solução para o controle eficiente das perfuratrizes em meio aos choques gravitacionais, mas infelizmente ele exigiria colocar mais pessoas em perigo.

– Como assim? – Perguntou Jaime.

– É certo que o que nos tem feito falhar é, principalmente, a falta de comunicação precisa e a grande demora

na resolução de problemas. Pequenas falhas na transferência de dados e até mesmo sensores descalibrados são suficientes para forçar uma parada total das perfuratrizes.

– Eu percebo aonde tu queres chegar, Júlio. Mas é impossível para um trabalhador comum operar as matrizes e ainda corrigir o curso de acordo com as variações gravitacionais. Isso exige conhecimento técnico avançado.

– E é por isso que eu proponho que não seja uma operação de um homem só. – Explicou Júlio, rapidamente abrindo o modelo tridimensional no monitor central. – Eu projetei esta estação de controle para ser acoplada às perfuratrizes. Ela contém suas próprias sondas e sensores, todos operando em um sistema de redundância, trocando informações com o equipamento de perfuração. Uma equipe de três pessoas seria responsável por interpretar as leituras, efetuar os reparos e o mais importante: manter a perfuração na direção correta. – Júlio fez uma pausa. – E uma dessas pessoas seria alguém da nossa equipe.

– Entendo. Alguém com conhecimento suficiente para compreender as oscilações da Gacol e modificar o curso das perfuratrizes em tempo real. – O português analisou o projeto por um momento. – Percebo que tu planejaste o modelo com suporte de alimentação e oxigênio, mas percebo também alguns problemas, e creio que tu saibas quais são.

– Sim. – Admitiu Júlio. – Não seria viável que apenas um de nós descesse, pois são dois módulos perfurando 24h por dia, o que leva à necessidade de turnos. Levando em consideração o tempo necessário para alcançar o local atual de perfuração, cada equipe teria que ficar pelo menos 48h

abaixo da superfície, contando com o tempo de ida e volta. Isso exigiria um mínimo de vinte e quatro voluntários, sendo seis da nossa equipe.

– Eu acho essa ideia impressionante. – Disse o doutor Barros. – Mas é improvável que ela seja colocada em prática, pois não imagino os cientistas reagindo positivamente à ideia de arriscar suas vidas na Gacol.

– Você iria? – Perguntou Júlio.

– Sem dúvidas. – Respondeu Jaime, em tom firme. – Eu acredito que este projeto é maior do que nós mesmos, e os riscos são válidos.

– Então não subestime os seus colegas. – Disse Júlio. – Talvez tenhamos mais homens e mulheres corajosos aqui do que você pensa.

Jaime José de Barros ficou em silêncio por um momento, e Júlio sentiu que talvez tivesse exagerado nas palavras, mas o amigo olhou para ele e sorriu.

– Tu tens razão. – Disse. - Este plano bem executado é a nossa melhor chance de atravessar a Gacol a uma velocidade razoável, ainda mais levando em conta os promissores projetos para estabilização dos túneis.

– Qual são as chances de o conselho aprovar o meu projeto? – Perguntou Júlio.

– Elevadas, eu diria. – Respondeu o português. – Eles estão ansiosos, há muita pressão para que atravessemos a Gacol o quanto antes, e duvido que não estariam dispostos a arriscar algumas vidas para acelerar o cronograma.

– Devemos falar primeiro com a equipe. – Sugeriu Júlio.

– De acordo. – Disse Jaime observando novamente o modelo tridimensional que girava no monitor central. – Marcarei uma reunião para amanhã mesmo, chamarei a nossa equipa completa, além de alguns outros colegas que sei que têm capacidade para comandar os módulos.

Os dois discutiram mais detalhes do projeto durante o restante do turno, mesmo enquanto faziam o trabalho rotineiro e as análises de diagnóstico. O doutor Barros fez observações muito úteis, e eles conseguiram melhorar diversos aspectos técnicos dos módulos. Júlio voltou para seu apartamento animado com a recepção inicial que sua ideia tivera, mas estava ansioso pela resposta que os demais colegas dariam. Seria improvável que todos apoiassem o plano, mas a situação desesperadora exigia medidas mais arriscadas, e Júlio sabia que a cobrança de resultados pelo conselho seria um ponto a favor.

Ao sair do domo de perfuração, ainda absorto em pensamentos científicos, Júlio demorou a notar que a noite estava particularmente agradável para quem, assim como ele, apreciava uma leve brisa e temperaturas mais baixas. Ele parou do outro lado da rua, em frente à entrada de seu bloco, e sentiu uma repentina vontade de caminhar, algo que não fizera desde a chegada na JVGR.

– Acho que eu mereço um pequeno descanso, afinal. – Disse baixinho para si mesmo, lembrando-se de todo o trabalho que tivera para elaborar o projeto de perfuração guiada.

Júlio virou a esquina e seguiu entre os blocos de alojamento, encontrando algumas pessoas, ora apressadas, ora

voltando calmamente para os seus apartamentos. Ele também passou em frente a alguns laboratórios, a maioria com suas luzes ligadas, em operação mesmo durante a noite. A base inteira pareceria uma grande universidade se não fosse a presença dos militares, espalhados organizadamente pelas ruas e guaritas ao longo dos muros. O engenheiro buscava ignorar a vigilância constante deles, mas não podia deixar de se sentir uma semelhança desconfortável com uma prisão.

Após contornar o centro de perfuração e caminhar pela lateral oeste da base, Júlio parou por um momento e observou o céu sem nuvens, com a Lua crescente brilhando entre as estrelas. Esse cenário lhe trazia calma, mas aos poucos um sentimento de saudade ganhava espaço em seu coração, e ele pensou no filho e na família, e no quanto estava longe de revê-los. Ele então sentiu medo, pois pela primeira vez entendeu o que realmente significava arriscar a vida no comando de um módulo de perfuração e, no caso de algo dar errado, seu filho poderia ficar órfão.

– Também vou ficar com saudade dela.

Júlio levou um susto. Uma mulher estava parada a menos de um metro dele, olhando para a lua. Ela usava um jaleco branco semelhante ao dele, e tinha o cabelo castanho claro, quase loiro, preso em um coque. Por um momento, ainda sentindo uma leve angústia devido aos pensamentos anteriores, o engenheiro ficou confuso e apenas assentiu.

– Costumo vir aqui todas as noites. – Continuou a mulher, e Júlio percebeu que ela tinha um leve sotaque castelhano. – É o melhor lugar para admirar a noite, não há tantas luzes acesas e nem tantos guardas.

– É uma vista muito bonita, realmente. – Disse Júlio, agora mais calmo. – Gosto de olhar para as montanhas.

Ela fez uma expressão de pouca concordância, como se não visse nada de interessante nas montanhas.

– Vi que seu nome é Júlio. – Disse ela, indicando com a cabeça o bordado no jaleco do brasileiro. – Todo mundo deve te dizer isso, mas é uma coincidência interessante, ainda mais que você trabalha na perfuração.

– Na verdade. – Sorriu Júlio. – Você é apenas a vigésima pessoa que me diz isso. Poderia me dizer seu nome, para que eu anote na lista?

– Vanessa, do *Botanics Environment*. – Ela fez uma pausa. – Se você pudesse escolher só uma coisa para levar consigo, o que escolheria?

– Como assim? – Perguntou Júlio.

– Não estou falando de objetos e itens pessoais. – Respondeu Vanessa. – Me refiro a coisas impossíveis de levar, como a noite, as estrelas, ou a própria Lua.

– Não estou entendendo – Disse Júlio confuso. – Levar para onde?

Vanessa o olhou por um momento, sem entender a reação de Júlio, mas então seu rosto relaxou e ela fechou os olhos lentamente, colocando a mão direita na testa.

– Você não sabe. – Disse ela, tentando esconder a decepção. – Quando vi que você era engenheiro de perfuração eu pensei que... deixa pra lá. Desculpa por isso, é melhor eu ir para o meu alojamento.

– Do que você está falando? – Perguntou Júlio, agora intrigado pela reação da botânica.

– Esquece. – Disse Vanessa. – Era só uma brincadeira, como aquela "o que você levaria para uma ilha deserta".

– Você pareceu decepcionada demais quando percebeu que eu não sabia do que você estava falando. – Insistiu Júlio. – E também tentou ir embora, o que não foi uma reação proporcional à sua justificativa de que era apenas uma brincadeira.

– Achei que seu nome era Júlio, e não Sherlock. – Disse Vanessa, levantando uma sobrancelha.

– Apenas me explique o que você quis dizer com "você não sabe". – Pediu Júlio.

Vanessa o avaliou por um momento, como se decidisse se deveria ou não confiar no engenheiro.

– Está bem. – Disse, por fim. – Me encontre aqui amanhã à noite, mas não mencione nossa conversa com ninguém.

– Por que não me conta agora? – Perguntou Júlio. – Manter o mistério faz parte do protocolo desta base?

– Preciso pensar. – Respondeu Vanessa, olhando nos olhos de Júlio. – Não sei se tenho a liberdade de contar algo para você, nem mesmo sei se devo confiar em você. Se eu não estiver aqui amanhã, espero que entenda que eu decidi esquecer essa conversa, e não me procure.

– Quanto mais você fala, mais curioso eu fico.

– Então acho melhor encerrarmos essa conversa, ao menos por ora. – Disse Vanessa estendendo a mão direita.

– Certo. – Falou Júlio. – Eu estarei aqui amanhã.

– Eu também. Talvez.

Capítulo 5

Qualquer pessoa que visse Ardur naquela manhã, sorrindo ao comer um pedaço de pão, jamais imaginaria que ele quase morrera em um acidente no dia anterior. Ele estava tão animado com a ideia de se encontrar novamente com Vanesa, desta vez em um ambiente mais agradável, que não se importava em ter sido realocado para o carregamento, tampouco parecia envergonhado quando alguns colegas o encaravam repreensivamente. Na noite anterior, enquanto separava e desamassava a única peça de roupa apresentável que tinha, ele repetira várias vezes que Vanesa era diferente de todas as mulheres que já encontrara, e que não desperdiçaria a chance de conquistar seu coração.

Mesmo tendo recebido mais agradecimentos por ter sustentado a versão de Ardur sobre o acidente do que por ter salvo a vida dele, Miqel estava feliz com a situação. Ele temia que, após a bronca do encarregado e o rebaixamento de função, o amigo desistisse do novo trabalho e pedisse transferência, deixando a base de perfuração. Se normalmente não era problema ajudar Ardur em suas tentativas de romance, nesta situação era ainda mais fácil e, afinal de contas, Miqel não estava interessado em passar a noite bebendo e ouvindo as mesmas histórias que o amigo sempre contava quando saíam com garotas.

Ficou estabelecido que Ardur justificaria a ausência de Miqel dizendo que este tivera problemas intestinais, o que, apesar de não ser a desculpa mais original, era perfeitamente plausível.

– Eu queria levar um presente para ela. – Disse Ardur. – Mas onde eu poderia encontrar alguma coisa aqui? Não vi nenhuma loja desde que chegamos.

– Pague uma bebida para ela. – Sugeriu Miqel.

– É. Não tenho outra opção. – Falou Ardur.

Os colegas entraram na base de perfuração, passando por um grupo de olhos-puxados que deixava local após o fim do seu turno. Dentro de poucos minutos, cada um estava em seu posto de trabalho, e Miqel percebeu que Ardur não parecia desanimado com a nova função. Pelo contrário, o amigo trabalhava como se tivesse sido promovido e não rebaixado.

– É bom ver que o susto de ontem fez ele se espertar. – Disse o encarregado para Miqel, durante um breve intervalo.

– Realmente. – Concordou Miqel, embora soubesse que a atitude animada do colega não estava totalmente relacionada ao acidente do dia anterior.

– Se ele fizer por merecer, vou aceita-lo na nossa equipe novamente. – Continuou o encarregado. – Acho que ele aprendeu a lição.

– Acredito que sim. – Disse Miqel, e aproveitou a situação para defender o amigo. – Ontem foi um caso isolado. Nós trabalhamos juntos há bastante tempo e eu sempre confiei nas habilidades dele.

– Se ele for um bom profissional, vai acabar se provando como tal. – Disse o encarregado, retornando para perto das gêmeas. – Esse é o melhor lugar para quem quer se destacar.

Miqel refletiu por um momento sobre a última frase dita pelo chefe, presumindo que ela, além de se referir a Ardur, fosse uma indireta para ele mesmo. Inicialmente, seus planos eram apenas trabalhar com seriedade e conseguir participar dos procedimentos que renderiam gratificações. Contudo, ele agora começava a pensar que talvez tivesse chances de se destacar de outras maneiras, talvez até mesmo alcançando cargos melhores dentro da empresa. No intervalo do almoço, Miqel buscou Ardur para contar sobre a conversa que tivera com o encarregado, bem como para perguntar sobre como estava sendo o trabalho na carga e descarga. Foi surpreendido ao ver o amigo na fila, segurando o prato vazio e olhando para o chão com ar de desânimo.

– Comeu algo estragado, *qexo*? – Perguntou Miqel.

– Quem me dera. – Respondeu o colega, balançando a cabeça. – Pelo menos isso eu resolveria com uma ida ao banheiro.

– Problemas com a nova função?

– Pode-se dizer que sim. – Disse Ardur, servindo-se de purê de batatas. – Veja, o trabalho em si não é ruim, apesar de ser mais cansativo e exigir um pouco mais de força física. E tudo estava correndo bem até que o nosso encarregado convocou a equipe para um fazer meio turno extra após o horário, porque segundo ele estamos atrasados em relação aos outros setores.

– O encontro com Vanesa. – Deduziu Miqel.

– O encontro com Vanesa. – Assentiu Ardur, pesaroso. – Era minha grande chance e agora esturricou.

– Alguma possibilidade de conseguir faltar e repor depois?

– No primeiro dia? O encarregado jamais me liberaria.

– Se eu puder ajudar de alguma forma. – Ofereceu-se Miqel, imaginando que talvez o amigo pedisse que ele o substituísse no turno extra.

– Eu estou com a imagem manchada aqui, então não tenho escolha a não ser ficar e trabalhar. – Disse Ardur. – Mas você vai sair no horário normal.

– Quer que eu fale com ela, certo?

– Sim. – Continuou o amigo. – É a única maneira de manter o contato com ela. Preciso que você explique a situação e tente combinar outro encontro, você acha que consegue?

– Vou tentar, *qexo*. – Disse Miqel. – Mas não tenho o mesmo charme que você.

– O encontro é para mim, então deixe o charme aqui nas gêmeas. – Riu Ardur. – Vou ficar te devendo mais uma, *qexo*.

– Amigo é para essas coisas. – Disse Miquel.

– Já estou ficando preocupado, daqui a pouco estarei te devendo mais do que posso pagar.

Miqel se concentrou ainda mais no trabalho durante o restante do expediente, consternado pelo revés ocorrido com o amigo. Ele sabia que Ardur não estava se adaptando tão bem quanto ele, e que Vanesa poderia ser a chave para

que o colega se sentisse feliz naquele lugar, por isso decidiu que faria o possível para conseguir remarcar o encontro. Quando soou o apito, Miqel fez um sinal de positivo para Ardur, que estava ajudando a descarregar o que pareciam ser peças, e subiu para o alojamento. Após um rápido banho, vestiu uma roupa limpa e sentiu como se ele mesmo estivesse se arrumando para um encontro. Ele estava ligeiramente ansioso, pensando no que falaria para Vanesa e, quando chegou na guarita, a viu encostada na parede, sob a sombra da marquise.

Ao notar a chegada de Miqel, ela se aproximou dele e o cumprimentou, dizendo:

– Olá Miqel, como tem passado?

– Bem, e você? – Miqel não conseguiu evitar de reparar no quanto Vanesa estava bonita, com um casaco leve e o cabelo solto na altura dos ombros.

– Também. – Ela fez uma pequena pausa. – Ardur não pode vir?

– Infelizmente precisaram dele em um procedimento de emergência. – Explicou Miqel.

– Que pena. – Disse Vanesa. – Então somos apenas eu e você.

– Na verdade eu acho melhor marcarmos uma nova data, um dia que Ardur também possa participar. – Disse Miqel.

– Não tenho objeções quanto sairmos os três. – Disse Vanesa. – Mas hoje o dia foi bem pesado lá nas estufas e eu não gostaria de voltar para o alojamento sem tomar alguma coisa. Venha comigo, uma conversa e um drinque não fazem mal a ninguém.

– Você deve estar certa. – Disse Miqel, hesitante. Ele estava em conflito, imaginando se acompanhar Vanesa seria um ato de traição à confiança do amigo. Por fim decidiu que, se nada demais acontecesse, não haveria problema algum em dedicar o restante do dia ao lazer. De fato, ainda havia a possibilidade que essa atitude ajudaria a enraizar uma amizade com Vanesa, o que seria benéfico para Ardur.

– Então? – Insistiu Vanesa.

– Combinado, mas eu pago a primeira bebida. – Disse Miqel.

– Vou pensar nisso. – Sorriu Vanesa, e fez sinal para que Miqel o acompanhasse até a guarita.

O vigilante fez um sinal com a cabeça e levantou a cancela, permitindo que os dois cruzassem a divisa. Aquela área da base não era tão diferente da área em que ficavam os alojamentos dos trabalhadores, exceto pela maior limpeza e organização, bem como pela existência de alguns laboratórios e blocos-estufa.

Eles caminharam por alguns minutos e entraram em um bar idêntico ao que havia na ala dos trabalhadores, cujos frequentadores, no entanto, eram muito diferentes. Para começar, estavam limpos e consideravelmente mais sóbrios, ninguém falava alto ou gargalhava e apenas uma pessoa estava debruçada no balcão com aspecto depressivo. Vanesa o guiou para uma mesa redonda na lateral direita, próxima ao balcão.

– O que você gosta de beber? – Perguntou ela.

– Qualquer coisa que tenha o gosto melhor do que água morna. – Respondeu Miqel.

– Você é uma pessoa bem fácil de agradar. – Disse Vanesa. – O que acha de um *coiaqi* e uma porção de amendoim salgado?

– Por mim está ótimo. – Falou Miqel, embora desejasse comer algo mais substancial.

Vanesa chamou o garçom e fez o pedido, mostrando-lhe o número de registro para que posteriormente fosse efetuado o débito em seu pagamento.

– Eu pago metade. – Falou Miqel, retirando seu registro do bolso.

– De jeito nenhum. – Disse Vanesa. – Hoje é por minha conta. Desde que você não escolha as bebidas mais caras, é claro.

Miqel não estava à vontade. Como tinha frequentado apenas a educação básica, ele se sentia estranho naquele ambiente cheio de intelectuais. A tranquilidade e o volume baixo das conversas eram pouco acolhedores, dando a impressão de que todos prestavam atenção nele e em Vanesa. A ausência de Ardur também o deixava levemente nervoso, pois no fundo ele sabia que o amigo não aprovaria o encontro, uma vez que esperava que Miqel apenas combinasse outra data.

– Me fale mais sobre você, como veio parar aqui? – Perguntou Vanessa, bebericando de seu *coiaqi*.

– Eu nasci aqui no deserto, minha família vivia na fronteira do estado. – Respondeu Miqel. – Desde que completei idade eu estou na Perfuranc, trabalhando na perfuração de poços profundos. Eles me transferiram pra cá há pouco mais de um mês.

– Eu também nasci aqui. – Comentou Vanesa. – Mas morei por muito tempo na capital, onde me formei e comecei a trabalhar nas lavouras do governo.

Miqel bebeu um gole, sem saber o que dizer. A diferença entre eles era grande e nenhuma ideia de assunto lhe vinha à cabeça.

– Aposto que você não esteve em nenhuma perfuração tão profunda como esta. – Disse ela, levantando uma sobrancelha.

– Realmente. – Admitiu Miqel. – Não sei exatamente o que estamos fazendo aqui, mas ao menos pagam melhor do que um trabalhador como eu poderia conseguir em qualquer outro lugar.

– Sorte sua. – Falou Vanessa. – Eu trabalho para o governo então recebo o mesmo que recebia antes. Meu chefe apenas me informou sobre a transferência e me deu quinze dias para arrumar as malas. Como foi contigo?

– Um supervisor da empresa apareceu lá no trabalho e falou comigo e com Ardur, oferecendo a chance de trabalhar aqui. – Explicou Miqel. – Dois dias depois já estávamos com as mãos sujas de terra.

– Curioso. – Disse Vanesa. – Acho estranho que não tenham apenas movido vocês, assim como fizeram comigo e com alguns outros colegas.

– É verdade. – Concordou Miqel.

– Mas isso é o de menos. – Continuou ela, abaixando um pouco o tom de voz. – Afinal, esse lugar todo é muito estranho, não acha?

– Bom, é maior do que eu estou acostumado. – Disse Miqel, evitando fazer algum comentário negativo.

– Não tenha medo de ser sincero. – Disse Vanesa. – Qualquer um percebe que esse lugar não é normal, ou vai me dizer que já tinha ouvido falar sobre uma base de perfuração gigantesca no meio do nada?

– Não. – Admitiu Miqel.

– E você trabalha para uma das principais empresas envolvidas! – Disse Vanesa, alteando um pouco a voz. – Todo o segredo, o cuidado com a seleção pessoal de trabalhadores e a ausência de divulgação de resultados. Isso me intrigou desde que cheguei, e eu busquei descobrir tudo o que pude sobre esse lugar. Acredita que nenhum dos meus superiores jamais explicou qual é a ligação das nossas pesquisas com a perfuração? Eles simplesmente dizem que que não é da nossa conta, e que devemos cumprir as regras e trabalhar corretamente se não quisermos atrair problemas.

Miqel apenas assentia, prestando atenção e comendo amendoins. Ele concordava com o que Vanesa dizia, embora essa conversa o lembrasse de Ardur e suas teorias da conspiração. Talvez o amigo e ela realmente tivessem algo em comum.

– Eu não fui a única a procurar por mais informações. – Continuou ela. – Em pouco tempo eu conheci pessoas, em especial auxiliares nas áreas técnicas, que vinham reunindo informações sobre esse local quase desde sua fundação. Um dos balizadores que trabalhou na construção disse que essa área era uma base militar praticamente abandonada, ao redor de uma velha ruína que, coincidentemente, ficava no mesmo lugar que vocês estão perfurando no momento.

– Homens-minhoca. – Disse Miqel, pensando em voz alta.

– Como? – Falou Vanesa, confusa.

– Nada. – Apressou-se Miqel em dizer. – Continue.

Ela olhou para ele por um momento, mas continuou:

– O que eu quero dizer é que nós conseguimos juntar muitas peças do quebra-cabeças. E infelizmente muitas dessas peças são perturbadoras.

– Tem alguma coisa a ver com as mortes dos trabalhadores? – Perguntou Miqel.

– Tudo aqui está relacionado de alguma forma. – Respondeu Vanesa. – Os acidentes são apenas uma das consequências e, eu não vou mentir para você, estou com medo. Todos estamos. Mas nós não podemos fazer nada, ao menos não sozinhos.

– Olha, eu não tenho interesse em me envolver com nada desse gênero. – Disse Miqel, que estava desconfortável com o rumo da conversa. – Tudo que eu quero é fazer o meu trabalho e não chamar atenção.

– Você vai entender a importância do que estou dizendo. – Disse ela, juntando as mãos. – Nós estamos presos nesse lugar, não podemos nos comunicar com ninguém de fora, as mensagens que mandamos para nossas famílias são examinadas para evitar que contemos sobre nossas descobertas.

– Vamos com calma. – Disse Miqel. - Eu já conversei com colegas que foram visitar as famílias e voltaram. Você é a primeira pessoa que diz se sentir presa aqui.

– As pessoas no comando não acham que vocês são ameaças. – Disse Vanesa. – Para eles, trabalhadores comuns

não tem curiosidade suficiente para desvendar os verdadeiros planos desse lugar, além disso, eles sabem que lá fora quase ninguém daria atenção ao que fosse dito por um de vocês. Conosco, no entanto, a situação é diferente. Nós estamos sob vigilância constante e, a menos que façamos parte dos "apoiadores", somos proibidos de deixar a base.

– Por que você não pede demissão? – Perguntou Miqel.

– Impossível. – Respondeu Vanesa com um sorriso triste. – Meus colegas que tentaram sair daqui, seja pedindo demissão ou fugindo, não voltaram para casa e nem para o trabalho. E, no meu caso, descobrir a verdade foi mais do que revelador. Eu decidi que preciso fazer algo, preciso contar ao mundo o que está acontecendo aqui.

– Então você só precisava de nós para ajudarmos em seu plano? – Perguntou Miqel, já pensando em sair daquele lugar e voltar ao alojamento.

Vanesa o olhou firmemente com seus olhos negros.

– Quando eu encontrei Ardur eu soube que havia chegado o momento, e que ele era a pessoa perfeita para me ajudar. – Disse ela. – Assim que você chegou, eu soube que seria mais difícil te convencer, mas isso não me desanimou. Trabalhar na perfuração deixa vocês na posição ideal, praticamente livres de vigilância, e tenho certeza que conseguiriam encaminhar minha mensagem sem levantar suspeitas.

– Mensagem? – Perguntou Miqel.

– Sim. – Disse Vanesa. – Uma mensagem contendo tudo que nós descobrimos, a fim de alertar o mundo sobre o que está acontecendo aqui.

– Eu poderia ver essa mensagem? – Perguntou Miqel. – Pois também não sei o que supostamente está acontecendo aqui, mesmo depois de tudo que você me disse.

– É claro. – Respondeu Vanesa, mexendo em sua bolsa. – Eu espero que com isso você me entenda e decida me ajudar. É vital que você decida isso até amanhã de manhã, pois não temos muito tempo até que nosso encontro chegue ao conhecimento deles e você também seja posto sob vigilância.

– O quê? – Disse Miqel com o coração acelerado.

– Antes de virar as costas e sair correndo, veja isto. – Disse Vanesa, olhando ao redor e entregando discretamente a Miqel um pequeno envelope.

Ele ficou em silêncio ao ver o seu conteúdo, engolindo em seco e procurando entender o que aquilo significava.

– Eu achei que isso era uma lenda. – Disse, ainda inseguro sobre a veracidade do que estava diante dele.

– Isso é só o começo, tem muito mais aqui. – Disse Vanesa, indicando a bolsa. – Me ajude, Miqel, o mundo precisa saber disso.

– Quero ver tudo primeiro.

Capítulo 6

A reunião para apresentar o projeto de Júlio à equipe teve resultado favorável, com todos tendo aceitado que a ideia era viável e eficiente. A grande maioria se dispôs a participar ativamente, pilotando os veículos, enquanto outros se recusaram a se expor pessoalmente às adversidades da Gacol, oferecendo-se, no entanto, para auxiliar nas demais etapas do plano. Jaime José de Barros garantiu que haveria apoio do conselho, e que os trabalhos de construção deveriam começar assim que os detalhes do projeto fossem finalizados.

Júlio não tinha o direito de escolher se iria ou não participar como piloto, pois, como idealizador do projeto, era seu dever implícito tomar a dianteira das operações. Por mais que ele estivesse pensativo desde a noite anterior, seria covardia expor a equipe aos riscos enquanto ele se sentava protegido na sala de comando. Sendo assim, ele propôs que fosse dada atenção especial à estabilidade estrutural e dispositivos de segurança dos módulos, priorizando o suporte de vida e a comunicação de emergência. O doutor Barros convidara alguns colegas de outras equipes para a reunião, como o chefe da equipe de engenharia de equipamentos, que escutou atentamente e analisou o projeto inicial, apontando suas primeiras impressões. Ele confirmou a viabilidade da construção dos veículos, afirmando que conseguiria construí-los em menos de dois meses.

Todos pareciam empolgados com a possibilidade de finalmente ultrapassar a etapa mais difícil da perfuração, discutindo em pares ou em pequenos grupos. Júlio admirou o trabalho daquelas pessoas, percebendo o quanto era eficiente e produtivo desenvolver projetos com profissionais daquela magnitude. A interação estava trazendo tantas melhorias à ideia original do brasileiro, dos controles de navegação à redução no consumo de energia, que ele quase se sentia envergonhado por talvez ter proposto um modelo muito rudimentar.

O dia passou rapidamente e, em meio ao turbilhão de ideias, Júlio manteve a mente ocupada, procurando não pensar em coisas que lhe davam uma sensação ruim, como a possibilidade de haver algum acidente fatal. As especificações de segurança que estavam sendo elaboradas eram animadoras e normalmente transmitiriam segurança, mas o medo de deixar seu filho órfão de pai era irracional.

Outra questão que o engenheiro procurou deixar de lado enquanto desenvolviam o projeto foi o encontro com Vanessa, e todo o suspense que ela tinha feito sobre os supostos segredos da *Jules Verne Geological Researches*. Apesar da botânica ter se mostrado segura do que afirmara, bem como de seus comentários e reações terem sido críveis, Júlio preferia pensar que seu colega e amigo Jaime José de Barros havia explicado tudo que ele precisava saber sobre o projeto de exploração. Afinal, era de se imaginar que alguém diretamente ligado a perfuração soubesse mais "segredos" do que alguém responsável por pesquisas botânicas. Mesmo assim, Júlio não deixaria de ir até o local combinado

na noite anterior, impulsionado não apenas pela curiosidade, mas também pela atração que sentiu por Vanessa. Após o divórcio, o engenheiro se dedicara mais ao trabalho e ao filho do que aos relacionamentos amorosos, tendo ido a poucos encontros desde então.

Júlio voltou ao seu apartamento e se arrumou com calma, imaginando como deveria interpretar aquela situação. De um lado, baseado na forma com que Vanessa se aproximou dele inicialmente, o engenheiro cogitava a hipótese de que ela tivesse se interessado por ele. De outro, levando em consideração o restante da breve conversa que tiveram, também era possível que o interesse dela fosse apenas em compartilhar as informações que conhecia. Em seu íntimo, ele desejava que a fosse o primeiro caso.

O brasileiro caminhou até o local em que foi surpreendido por Vanessa na noite anterior, chegando alguns minutos antes do combinado. O céu estava ainda mais bonito, e Júlio observou a Lua brilhando majestosa, já quase mudando de fase. Desta vez, no entanto, não houve nenhuma aparição surpresa, e ele esperou por quase quinze minutos, em dúvida se deveria ou não desistir. Quando estava prestes a voltar para o alojamento, notou uma silhueta feminina contornando um dos blocos e vindo em sua direção.

– Boa noite. – Disse Júlio, sorrindo.

– Boa noite. – Disse Vanessa, com seu sotaque castelhano. – Desculpe o atraso, pontualidade não é o meu forte.

– Não se preocupe com isso. – Falou Júlio, tentando proporcionar um clima agradável, pois a botânica parecia um pouco insegura.

– Eu pensei sobre a conversa que tivemos ontem. – Disse ela. – Decidi te contar o que sei, mas antes gostaria de te conhecer melhor.

– Me chamo Júlio Sampaio. – Adiantou-se Júlio, mantendo um tom de voz narrativo. – Sou brasileiro, gaúcho, tenho trinta e quatro anos e minha cor favorita é azul. Não quero ser indelicado, mas o que acha de continuarmos essa conversa em outro lugar, talvez tomando uma bebida?

– Me sinto mais à vontade em conversar com você aqui, onde posso ter certeza que não há ninguém nos ouvindo. – Disse Vanessa. – Há quanto tempo você trabalha aqui?

– É meu primeiro mês. – Respondeu Júlio, um pouco desconcertado com a objetividade de Vanessa. – Trabalho com Jaime José de Barros na equipe de geologia e perfuração.

– O que você sabe sobre o objetivo desta base?

– Você parece uma espiã falando assim. – Disse Júlio, incomodado com o clima de interrogatório. – Será que EU devo te passar essas informações?

Ela respirou fundo e disse:

– Me chamo Vanessa Savonelli Grand, sou botânica e microbiologista. Trabalho no laboratório G06, desenvolvendo variedades de plantas capazes de sobreviver às condições do centro do planeta.

– Impressionante. – Disse Júlio. – Então a ideia de explorar o núcleo do planeta é realmente abrangente.

Vanessa assentiu, com uma expressão desanimada.

– Respondendo sua pergunta anterior. – Continuou Júlio. – Fui informado que esta estação de pesquisas busca

atingir o centro oco do planeta Terra, com o objetivo de trazer grandes benefícios à humanidade e, especialmente e primeiramente, é claro, aos países que estão à frente desta operação.

– A primeira parte é verdade. – Disse Vanessa. – A segunda não.

– Como assim? – Perguntou Júlio.

– O objetivo é, de fato, chegar ao centro da Terra. – Explicou Vanessa. – Mas não por motivos financeiros, muito menos altruístas.

Ela fez uma pausa, olhou atentamente ao redor, em seguida para Júlio e, respirando fundo, disse:

– Em 1979, alguns anos após o furor da corrida espacial, a NASA enviou diversas mensagens na direção de sistemas solares próximos, especialmente àqueles que pareciam mais propensos a abrigar vida ou que emitiam ondas de rádio e afins. Essas mensagens continham as tentativas mais otimistas de fazer contato com vida alienígena, carregando informações sobre nossas linguagens, nosso planeta, nossa biologia, tecnologia e história. Durante mais de trinta anos não houve nenhuma resposta, e essas tentativas se tornaram apenas um pequeno registro histórico em meio a tantas novas descobertas e conquistas espaciais. Foi quando, em 2006, um observatório astronômico no estado da Virgínia detectou uma transmissão complexa, sem dúvidas emitida por algo inteligente.

Vanessa tirou um tablet da pequena bolsa que carregava, entregando-o para Júlio.

– No início, essa notícia levou os pesquisadores à euforia. – Continuou Vanessa. – Muitos desejavam anunciar

imediatamente a descoberta, mas, obviamente, o governo americano decidiu proteger a informação até que a mensagem fosse decifrada. Durante quase um ano, uma equipe de cientistas, matemáticos e linguistas trabalhou dia e noite para entender e traduzir o que havia sido recebido. É claro, não foi necessário esperar todo esse tempo para ter uma boa ideia do que se tratava e, a cada nova descoberta, as coisas ficavam piores.

– O que havia na mensagem? – Perguntou Júlio curioso, embora não estivesse acreditando no que a botânica dizia.

– A descoberta de vida inteligente fora da Terra trouxe consigo uma ameaça, na forma de um comunicado. – Respondeu Vanessa. – A espécie alienígena, denominada inicialmente pelos pesquisadores como "vizinhos", logo passou a ser chamada de "invasores". A primeira coisa decifrada em sua mensagem foi uma saudação formal, declarando que eles não imaginavam a existência de vida neste lado da Galáxia. – Ela olhou para as estrelas. - Tudo que veio a seguir foi desastroso. Eles se apresentaram como uma civilização poderosa e incrivelmente avançada, anunciando que a Terra seria anexada e seus recursos seriam extraídos até a completa exaustão. Disseram que nossa tecnologia era rudimentar e que qualquer tentativa de resistência seria obliterada, permitindo, no entanto, evacuações, desde que na direção oposta de seu domínio.

– Isso poderia dar um bom filme de ficção. – Disse Júlio. – Entretanto, não consigo acreditar. E olha que recentemente eu aceitei que a Terra é oca.

– E é por isso que você deveria continuar com a mente aberta. – Disse Vanessa, com firmeza. – Nós estamos correndo um perigo sem precedentes. Enquanto conversamos, uma força alienígena hostil, séculos a frente da nossa em questão de poderio bélico e tecnológico, atravessa o espaço em nossa direção. Se você não acredita apenas no que eu digo, analise o que está armazenado no tablet que eu te entreguei. Nele estão a mensagem original, a versão decodificada e os relatórios que confirmam a veracidade da ameaça.

– Como você poderia saber disso? – Perguntou Júlio. – Pelo que me lembro, você é botânica e não membro da força especial de defesa terráquea, muito menos me parece norte-americana.

– Realmente. – Disse ela, impaciente. – Sou metade uruguaia e morei algum tempo no Brasil. Não sou agente secreto e, falando seriamente, nem estou aqui por ser um cientista brilhante, como a maioria de vocês. Mas meu pai é general do exército dos Estados Unidos da América, foi ele quem me indicou para trabalhar nessa base e foi dele que eu recebi todas essas informações que estou te contando. Eu falo a verdade, acredite você ou não.

– Suponhamos que eu acredite nessa história. – Disse Júlio. – Qual é a relação entre a ameaça alienígena e o nosso trabalho aqui na Jules Verne? Existe algo no centro do planeta que nos ajude a enfrentar uma frota de espaçonaves?

– Não sei se eu deveria continuar essa conversa. – Disse ela. – Você não está me levando a sério.

– Perdão. – Disse Júlio, contendo o leve sorriso que havia se formado no canto de sua boca. – Por favor, continue.

– Certo. – Disse Vanessa, com um suspiro. – O trabalho da *Botanics Environment* e desenvolver variedades adaptadas ao ambiente que existe no centro da Terra, não para fins científicos ou econômicos, mas para proporcionar a manutenção sustentável da vida humana. Me diga, Júlio, o que você acha da ameaça nuclear norte-coreana?

Júlio estranhou a pergunta, mas respondeu:

– Bom, me parece que aquele ditador tem muito poder de fogo e pouca consciência, mas não creio que vá acontecer alguma espécie de guerra nuclear. Além do mais, o que isso tem a ver?

– Tudo. – Continuou Vanessa. – O objetivo da JVGR é chegar ao centro do planeta e adapta-lo para que a humanidade possa sobreviver lá por tempo indeterminado. Quando os governantes chegaram à conclusão inevitável de que nós seríamos incapazes de resistir à invasão alienígena, muito menos escapar para outra parte da galáxia, eles decidiram adotar a estratégia da terra arrasada. Não temos tecnologia para vencer uma guerra contra eles, mas temos o suficiente para destruir a nós mesmos.

– Como assim? – Perguntou Júlio, incrédulo. – Quer dizer que nós mesmos vamos destruir o planeta?

– Exatamente. – Respondeu Vanessa. – Os líderes da Coreia do Norte, dos Estados Unidos e dos demais países envolvidos nesse projeto, fizeram um pacto para "salvar a humanidade". Eles estão forjando todos os elementos necessários para que, no tempo certo, seja desencadeada uma

guerra nuclear devastadora, mergulhando o mundo em um inverno nuclear que durará décadas, talvez séculos. – Ela olhou ao redor. – Nosso trabalho aqui nos garantirá um lugar entre os escolhidos que povoarão o mundo intraterrestre, até que seja possível retornar à superfície.

– Deixa eu ver se entendi. – Disse Júlio. – O plano é devastar o planeta, ocultar-se eu seu centro como se fosse uma nova Arca de Noé, torcer para que os alienígenas voltem pra casa quando se depararem com as condições inóspitas e, por fim, retornar à superfície décadas depois?

– Eu não gosto desse plano. – Disse Vanessa. – Mas não tenho o poder para evitar que ele seja posto em prática. Tudo que faço aqui é auxiliar no desenvolvimento de variedades de plantas que sejam eficientes e úteis para o tempo que passarmos no centro da Terra, especialmente levando em consideração lá não existe noite. É um desafio, acredite, por mais que as plantas gostem de sol, a presença de luz ininterrupta é um problema difícil de contornar. Além do mais, a inexistência de nuvens e de chuva torna imprescindível a irrigação, demandando poços artesianos e incontáveis quilômetros de tubulação.

– Eu entendo. – Disse Júlio. – Existem muitos obstáculos na colonização do núcleo, ainda mais se não houver ajuda da superfície. Energia, alimento, água, infraestrutura etc., além, é claro, da exposição permanente ao "sol". Agora eu entendo porque você disse que sentiria falta da Lua.

– Sim. – Disse Vanessa. – Mesmo que as temperaturas lá sejam amenas e estáveis, em sua maioria, me parece sufocante viver sem noite.

– Concordo. – Falou Júlio, girando o tablet nas mãos.

– Nós só temos mais dez, talvez quinze anos. – Disse Vanessa. – Depois disso tudo que conhecemos deixará de existir.

– Você realmente fala sério? – Perguntou Júlio, da maneira mais educada que conseguiu.

Vanessa balançou a cabeça.

– Você não acredita mesmo, não é?

– É um pouco demais para minha cabeça. Eu nunca fui de acreditar em teorias da conspiração.

– Acho que você merece mais uma chance. – Disse ela. Vou deixar que leve o tablet, se quiser, com a condição que não mostre a mais ninguém.

– Certo, eu aceito. – Disse Júlio.

– Mais uma coisa. – Continuou Vanessa. – Fale com Jaime José de Barros, pergunte a ele sobre a invasão alienígena, sobre o inverno nuclear. Mas por favor, prometa que não vai dizer que fui eu que te contei.

– Dou minha palavra. – Falou Júlio, certo de que não discutiria o assunto com Jaime José de Barros.

Vanessa olhou nos olhos de Júlio, com uma expressão levemente triste, como se soubesse que o brasileiro não levara a sério sua história extraordinária. Em seguida, voltou seu rosto demoradamente para o céu estrelado, parecendo distante e melancólica. Júlio foi incapaz de interromper o silêncio, em parte porque a visão de Vanessa iluminada pela luz da Lua era encantadora. Ele gostaria que o encontro com ela tivesse sido de fato um encontro e não uma discussão sobre conspirações secretas, pois, a despeito de suas ideias mirabolantes, a companhia da botânica era

muito agradável. Júlio ficara cativado pelo seu olhar e modo de falar, atraentes de uma maneira especial e única.

– Preciso descansar. – Disse ela, finalmente. – Caso você acredite em mim, procure-me no refeitório da ala oeste. Eu costumo jantar as oito.

– Será um prazer jantar com você. – Disse Júlio, sem conseguir se conter.

– Caso você acredite em mim. – Repetiu ela. – Do contrário, espero que apenas me devolva o tablet.

Júlio assentiu, sem ter o que dizer.

– Boa noite, Júlio. – Despediu-se ela. – Foi bom conversar com você.

– Igualmente. – Falou Júlio.

Vanessa deu as costas e se afastou. O brasileiro observou até que ela sumisse de vista, e em seguida caminhou de volta ao alojamento, digerindo o que havia acontecido. Quando chegou ao apartamento, tirou os calçados e se sentou na beirada da cama, ligando o tablet que recebera da botânica.

– Bom. – Disse para si mesmo. – Não vejo problemas em dar uma olhadinha.

Capítulo 6

Ardur ainda não havia retornado de seu turno extra quando Miqel chegou ao alojamento, e isso o aliviou, pois assim teria um pouco mais de tempo para pensar. Ele estava em dúvida sobre o que deveria contar ao amigo, pois todas as alternativas poderiam trazer consequências indesejadas. Se ele mentisse que não havia se encontrado com Vanesa, inevitavelmente Ardur descobriria e isso quebraria a confiança entre eles. Se ele contasse toda a verdade, inclusive sobre ter decidido ajudar Vanesa em seu plano, colocaria o amigo imediatamente sob vigilância. Por fim, Miqel resolveu que contaria sobre o encontro, mas mentiria sobre os detalhes da conversa, informando apenas que ela se propusera a um novo encontro na semana seguinte e que estava ansiosa para conhecer melhor Ardur. Ainda havia o risco, se Miqel fosse descoberto e talvez até demitido, de o amigo descobrir o que de fato acontecera, antes que tudo pudesse ser esclarecido, e encarasse as coisas de maneira errada.

Não demorou muito para que o colega entrasse no quarto, visivelmente cansado.

– Cinco horas de trabalho e sabe o que eles serviram de janta? – Perguntou Ardur, indignado.

– Pelo visto não foi um banquete. – Falou Miqel.

– Creme de milho, feijão e repolho, *qexo*! – Exclamou Ardur. – Nem mesmo tinha carne.

– Não é tão ruim, a gente sempre comeu isso na Perfuranc. – Disse Miqel.

– Sim, mas não depois de um turno extra. – Disse Ardur, ainda perplexo. – Como se não bastasse ter que fazer o serviço atrasado, tivemos que descarregar uns veículos que o pessoal vai descer nos túneis amanhã, além de um monte de equipamentos extras e conectores de trilho.

– Pelo menos não precisou fazer esse turno na área externa, debaixo de sol quente. – Disse Miqel.

– Antes fosse, se tivesse carne na janta. – Falou Ardur.

– Pare de reclamar, *qexo*. – Disse Miqel. – Nem tudo deu errado hoje.

Ardur não conteve um sorriso.

– É isso aí. – Continuou Miqel. – Consegui marcar um encontro para semana que vem com a nossa nova amiga.

– Excelente. – Disse Ardur. – Me conte os detalhes.

– Então. – Disse Miqel. – Ficou triste por você não ter aparecido, mas eu expliquei a situação e ela disse que sairia outro dia contanto que eu ajudasse ela numa coisa.

– Como assim? – Perguntou Ardur.

– Ela pediu que eu a acompanhasse até o bar, disse que me pagaria uma bebida e uns amendoins. – Respondeu Miqel. – Então me pediu para entregar uma encomenda, algo para os pais dela, a um motorista que vai estar amanhã lá na perfuração.

– Mas por que ela mesma não leva? – Perguntou Ardur, estranhando um pouco.

– Ela falou que o horário dela não coincide com o do motorista. – Respondeu Miqel, tentando ser convincente em sua tentativa de ser sincero sem contar detalhes do que realmente acontecera.

– Entendi. – Disse Ardur. – Mas na semana que vem eu espero que você faça o favor de não ir, para que ela e eu possamos ficar a sós.

– Quando foi que eu te decepcionei, *qexo*? – Falou Miqel, coçando o pescoço.

– Quando me fez vir trabalhar nesse buraco. – Riu o amigo. – Cadê a tal da encomenda?

– Ali. – Disse Miqel, apontando o pequeno pacote em cima da cama.

– Ela disse o que era? – Perguntou Ardur.

– Não. – Respondeu Miqel. – Só disse que era pessoal

– Olha. – Disse Ardur, erguendo as sobrancelhas. – Se for realmente para os pais, tudo bem. O problema é se esse pacote tiver outro destinatário.

– Como assim? – Perguntou Miqel, um pouco nervoso.

– Um namorado, por exemplo. – Respondeu o amigo.

– Acho que não. – Disse Miqel. – Ela não me parece o tipo que faz jogo duplo.

- Também acho. – Concordou Ardur. – Mas do jeito que eu ando azarado, não duvido de mais nada.

Os dois conversaram por pouco tempo antes de dormir, pois Ardur estava exausto e queria descansar. Miqel,

todavia, praticamente não dormiu, repassando tudo que acontecera desde que acompanhara Vanesa até o bar. Estava agitado por ter descoberto a verdade sobre aquele local, e muito ansioso pelo que aconteceria no dia seguinte, temendo que o pacote fosse tomado e houvesse consequências negativas para ele.

O plano era ir até a área de carga e descarga no lado externo da área central de perfuração, onde haveria um motorista de transporte amigo de Vanesa, o qual receberia o pacote contendo as evidências e o levaria em segredo para fora da base. Miqel teria que chegar atrasado ao trabalho, pois a entrega teria que ser feita no momento que o transporte estivesse chegando, cerca de cinco minutos após o início do expediente. Se tudo corresse de acordo com o planejado, dentro de alguns dias o mundo saberia a verdade e voltaria sua atenção para o que existe abaixo de seus pés, descobrindo que alguns mitos antigos eram realidade.

Quando Ardur acordou, Miqel já estava vestido e pronto para sair, observando o sol por uma pequena abertura na cortina. As coisas agora tinham um significado muito diferente, e ter uma casa bonita em um bairro bem arborizado lhe parecia um sonho distante e pouco relevante. Isso assustava Miqel, pois suas crenças e projetos haviam se desfeito como uma rocha sedimentar atingida por uma perfuratriz classe Buru-100. Ele estava tão absorto que levou um susto quando o amigo puxou conversa com ele.

- Queria ter essa disposição que você tem, *qexo*. – Disse Ardur, vestindo o uniforme. – Se dependesse de mim eu dormiria mais umas cinco horas.

– Depois de amanhã é nossa folga, aí você pode dormir o dia todo. – Falou Miqel.

– Mal posso esperar.

Eles saíram do quarto e se uniram aos outros trabalhadores no refeitório. Miqel tentava disfarçar a ansiedade e, embora o ambiente estivesse tranquilo e as pessoas conversassem normalmente, tinha a incômoda sensação de que as pessoas sabiam o que ele levava no bolso interno do macacão.

– Sem fome, *qexo*? – Perguntou Ardur.

– Essa *sixa* tá muito salgada. – Disfarçou Miqel.

Ardur balançou a cabeça e deu uma mordida na sua *sixa*.

– Está ótima. – Falou.

– Pode comer a minha se quiser. – Disse Miqel, tomando um gole de chá.

– Você vai entregar o pacote agora? – Perguntou Ardur, com a boca cheia. – Lembrei que o transporte chega no mesmo horário que o nosso turno começa.

– Pois é, vou chegar um pouco atrasado. – Disse Miqel. – Acho que não vou ter problemas, estou com algum crédito com o chefe depois que salvei tua vida.

– Eu vou com você. – Disse Ardur.

– Não precisa. – Disse Miqel. – E não sei se é bom você chegar atrasado, o pessoal está de olho no seu comportamento.

– Eu sei. – Disse Ardur. – Mas qualquer coisa eu digo para descontar das horas extras de ontem.

Miqel encarou o amigo e entendeu o que estava acontecendo.

– Você está curioso demais com essa situação para me deixar ir sozinho. – Falou.

– O que?

– Não tente me enganar, *qexo*. – Continuou Miqel. – Eu te conheço há muito tempo, e você não consegue disfarçar a curiosidade.

Ardur deu os ombros.

– Eu não sei o que tem nesse pacote. – Admitiu. – E, além do mais, quero dar uma boa olhada na pessoa do transporte, só para ter certeza que ele não é namorado da Vanesa ou coisa do tipo.

– E como você teria certeza disso? – Perguntou Miqel, rindo descontraidamente pela primeira vez desde que voltara do encontro com Vanessa.

– Se ele abrir um sorriso muito grande, por exemplo. – Respondeu Ardur. – Tem sinais que uma pessoa apaixonada não consegue esconder.

– Sabe que você tem razão, *qexo*. – Disse Miqel. – É muito fácil ver quando você está empolgado com alguma mulher.

Ardur assentiu, sorrindo.

– Mas você me conhece. – Falou. - Mesmo que ele seja namorado dela, a menos que seja muito mais bonito que eu, não vou desistir. Eu não fujo de uma boa disputa amorosa.

Os trabalhadores saíram do refeitório e rumaram para o local da perfuração, como faziam todos os dias. Pouco antes de chegar, Miqel e Ardur se desviaram e caminharam em direção às docas de carga e descarga, onde dois veículos estavam estacionados e algumas pessoas descarregavam pacotes de vários tamanhos e formatos. Miqel logo

avistou o amigo de Vanesa, que era exatamente como ela havia descrito: um homem alto, cerca de um metro e setenta, com o rosto avermelhado e um bigode volumoso.

– É aquele bigodudo ali. – Disse Miqel.

Ardur sorriu.

– Vanesa jamais namoraria esse cara esquisito. – Disse. – Vai lá entregar a encomenda, *qexo*. Eu te espero aqui.

Miqel foi até o homem e o cumprimentou, tentando esconder o nervosismo. O motorista entendeu imediatamente do que se tratava, e apenas fez um aceno com a cabeça, indicando a porta dianteira do veículo.

– Vou levar isso comigo na cabine. – Disse ele, recebendo o pacote das mãos de Miqel. – Obrigado por colaborar conosco, o que estamos fazendo é muito importante.

– Eu sei, mas tenho que ir agora – Disse Miqel, ansioso por deixar o local e temendo que alguém os estivesse observando. – Estou atrasado para o trabalho.

– É claro. – Assentiu o homem e, agora em voz alta, continuou. – Sua família ficará feliz em receber notícias e tenho certeza que seu pai vai gostar do presente!

Miqel entendeu que ele estava fingindo para que os colegas ao redor achassem que aquilo era uma encomenda particular. Ele se despediu e deu as costas, voltando rapidamente para onde Ardur estava.

– Tudo certo, *qexo*? – Perguntou o amigo. – Você parece meio tenso.

– Tudo sim. – Respondeu Miqel. – Eu só estou um pouco nervoso por ter que chegar atrasado.

Em alguns minutos eles já estavam no local de trabalho, e perceberam que havia uma movimentação maior do que o normal, com a presença de uma equipe de olhos-puxados e muitos técnicos andando para lá e para cá. Em frente às gêmeas estavam dois maquinários idênticos, com aspecto caro e tecnológico, de um tipo que Miqel jamais vira antes. Eram cilíndricos, metálicos, com suportes reforçados e muitas ferramentas externas, além de pequenas escotilhas de vidro e portas horizontais. Ele ficou por um momento em frente às duas máquinas, tentando entender qual seria sua utilidade, sendo interrompido pelo seu encarregado.

– Achei que justo hoje você não viria. – Disse ele, embora aparentasse estar aliviado e não irritado. – Qual é o motivo do atraso?

– Eu tive uma noite complicada e acabei dormindo demais. – Respondeu Miqel. – Mas eu compensarei conforme o senhor achar melhor.

– Tudo bem, foram apenas alguns minutos. – Disse o encarregado. – A questão é que hoje terá início a fase mais importante da perfuração e eu recomendei o seu nome para fazer parte da equipe de um dos módulos, mas como você não chegava, eu estava quase te substituindo pelo Perkins.

– Nem sei como agradecer. – Disse Miqel com educação, mas dividido em seu íntimo. Se antes ele ficaria empolgado com a ideia de participar de uma das operações de profundidade, agora, por ter noção do que isso realmente significava, ele não pode deixar de sentir um pouco de medo.

– Não precisa me agradecer, você fez por merecer. – Continuou o encarregado, olhando rapidamente para o maquinário novo. – Pediram que eu indicasse dois trabalhadores que fossem experientes e arrojados, e você foi a escolha óbvia.

– Obrigado, de qualquer forma. – Disse Miqel. – A descida vai ser hoje?

– Sim, em breve. – Respondeu o encarregado. – Mas primeiramente faremos uma reunião aqui na sala de instrumentos, assim que os técnicos chegarem.

– Certo. – Disse Miqel. – Posso dar uma palavra com um amigo antes? Preciso deixar algumas coisas resolvidas para o caso de... o senhor sabe, algo der errado.

– Confio que nada dará errado, mas você tem permissão para resolver suas coisas, contanto que esteja aqui antes que o resto da equipe chegue. – Disse o encarregado e, com um tapa no ombro de Miqel, virou as costas e foi conversar com um dos técnicos.

Miqel caminhou até a área onde Ardur trabalhava e, conforme se aproximava, notou que a equipe estava reunida próximo à mesa do chefe, o qual conversava em tom baixo com um dos chefes da segurança, um homem forte e com olhos esbugalhados. O amigo não estava entre eles, e Miqel ficou preocupado que algo de ruim tivesse acontecido.

– O que aconteceu? – Perguntou Miqel a um dos trabalhadores.

– Um colega nosso foi detido por vazamento de informações. – Explicou ele, quase em um cochicho. – Pegaram um pacote cheio de coisas sigilosas com um motorista

que estava saindo da base, e ele entregou que havia recebido de alguém da perfuração.

O coração de Miqel acelerou e ele tentou manter a voz firme e os pensamentos em ordem.

– Qual foi o colega? – Perguntou. – Como eles descobriram quem era?

– Aquele novato que foi removido da equipe das gêmeas. – Respondeu o homem. – O pessoal da segurança desceu e foi diretamente falar com nosso chefe, pedindo se alguém da equipe tinha chegado atrasado. Ele foi o único.

– Mas ele não pode se defender? – Insistiu Miqel, tentando extrair o máximo de informações.

– Ele confessou. – Respondeu o trabalhador, dando os ombros. – E agora está ali aguardando para ser levado embora.

O homem apontou para a rampa de acesso principal, onde, ao lado de um grupo de quatro guardas que conversavam seriamente, estava Ardur, sentado em um caixote e com as mãos presas nas costas. Miqel estava tremendo, tentando entender aquela situação e o porquê de o amigo ter se entregado em seu lugar. Ele saiu de perto daqueles trabalhadores e, cuidando para se manter camuflado no meio da movimentação atípica que havia na base, aproximou-se o quanto pode do local onde Ardur estava, parando ao lado de uma talhadora de trilhos.

Assim que o olhar do amigo encontrou o seu, Miqel disfarçadamente mexeu a boca em um "*por que?*". Ardur sorriu e, também o mais disfarçadamente que pode, articulou um "*Vanesa te enganou, qexo. Eu te devia várias, então agora está pago*". Miqel sentiu o peso da culpa e apontou para si,

propondo se entregar no lugar de Ardur, mas o amigo balançou a cabeça de leve e deixou claro que agora já estava feito. Ele olhou ao redor e fez um leve gesto com o queixo, que Miqel entendeu como "*trabalhar aqui é teu sonho, não meu*" e, em seguida, inclinou a cabeça para as gêmeas como quem diz "*agora vai logo antes que desconfiem de você*".

Tudo que Miqel fez foi olhar o amigo, pesaroso pelo que estava acontecendo com ele. Por mais que admirasse a gratidão que Ardur demonstrava por ele ter salvado sua vida, disposto até mesmo a perder o emprego e sofrer outras consequências, era doloroso que um amigo tão bom pagasse por algo que não fizera. Miqel queria explicar tudo, contar o que havia conversado e planejado com Vanesa, mas agora tudo estava perdido e não havia como revelar a verdade ao mundo, nem tampouco tirar seu amigo da situação em que se encontrava. Após respirar fundo, Miqel deu as costas e seguiu em direção às gêmeas, ao mesmo tempo em que os guardas conduziam Ardur rampa acima, agora que o homem de olhos esbugalhados, chefe da segurança, se unira a eles.

– Eu nem queria estar aqui, para começar! – Gritou Ardur, e Miqel cerrou os punhos diante da última mensagem do amigo.

Capítulo 7

Assim como em sua primeira noite na JVGR, Júlio não dormiu quase nada após o encontro com Vanessa. Mas desta vez não estava empolgado ou admirado com as descobertas que fizera, pois a cada relatório que o engenheiro lia, a cada novo áudio que ouvia e vídeo que assistia, cresciam o medo e a ansiedade em seu coração. Apesar de ter desdenhado mentalmente de tudo que a botânica dissera (inclusive pensando que ela fosse exageradamente conspiracionista), depois de examinar as evidências e elementos constantes no tablet, ficara difícil manter o ceticismo. Pela segunda vez em pouco tempo, estava com a sensação de que tudo que ele sabia não passava de uma grande mentira, escondida sob várias camadas de mistério e desorientação. Todavia, diferentemente de quando estava aprendendo sobre o interior oco do planeta e a Gacol, o engenheiro relutava em aceitar a situação, pois as consequências da verdade agora eram muito mais sérias e preocupantes.

Enquanto se arrumava para ir ao laboratório, Júlio pensava em como discutiria o assunto com Jaime José de Barros, pois, após refletir bastante, decidira que o amigo era a única pessoa com quem poderia se abrir. Caso ele também não soubesse, poderiam examinar as novas informações juntos e, caso soubesse, ele poderia explicar os motivos que o levaram a omitir tudo do brasileiro. Ele já estava farto de segredos e mistérios, e dessa vez não teria paciência para

esperar o "momento certo" ou coisa do tipo, simplesmente perguntaria e exigiria as respostas.

Júlio saiu do alojamento e caminhou compenetrado até o centro de perfuração, encontrando com Eduarda no caminho. Ela estava conversando com algumas pessoas em frente a um dos blocos administrativos, e cumprimentou o brasileiro com um sorriso e um breve aceno. Talvez ela também soubesse sobre o suposto ataque alienígena e a iminente autodestruição da humanidade, sendo uma das pessoas responsáveis por manter o segredo, o que de fato explicaria muita coisa.

Quando o engenheiro chegou ao laboratório, Jaime José de Barros estava inclinado ao lado do alemão Erlanger, examinando uma série de gráficos feitos com os dados obtidos pelas sondas posicionadas nas perfuratrizes. Haviam apenas três pessoas na sala, e nenhuma delas notou a sua chegada, razão pela qual ele se deu ao luxo de respirar fundo e reunir um pouco de coragem. Júlio sentia um certo receio em ter que conversar com seu amigo sobre uma questão tão controversa, pois seu subconsciente insistia em lhe dizer que isso era um erro e que ele passaria vergonha.

Júlio cumprimentou os colegas e foi até sua mesa. Enquanto o computador inicializava ele olhou através da janela, observando a movimentação em todo o imenso complexo de perfuração. Deveria haver pelo menos uma centena de operários espalhados pelo caminho espiral que subia do centro do grande buraco onde estava o equipamento principal, mantendo-se ocupados com diversas funções, mesmo neste período onde o ritmo de escavação diminuíra. Ele imaginou se aqueles trabalhadores que conduziam os

vagões e arriscavam a vida na manutenção subterrânea desconfiavam da existência de tantos segredos e mistérios perturbadores envolvendo a JVGR. Imaginou também se aqueles homens e suas famílias, agora distantes, seriam convidadas a fazer parte do novo mundo que eles estavam ajudando a alcançar. De fato, imaginou se ele mesmo teria um lugar garantido nas futuras excursões ao centro da Terra, ou se poderia levar consigo seu filho e a família de seu irmão.

Tudo era muito surreal para Júlio, pois desde o dia que encontrara Eduarda e Cerdan em frente à sua antiga casa, sua vida mudara de maneira inimaginável. A sensação que ele tinha era de estar vivendo um filme de ficção científica, como se a realidade estivesse se quebrando a cada nova descoberta. Seu coração estava acelerado e ele tentava conter a angústia, sabendo que sua única escolha era buscar de uma vez por todas as respostas completas sobre aquele lugar e seus verdadeiros objetivos, desta vez sem camadas ocultas e incógnitas.

Absorto entre seus pensamentos e tentativas de controlar as demonstrações físicas de tensão, Júlio demorou para notar que Jaime o observava atentamente, ao lado de uma das estações de monitoramento. O brasileiro rapidamente cumprimentou o colega, buscando suprimir ainda mais as evidências de sua preocupação, porém sem sucesso. A expressão no rosto do doutor Barros indicava que ele já havia notado que alguma coisa tirava a paz de Júlio.

Quando Erlanger se levantou para verificar o painel de instrumentos no lado oposto da sala, Jaime se aproximou com o cenho franzido e se sentou ao lado de Júlio.

– O que é que há contigo, meu amigo? – Perguntou ele em voz baixa, mesmo que mais ninguém naquela sala falasse português. – Percebi que estás inquieto desde que chegastes.

– Não vou fazer rodeios, realmente tem algo de errado acontecendo e eu preciso conversar com você. – Disse Júlio, decidindo ir direto ao ponto.

Jaime ergueu as sobrancelhas, surpreso com a sinceridade do colega.

– Certo, certo. – Disse, coçando um dedo da mão direita. – Podemos conversar na sala de reuniões, ela deve estar vazia. O pessoal da equipa não fala nossa língua, mas podem nos interromper com algum assunto relacionado ao trabalho.

– Você tem razão. – Concordou Júlio. – Vamos lá.

Os dois saíram juntos da sala, caminhando em silêncio pelo corredor que levava à sala de reuniões da equipe conjunta de engenharia e perfuração. Mesmo não sendo um ambiente grande, era muito bem organizado, de forma que grupos de até vinte pessoas poderiam se reunir confortavelmente para debater assuntos relacionados ao trabalho, e até mesmo fazer pequenas confraternizações. Quando Jaime ligou as luzes, Júlio olhou amargurado para o projetor que há pouco tempo tinha utilizado para expor seu projeto de veículo condutor de perfuratriz.

– Pois bem. – Disse o português, sentando-se. – Sou todo ouvidos.

– Quando eu cheguei aqui, fui bombardeado com informações que mudaram totalmente minha compreensão

sobre nosso planeta. – Começou Júlio, ainda em pé, apoiando-se em uma das cadeiras do lado oposto da mesa. – Mas ontem chegou ao meu conhecimento algo ainda mais difícil de acreditar do que a existência de um novo mundo intraterrestre.

Jaime José de Barros permanecia atento a tudo que Júlio dizia, com os dedos cruzados sobre a mesa de reuniões. O brasileiro então se sentou e, olhando com firmeza nos olhos do amigo, continuou:

– Eu tive uma breve conversa com uma pessoa que defendeu objetivamente que a Terra está na iminência de sofrer um ataque alienígena de proporções apocalípticas, e que a alternativa de defesa escolhida pela nossa espécie é ainda mais apocalíptica. – Júlio fez uma breve pausa para respirar, esperando instintivamente que Jaime fosse demonstrar alguma reação, mas a expressão atenta do português permaneceu inalterada. - Na ocasião é óbvio que eu considerei isso um completo delírio, e sequer estaria tendo essa conversa com você se não fossem as evidências que ela me apresentou.

O doutor Barros não movia um músculo, ouvindo detidamente cada palavra que Júlio dizia, sem concordar ou mesmo dar a entender que achava aquilo um absurdo.

– Você é a única pessoa em que eu confio aqui. – Prosseguiu Júlio, alterando involuntariamente o tom de voz. – Preciso que você me diga de uma vez por todas o que é que está acontecendo nesta estação de perfuração. Eu não posso continuar a trabalhar em meio a tantos segredos e interesses ocultos.

Jaime ficou em silêncio por alguns segundos e, após descruzar os dedos, inclinou-se em direção a Júlio, dizendo:

– É tudo verdade.

Mesmo depois de tudo que havia vivenciado na JVGR, ouvir essas três simples palavras de seu amigo fez com que Júlio sentisse uma aflição sem precedentes. A realidade atrelada àquela afirmação trazia a consequência de que, fatalmente, o mundo como todos conheciam deixaria de existir em breve, sendo inundado com desolação e morte.

– Por que você não me contou nada? – Perguntou Júlio, tentando manter a calma. – Afinal, foi por meio da sua indicação que eu fui convidado a integrar a equipe de perfuração. Aliás, eu era o único da equipe que não sabia da verdade?

– Apenas eu, Erlanger e Green temos conhecimento do real propósito da base. – Disse Jaime, em tom calmo. – Me perdoe se eu não falei a verdade completa desde o princípio, mas a exigência por confidencialidade aqui excede todos os níveis conhecidos. Os únicos que podem expor tais informações são os membros do conselho e do alto escalão do exército.

– Como você consegue se manter tranquilo diante do fim do mundo? – Perguntou Júlio, sem se conter.

– No princípio eu sofri com a verdade e, diferentemente de ti, eu não tive ninguém para me abrir e discutir o quão aterradora ela era. – Explicou Jaime, adotando um tom de voz quase melancólico. – Mas com o passar do tempo eu tive que aceitá-la, pois, afinal de contas, aceitar a fatalidade faz parte da vida. Todos estamos destinados a

nascer e morrer, nosso planeta está destinado a passar por ciclos de cataclismos e eventos geológicos apocalípticos, e até mesmo o nosso sol um dia se apagará e não haverá nada que possamos fazer para impedir. Há quanto tempo tu ouves que os recursos naturais estão com os dias contados, que as florestas estão diminuindo e que dentro de cinquenta anos não haverá mais água potável para todos? Uma invasão alienígena ou uma guerra nuclear significam apenas possibilidades diferentes para um futuro inevitável.

– Eu não consigo aceitar as coisas dessa maneira. – Disse Júlio. – Não há garantias de que esse plano de colonização intraterrestre terá sucesso e, mesmo que tenha, o custo será extremamente alto.

– É um custo alto, sim. – Concordou Jaime. – Mas não há nada que eu possa fazer, pois não cabe a mim tomar as decisões. Eu poderia me rebelar, poderia sabotar o projeto, poderia até mesmo morrer de causas naturais hoje à noite e mesmo assim o plano continuaria. A verdade é que nós somos apenas pequenas engrenagens nessa gigantesca perfuratriz. As decisões nunca foram minhas, tampouco suas ou de qualquer um daqueles trabalhadores sujos de terra lá embaixo.

Júlio não disse nada, absorvendo tudo o que ouvia e buscando algo que pudesse servir de âncora diante daquele mar de fatalismo.

– Meu caro amigo. – Continuou o português. – Eu escolhi aceitar a realidade e participar deste projeto sem precedentes, em parte pelas excitantes descobertas e desafios científicos, mas principalmente porque essa é a única maneira de ter um lugar de direito nesta Arca de Noé. Se

eu fui um dos poucos escolhidos dentre tantos bilhões de seres humanos, por qual motivo eu deveria optar por uma morte sufocante e desoladora, ao invés de fazer parte daqueles que permanecerão vivos depois que o mundo estiver transformado em cinzas?

– O quanto essa Arca salvará? – Perguntou Júlio. – Levaremos conosco todas as espécies de animais e plantas? Toda a diversidade cultural e étnica da humanidade? Ou apenas o necessário para a sobrevivência dos poucos que estão sendo escolhidos? Nós dois sabemos que a maioria dos países não faz ideia desse projeto, e que nações inteiras serão obliteradas em nome de um plano que sequer temos total certeza de que vai funcionar.

– Júlio, Júlio. – Disse Jaime em tom de insistência. – É como eu te disse, a decisão não está em nossas mãos. E o plano será executado independentemente do que nós dois e todas as outras pessoas que trabalham nesta base pensem a respeito. Cabe a nós fazer o melhor possível para que possamos levar o máximo de natureza e cultura para nosso futuro lar no centro do planeta. Com a tecnologia atual poderemos armazenar quantidades impensáveis de dados sobre história, literatura, música e ciência, além de informações e amostras genéticas de seres vivos que infelizmente serão extintos, mas quem sabe um dia possam ser trazidos de volta à vida. É por isso que temos pessoas trabalhando dia e noite nas mais diversas áreas do conhecimento humano aqui.

– Eu sei, mas talvez isso não seja o bastante. – Disse Júlio. – Penso que mesmo que consigamos levar um milhão

de espécies diferentes, ainda assim será uma variedade ínfima diante da qual temos hoje. Além do mais, não poderemos levar os vales e cachoeiras da Serra Gaúcha ou as catedrais europeias, por exemplo. Será um futuro pobre e triste.

– Mas ao menos será um futuro. – Disse Jaime. – E mais importante do que levar a Capela Sistina ou as praias do Caribe, poderei levar meu irmão e minhas duas sobrinhas.

– Poderá? – Questionou Júlio. – Poderei eu levar a família do meu irmão, meus primos e amigos? Poderei mesmo levar meu filho, e até mesmo a mãe que é tão importante para ele? Qual é a garantia que temos disso? Talvez nós não sejamos nada além de engrenagens ainda menores do que você imagina, sendo iludidos com promessas feitas por aqueles que realmente estão no controle dessa operação e que, quando chegar a hora, seremos deixados para trás enquanto eles levam apenas quem é importante para eles. Afinal de contas, você mesmo disse que as decisões não dependem de nós.

– Mas nós somos úteis, somos importantes pelo conhecimento que temos e pelo papel que desempenharemos no novo mundo. – Argumentou o doutor Barros.

– Tem certeza? – Duvidou Júlio. – Quem garante que para essas pessoas nós somos mais do que trabalhadores sujos de terra cavando um buraco? Talvez, no momento que for conveniente, eles simplesmente vão fechar as portas e nos fora de sua Arca. Quantas pessoas o centro do planeta terá condições de abrigar e sustentar num primeiro momento, milhares, dezenas de milhares? Mesmo que eu seja

importante para eles devido ao meu conhecimento e participação no projeto, por que meu filho o seria?

Jaime José de Barros ficou em silêncio. Júlio ofegava e suas mãos tremiam levemente. Embora ambos estivessem com o coração e a mente acelerados, mantiveram-se quietos por vários instantes, até que o português perguntou:

– Tu tens alguma alternativa?

Júlio pensou por um momento, balançou a cabeça e levantou-se. Eles estavam literalmente diante do fim do mundo e não havia nada que pudesse ser feito para evita-lo.

– Não. – Admitiu Júlio. – Mas sei que não quero mais ficar aqui e muito menos arriscar minha vida descendo por aquele túnel, na verdade, eu sequer tenho condições psicológicas para controlar o módulo na travessia da Gacol. A única coisa que eu quero é voltar para casa e ver meu filho.

– Receio que isso não seja possível. – Disse Jaime com um ar pesaroso. – Aqueles que estão acima de nós não aceitam pedidos de demissão, muito menos daqueles que conhecem a verdade por trás da verdade. A única forma de sair daqui é sob o véu da ignorância e com o compromisso profissional de sigilo e retorno, como fazem a maioria dos pesquisadores regulares.

– Mas até onde sei, você é a única pessoa aqui que sabe que eu tomei conhecimento da verdade. – Disse Júlio, quase em tom de súplica. – Por favor, pela nossa amizade e por tudo que conversamos hoje, permita que eu parta daqui como se eu fosse um trabalhador ignorante.

– Júlio, tu me deixas em uma situação complicada. – Disse Jaime nervoso. – Que desculpa eu terei que arranjar

para que te liberem no meio de uma etapa tão importante da perfuração, etapa esta que só será possível pela tua própria contribuição?

– Diga que eu estou sem condições psicológicas e preciso de uma semana de descanso, que preciso estar presente na formatura do meu filho ou que algum parente meu faleceu. – Disse Júlio, sem conseguir pensar em alternativas mais plausíveis. – Qualquer coisa, mas por favor, me ajude a sair daqui.

O português respirava fundo e olhava fixamente para as próprias mãos pela primeira vez desde que entraram naquela sala. Após alguns instantes de silêncio e hesitação, ele engoliu em seco e disse:

– Certo. Eu acho que devo isto a ti, meu amigo.

– Obrigado! – Agradeceu Júlio, sentindo alívio por um breve momento.

– Não comemores ainda. – Disse Jaime balançando a cabeça. – Ainda não pensei em uma desculpa boa para te tirar daqui. Por hora tudo que te pedirei para fazeres é que volte para teu apartamento e arrume tuas coisas, eu direi a todos que tu estás com muita dor de cabeça e teve que ser dispensado por hoje. Tome um banho e coma alguma coisa, assim que eu inventar alguma desculpa para Erlanger eu me encontrarei contigo e decidiremos juntos a melhor forma de saíres daqui.

– Sempre soube que podia contar com você, Jaime. – Agradeceu novamente Júlio, saindo apressado da sala de reuniões.

A base estava calma e as ruas pouco movimentadas, e a caminhada do brasileiro até seu apartamento teria sido

tranquila se o mesmo não estivesse tomado pelo nervosismo. Ele tentou se acalmar, mas ao avistar um grupo de soldados alinhados em frente ao depósito de elementos corrosivos, imaginou quais ações eles seriam capazes de tomar para conter uma fuga ou um vazamento de informações, e se ele teria alguma chance de escapar dali sem a ajuda do doutor Barros.

Ao chegar no apartamento, o engenheiro apenas enxugou o suor do rosto, vestiu uma roupa limpa e confortável e organizou rapidamente alguns itens mais importantes em sua bagagem de mão. Não havia tempo para reunir tudo o que trouxera, e ele não se importava em deixar para trás algumas peças de roupa e produtos de higiene pessoal. O tablet de Vanesa, no entanto, foi colocado e retirado diversas vezes, pois Júlio estava indeciso quanto a levá-lo consigo. Embora fosse a única evidência que tinha do esquema apocalíptico conduzido na JVGR, ele temia que o objeto pudesse ser confiscado na saída da base, em algum procedimento padrão contra vazamento de informações, e ele acabasse preso ou até mesmo morto.

Já havia se passado quase uma hora desde que deixara o complexo de perfuração e, após muito caminhar ansiosamente dentro do quarto, Júlio sentiu sede e bebeu um copo de água mineral. O brasileiro estava absorto em pensamentos, lembrando-se de inúmeros momentos que passara com o filho, desde que o mesmo era apenas um bebezinho pronunciando pela primeira vez a palavra "papai", até a última vez que o vira, em frente à escola, segurando o petroleiro de brinquedo que ele lhe dera de presente. Esses

pensamentos aumentavam ainda mais sua angústia seu temor pelo futuro, afundando seu coração em desespero diante da mera hipótese de talvez nunca mais ver a pessoa que mais amava na vida.

Júlio pensou também em seus amigos e familiares, a maioria vivendo suas vidas normalmente no Brasil, ignorantes em relação ao que acontecia no meio daquele deserto na Argentina. Lembrou dos momentos memoráveis que vivera em São Francisco de Paula, especialmente com família de seu irmão (que ele considerava como sendo sua), bem como no quanto Carlos sempre fora uma pessoa incrível e companheira. O engenheiro sentia um aperto no peito por nunca ter demonstrado com palavras o quanto admirava o irmão e o respeitava, mas o relacionamento entre os dois era de tal modo brincalhão, que nunca houvera espaço para esse tipo de declaração.

Em meio à confusão de sentimentos e lembranças, vieram à tona os maiores arrependimentos de Júlio, encabeçados por aquele que, seguramente, fora o momento mais repugnante de sua vida, e que inevitavelmente destruíra seu casamento. A dor do remorso atou um nó na garganta de Júlio, que desejava de todo o coração que Helen um dia o perdoasse, pois ele mesmo era incapaz de fazê-lo.

– Júlio, abre a porta.

O brasileiro deu um salto ao ouvir a leve batida na porta e o doutor Jaime José de Barros chamando do outro lado. Seu tom de voz parecia nervoso, estranhamente hesitante. Júlio se perguntou se isso seria normal diante da situação melindrosa em que se encontravam ou se alguma

coisa de errado acontecera. Mesmo assim, não havendo nenhuma alternativa, abriu a porta.

– Olá, senhor Sampaio. – Disse Eduarda, com uma expressão séria, entrando no apartamento. Cerdan a seguiu, parecendo extremamente aborrecido, e, antes que o belga fechasse a porta, o brasileiro pode olhar nos olhos de Jaime José de Barros. Era inegável que o português o havia traído, denunciando aos seus superiores a intenção de Júlio em deixar a JVGR após descobrir a verdade por trás da base.

– Isto é pelo bem maior. – Disse ele, desviando o olhar e murmurando um quase inaudível "perdoe-me" enquanto deixava o brasileiro nas mãos daquelas duas figuras amedrontadoras.

Júlio notou um movimento de Cerdan assim que a porta se fechou, mas a paralisia gerada pelo medo o impediu de tomar qualquer atitude enquanto o belga sacava a pistola com silenciador e disparava contra seu peito. Não sentiu dor e, enquanto caía, com a visão rapidamente escurecendo, pôde ouvir Eduarda, em tom melancólico, dizer:

– I liked him.

Capítulo 7

O coração de Miqel batia intensamente enquanto ele atravessava o campo de perfuração em direção às gêmeas. Ele sabia que não havia nada que pudesse fazer para consertar a situação e salvar seu amigo, e que ele mesmo estava preso naquele buraco, prestes a fazer parte da operação mais perigosa de toda sua vida. Nesse momento, todos os seus sonhos pareciam pertencer a um passado distante, restando apenas a certeza de que jamais se tornariam realidade.

Quando chegou ao local da perfuração, percebeu que havia um bom número de pessoas vestindo roupas brancas, reunidas ao redor dos dois maquinários idênticos trazidos na noite anterior. Eles pareciam ansiosos, mas discutiam animadamente em uma língua estranha, apontando para as gêmeas e mostrando uns aos outros informações nas pranchetas que carregavam. Além deles, havia também uma dúzia de seguranças bem armados e quatro homens vestindo roupas elegantes, um dos quais Miqel reconheceu como sendo o Governador-Geral do Estado. Há uma semana ele seria incapaz de entender o motivo que levaria uma pessoa tão importante a estar naquele ambiente sujo e comum, mas hoje ele compreendia, à sua maneira, o impacto daquela perfuração na sociedade e até mesmo na realidade de todos os povos do mundo.

– Miqel, venha aqui. – Chamou Tolchard, junto a um grupo de pessoas vestidas de branco em frente à gêmea da direita.

– Estou atrasado? – Perguntou Miqel, ao se aproximar, tentando engolir as preocupações e parecer inocente.

– Quase. – Respondeu o encarregado, sem demonstrar desgosto ou repreensão. – Vá agora mesmo para a sala de instrumentos, pois dentro de alguns minutos o engenheiro-chefe vai passar as orientações finais para a operação e ele quer que todos os envolvidos estejam lá.

– Certo. – Respondeu Miqel, dirigindo-se à sala de instrumentos, localizada poucos metros atrás das gêmeas.

Miqel notou que, naquele momento, diferentemente de quando havia necessidade de manutenção ou ajuste fino em algum equipamento, ambas as perfuratrizes estavam sendo içadas ao mesmo tempo para fora dos túneis. O encarregado Tolchard, juntamente com alguns membros da equipe, iniciava um procedimento para desacoplamento completo do conjunto, orientado por dois dos homens de branco.

As salas de instrumentos que Miqel conhecera em seus anos de Perfuranc não chegavam aos pés daquela na qual ele se encontrava. Geralmente elas eram locais apertados, divididos entre sala de reunião e local de monitoração do desempenho das sondas, das brocas e da atividade externa da perfuração, com alguns equipamentos defasados em meio aos atuais. Já esta deveria ter ao menos quarenta metros quadrados e continha uma grande quantidade de dispositivos e aparelhos de alta tecnologia e último tipo,

muitos dos quais ele jamais vira e alguns dos quais ele sequer tinha ideia do seu possível propósito.

Estavam presentes na sala quatro trabalhadores da perfuração, sendo um deles Ruam, da mesma equipe de Miqel, e dois olhos puxados que trabalhavam em outro turno. Sentados em frente ao painel lateral estavam dois técnicos vestindo macacões brancos e segurando capacetes com viseiras escuras, todos parecendo bastante tensos, além de dois seguranças bem armados. Ninguém trocou uma palavra sequer durante os quase dez minutos que esperaram até que o engenheiro-chefe entrasse na sala, acompanhado por um gerente técnico de olhos puxados. Eles pararam por um instante e olharam detidamente para todos os presentes e os cumprimentaram, demonstrando que já havia certa familiaridade entre eles e os homens de branco. Em seguida, o engenheiro-chefe se encostou em uma bancada e iniciou sua explanação, sendo traduzido em tempo real pelo seu colega de olhos-puxados.

– Meu nome é Aufred, talvez alguns de vocês não me conheçam, mas sou o engenheiro-chefe desta operação e estou aqui pessoalmente para passar as orientações principais a serem seguidas nesta etapa que é a mais importante de toda a perfuração. – Disse Aufred, e sua voz era curiosamente fina para um homem daquele porte. Após uma breve pausa, ele olhou para os trabalhadores da perfuração e continuou. – Minhas determinações são especialmente para vocês quatro, pois tanto os especialistas Palo e Li quanto os oficiais Tarles e San já conhecem os detalhes da missão e estão cientes de suas funções.

Miqel ouvia o que ele dizia atentamente, amedrontado diante da situação e da postura imponente do engenheiro-chefe. Os demais colegas de perfuração pareciam intrigados, mas igualmente atentos e dispostos a absorver as informações que aquele homem estava repassando a eles, pois eram profissionais destemidos e habituados a situações de perigo extremo.

– Enquanto conversamos, os engenheiros e a equipe de perfuração estão acoplando dois módulos de controle independente às brocas gêmeas. – Continuou Aufred. – Estes módulos são resistentes a grandes pressões unilaterais e transversais, além de choques físicos com as rochas e variações de impacto gravitacional, possuindo uma grande quantidade de amortecedores internos e externos. Em resumo, são dois veículos altamente resistentes e, em tese, todos vocês estarão relativamente seguros às condições esperadas durante a travessia. No entanto, uma vez que vocês alcancem o ponto de conversão, estarão sozinhos, pois o ponto que a perfuração alcançou ontem é o mais profundo em que ainda é possível a comunicação remota e o controle feito à distância pelos técnicos aqui da base. E é por isso que cada uma das equipes contará, além de dois trabalhadores experientes e acostumados com condições adversas, com um técnico capacitado e treinado para operar manualmente o equipamento, compensando as variações em tempo real e permitindo que a travessia se realize com sucesso.

Embora Miqel soubesse o que significava a palavra "travessia", duvidava que seus colegas estivessem compreendendo o porquê daquela operação complexa e do uso de equipamentos tão avançados em uma perfuração, pois suas

expressões eram confusas diante das explicações de Aufred, o qual prosseguia falando sem demonstrar qualquer preocupação com o que os trabalhadores sentiam.

– O trabalho de vocês é simples. – Ele dizia calmamente, encostado na bancada e com os braços cruzados. – Deverão auxiliar o técnico responsável pelo módulo em tudo o que ele pedir, acionando as travas e os manobradores da forma que lhes for solicitada, com a maior rapidez possível. Embora os técnicos tenham passado por um longo treinamento, vocês têm experiência prática dentro dos túneis e são indispensáveis para o sucesso da missão. – Ele então descruzou os braços e deu dois passos à frente, continuando com um tom mais sério. – Sei que vocês sabem da dificuldade que existe lá embaixo, e do quanto aquele lugar é capaz de confundir e desorientar uma pessoa, mas precisam se manter firmes por pelo menos meia hora. Eu sei também que isso é muito mais do que qualquer trabalhador desta base já enfrentou, mas se vocês tiverem sucesso e se nossas previsões estiverem corretas, serão capazes de ultrapassar essa barreira natural e colocar o módulo de volta ao seu caminho original.

Os técnicos e os seguranças se levantaram, indicando que a explicação de Aufred estaria chegando ao fim. Miqel e os demais trabalhadores automaticamente se levantaram e se aproximaram um pouco mais do engenheiro-chefe, que olhou para a porta e disse:

– Cumpram, sem questionamentos, todas as ordens dos técnicos, levem o módulo e o tragam de volta em segurança, e receberão uma promoção e uma gratificação dez vezes maior do que a atual. Se tiverem qualquer dúvida,

perguntem aos técnicos durante o início da descida e, acima de tudo, mantenham-se firmes e calmos. Contamos com vocês para o sucesso desta missão.

Aufred indicou a porta com as duas mãos, convidando todos a se retirarem, embora ele mesmo e o outro técnico que havia traduzido sua explanação tenham permanecido na sala de instrumentos. Na sequência, as equipes foram divididas pelos dois técnicos designados para a operação, mas ficou claro que já haviam sido previamente definidas de acordo com o idioma de cada um, sendo que Miqel se juntaria a Ruam, Palo e Tarles no módulo de descida acoplado à gêmea da direita.

Após o alinhamento do equipamento na boca do túnel, não demorou muito para que a operação tivesse início sob os olhares atentos dos técnicos e dos trabalhadores da base. Centenas de pessoas observavam curiosamente as equipes entrando nos veículos, e Miqel imaginou se talvez muitos deles, assim como Ardur, imaginariam que aquilo culminaria no encontro com a civilização de homens-minhoca. Lembrar do amigo causava mais apreensão em Miqel do que a operação em si, e ele deu uma última olhada para o alto antes de entrar no módulo, sendo o último da equipe a fazê-lo.

O interior do veículo era diferente de tudo que Miqel já vira, sendo ao mesmo tempo composto por elementos mecânicos, práticos e de aspecto resistente, e painéis tecnológicos complexos. Os quatro assentos estavam dispostos em dois pares, um de costas um para o outro, com Miqel ocupando o lugar ao lado do técnico Palo, o qual começou

imediatamente a operar os aparelhos de navegação. O espaço interno era menor do que Miqel imaginara, levando em conta o tamanho total do módulo, mas não chegava a ser apertado ou desconfortável.

– Acionamento remoto iniciado. – Disse Palo, explicando o tranco inicial que colocou o módulo em movimento túnel adentro. – Temos algum tempo até que seja necessária a intervenção manual, alguém tem alguma dúvida?

– O que há abaixo de nós? – Perguntou Ruam sem rodeios.

– Ótima pergunta. – Respondeu Palo, com um leve tom de ironia na voz. – Você quer a resposta científica, filosófica ou sociológica?

– A resposta que me faça entender o sacrifício feito pelos meus amigos que morreram nesse buraco. – Disse Ruam secamente.

– Certo. – Disse Palo, mudando o tom de voz. – Abaixo de nós existe um mundo inteiro que a maioria de vocês deve conhecer apenas dos livros de ficção. De fato, o destino de nossa sociedade está inexoravelmente atrelado ao sucesso desta missão, pois como vocês bem sabem, o mundo se torna menos autossustentável a cada dia que passa, com previsões críticas de escassez de água e alimentos em decorrência do crescimento populacional.

– Continuo sem entender o motivo de procurarmos a solução desses problemas debaixo da superfície. – Disse Ruam. – O que há lá, afinal?

– E se eu te disser que o mundo que conhecemos não chega aos pés daquele que existe abaixo de nós? – Conti-

nuou Palo, agora tentado verdadeiramente convencer o trabalhador de que havia propósito naquilo que faziam. – Em pouco tempo seremos capazes de estabelecer novas cidades, e até mesmo novas nações, em uma terra de infinitas possibilidades.

– Isso me parece absurdo demais. – Disse Ruam. – Mas deve ser verdade, ou o governo não investiria tanto dinheiro neste projeto.

– Você verá com seus próprios olhos. – Disse Palo e, após verificar alguns instrumentos e enviar um eco de leitura para a base, virou-se pra Miqel. – E você? Não tem nenhum questionamento sobre nossa missão ou tem vergonha de perguntar?

– Na verdade eu tenho uma. – Disse Miqel. – Por que precisamos de um segurança conosco?

– Não precisam. – Respondeu o próprio segurança. – Minha missão começará quando a sua terminar, pois enquanto vocês voltam para a base eu ficarei e darei início aos procedimentos para o estabelecimento de um posto avançado, juntamente com o meu colega que está no outro veículo.

A resposta ríspida do segurança corpulento iniciou um silêncio que perdurou durante a maior parte da descida, interrompido apenas nas ocasiões em que Palo se comunicava com o controle ou explicava o funcionamento de algum dos equipamentos que seriam operados pelos trabalhadores sob suas ordens. Miqel utilizou o silêncio para pensar na melhor maneira de obter informações sobre o possível destino de Ardur e, ao mesmo tempo, permanecer livre de suspeitas sobre si mesmo.

– Quer dizer que quando retornarmos não haverá mais necessidade de fingir que a base tem como objetivo a exploração de aquíferos subterrâneos? – Perguntou Miqel, da maneira mais natural que conseguiu.

– Pelo contrário, pense no quanto essa revelação seria chocante para nossa sociedade. – Respondeu Palo erguendo as sobrancelhas. – É impossível prever como as pessoas reagiriam à descoberta, poderia haver caos, revoltas e propagação de informações falsas, transformando em destruição o que deveria ter sido salvação.

– Isso significa que temos que manter segredo até mesmo com nossos colegas lá em cima? – Perguntou Ruam, e Miqel agradeceu a ele em seu íntimo, pois a pergunta ajudaria a obter as respostas que ele desejava.

– Exato. – Disse o segurança Tarles, em tom enérgico, inclinando-se para o lado. – Como o vazamento de informações é considerado um crime contra o Estado e a ordem pública, as consequências permanecem sendo gravíssimas.

– Gravíssimas? – Repetiu Miqel, sem se conter.

– Correto. – Respondeu Tarles. – Mesmo a simples menção de um segredo desse nível para um colega desautorizado é considerada uma tentativa de sabotagem e um atentado intolerável à sociedade, sendo necessário o imediato julgamento do acusado pelas autoridades presentes e consequente execução sumária da pena.

– Qual é a pena? – Perguntou Ruam, tenso.

– Morte. – Disse Tarles com firmeza.

Miqel sentiu uma sensação extremamente desagradável, produzida não apenas pela recém adquirida certeza

de que seu melhor amigo provavelmente estava sendo executado enquanto conversavam, mas também por uma repentina e aguda tontura.

– Coloquem os capacetes! – Ordenou Palo, tentando manter a voz firme. – Estamos nos aproximando do pico de inversão gravitacional.

Miqel não sabia o que significava inversão gravitacional, mas colocou o capacete sem hesitar, até mesmo como forma instintiva de proteção. Nos minutos seguintes, as sensações de tontura e vertigem se tornaram cada vez mais fortes e frequentes, acompanhadas por solavancos e barulhos medonhos vindos do túnel.

– Ruam, puxe a alavanca do leme opaco até a metade! – Gritou Palo, após uma pancada que pareceu ter girado o módulo violentamente em direção à parede do túnel. – Miqel, segure firme o guidão e mantenha o prumo da broca!

A situação parecia piorar a cada nova ordem de Palo, e Miqel não sabia se o técnico estava cometendo erros ou se o ambiente estava se tornando mais e mais selvagem conforme desciam. Após uma série de pancadas violentas e barulhos ensurdecedores, os quatro foram tomados por uma sensação bizarra de que estavam de ponta cabeça, e até mesmo o técnico parecia atônito, segurando o antebraço de Miqel e dizendo:

– Acione as garras de travamento, uma de cada vez, e depois puxe de volta. – Sua voz era trêmula e Miqel temeu que suas ordens estivessem levando ao fracasso da operação. – Eu acho que vou vomitar.

O segurança se mantinha firme no assento, auxiliando no que podia, mesmo não havendo muito o que fazer diante daquela tempestade de rochas e sensações estranhas. Ruam se mostrava determinado e seguia corretamente as orientações de Palo, proferindo palavrões a cada baque que o módulo sofria. O técnico parecia sofrer imensamente com os efeitos da inversão gravitacional, mas se esforçava muito para seguir em frente. Miqel sabia que haviam deixado os trilhos e agora guiavam em meio a rocha, a qual supostamente deveria ser sólida, mas na verdade parecia mais um amontoado de pedregulhos que tinha vontade própria.

Foi então que o veículo pareceu rodar em todas as direções, caindo e subindo sem que eles estivessem de fato se movendo nessas direções. Palo pressionava os botões no painel em sua frente, tentando ler as informações enquanto o módulo chacoalhava intensamente.

– Miqel! Gire o guidão até o fim para a direita! – Gritou o técnico. – Ruam, quando eu disser você libera as garras de trilho!

O caos diminuía gradativamente, e a sensação que Miqel tinha era a de que estavam retornando pelo mesmo caminho. As colisões e barulhos se tornaram mais fracos e, após um último giro, Palo gritou para Ruam:

– Agora!

As garras foram liberadas e se fixaram da melhor maneira possível aos trilhos que encontraram.

– Miqel, acione a propulsão traseira! – Gritou Palo, e então desmaiou. Miqel puxou a trava e apertou o botão que ligava a propulsão autônoma do veículo, o qual continuou

a subida, encontrando cada vez menos resistência. Após alguns instantes, Ruam perguntou:

– Falhamos?

– Não. – Respondeu Tarles, visivelmente aliviado. – Nós conseguimos atravessar!

– Mas como, se estamos subindo? – Insistiu Ruam.

– Subindo sim, mas não de volta à base. – Disse Palo, recobrando a consciência. – Nós estamos indo em direção à superfície! A verdadeira superfície! Perceba que o lado da broca está para cima e a propulsão independente para baixo, nos impulsionando pelos trilhos.

– Como isso é possível? – Perguntou Ruam, desorientado. – Como esses trilhos foram colocados aqui?

– "Como" não é a pergunta, mas sim "quando". – Disse Palo, eufórico. – É impressionante que estejam em tão bom estado mesmo após séculos de abandono!

– Quanto tempo vai levar? – Perguntou Miqel desejando sair o quanto antes do túnel, independentemente do que estivesse esperando do outro lado.

– Algumas horas, eu diria. – Respondeu Palo. – Enquanto isso temos que continuar focados no trabalho ou vamos correr o risco de perder tudo que conseguimos até aqui. Vocês devem manter o veículo alinhado ao túnel enquanto eu faço um diagnóstico das avarias sofridas. E parabéns a todos nós! Sobrevivemos!

O tempo pareceu passar rapidamente enquanto eles se ocupavam em cumprir as determinações de Palo, o qual concluiu que, mesmo com todos os choques e sensações assustadoras, o veículo estava praticamente intacto.

– Se a outra equipe conseguiu manter a orientação dentro do pico de inversão gravitacional, devem estar subindo pelo túnel paralelo ao nosso neste exato momento. – Disse o técnico, já cansado após tantas horas se esforçando para manter o módulo operando normalmente. – E se estiverem, nós nos encontraremos dentro de alguns minutos, pois acabamos de chegar à extremidade final do túnel.

Vencer essa última etapa foi mais difícil do que Miqel imaginara, pois os trilhos estavam danificados e o túnel soterrado, necessitando novamente da operação manual da broca e dos manobradores laterais. Não demorou muito para que os quatro sentissem que a broca havia finalmente rompido a última camada de terra e o bico do módulo estivesse apontando acima da superfície.

– Desative a propulsão. – Disse Palo, desafivelando o cinto de segurança. – Vamos descer.

– Não consigo ver muita coisa pelas escotilhas, acho que estamos em algum tipo de caverna. – Disse Ruam.

Tarles balançou a cabeça em discordância, abrindo a porta do veículo e permitindo que um ar frio penetrasse em seu interior, enchendo os pulmões de todos com um ar indescritivelmente bom de se respirar. Um a um, em silêncio, eles desceram do módulo e se viram no que parecia ser uma grande quantidade de escombros e cinzas. Embora estivesse escuro, uma luz prateada iluminava as construções parcialmente destruídas que formavam aquela ruína de vários séculos de existência.

Miqel foi o último a descer e, tendo inicialmente olhado apenas para o chão onde pisava, ao levantar o olhar

percebeu que ao seu lado Palo olhava para o céu escuro, hipnotizado com a visão da lua.

– Esse é o novo mundo? – Perguntou Ruam boquiaberto e estupefato.

– Não. – Respondeu Miqel. – É nossa velha casa.

Laertes Vinicius Brignoni Jocoski

SOB, O SOL

1ª Edição

Clube de Autores
Mangueirinha
2019

ESTE LIVRO, COMPOSTO NA FONTE BOOK ANTIQUA
E EDITADO PELO PRÓPRIO AUTOR, FOI
IMPRESSO EM PÓLEN 90G PELO CLUBE DE AUTORES.
MANGUEIRINHA, PARANÁ, NO OUTONO DE 2O19